ANNO XXXII N. 272

TERÇA FEIRA 18 DE NOVEMBRO DE 1856.

Por 3 mezes adiantados 4$000.
Por 3 mezes vencidos 4$500.

Por anno adiantado 15$000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPCAO' NO NORTE.
Parahiba, o Sr. Gervazio V. da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim L. Pereira Junior; Aracaty, o Sr. A. de Lemos Braga; Ceará, o Sr. J. José de Oliveira; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Piauhy, o Sr. Domingos Herculano A. Pessoa Cearense; Pará, o Sr. Justiniano J. Ramos; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda: todos os dias, ás 9 e meia horas do dia.
Iguarassú, Goianna e Parahiba: nas segundas e sextas-feiras.
S. Antão, Bezerros, Bonito, Caruarú, Altinho e Garanhuns: na terça-feira.
S. Lourenço, Pao-d'Alho, Nazareth, Limoeiro, Brejo, Pesqueira, Ingazeira, Flores, Villa-Bella, Boa-Vista, Ouricury e Exu: nas quartas-feiras.
Cabo, Ipojuca, Serinhãem, Rio-Formoso, Una, Barreiros, Agua-Preta, Pimenteiras e Natal: quintas-feiras.
(Todos os correios partem ás 10 horas da manhãa.)

AUDIENCIAS DOS TRIBUNAES DA CAPITAL.
Tribunal do commercio: segundas e quintas.
Relação: terças-feiras e sabbados.
Fazenda: quartas e sabbados as 10 horas.
Juizo do commercio: segundas as 10 horas e quintas ao meio-dia.
Juizo de orphãos: segundas e quintas as 10 horas.
Primeira vara do civel: segundas e sextas ao meio-dia.
Segunda vara do civel: quartas e sabbados ao meio-dia.

EPHEMERIDES DO MEZ DE NOVEMBRO.
5 Quarto crescente as 3 horas 4 minutos e 48 segundos da t.
12 Lua cheia as 7 horas 23 minutos e 48 segundos da m.
19 Quarto minguante as 8 horas, 15 minutos e 48 segundos da m.
27 Lua nova as 2 horas, 24 minutos, 48 segundos da tarde.
PREAMAR DE HOJE.
Primeira as 9 horas e 18 minutos da manhãa.
Segunda as 9 horas e 42 minutos da tarde.

DIAS DA SEMANA.
17 Segunda. S. Gregorio Thaumaturgo b.
18 Terça. S. Odon ab.; S. Esiquio m.
19 Quarta. S. Isabel viv. rainha f.; S. Ponciano p. m.
20 Quinta. S. Felix de Valois; S. Octavio m.
21 Sexta. Apresentação da SS. Virgem Mãi de Deos.
22 Sabbado. S. Cecilia v. m.; S. Felemon m.
23 Domingo. 27 S. Clemente p. m.; S. Crysogno m.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPCAÕ NO SUL.
Alagoas, o Sr. Claudino Falcão Dias; Bahia, o Sr. D. Duprat; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins.
EM PERNAMBUCO.
O proprietario do DIARIO Manoel Figueiroa de Faria, na sua livraria, praça da Independencia ns. 6 e 8.

PARTE OFFICIAL

COMMANDO DAS ARMAS.

Quartel general do commando das armas de Pernambuco, na cidade do Recife, em 17 de novembro de 1856.

ORDEM DO DIA N. 369.

O marechal de campo, commandante das armas, declara, que, em virtude de deliberação da presidencia, communicada em officio de 15 do corrente, desaquartelou hontem as forças dos batalhões da guarda nacional, quinto e sexto, que por occasião das eleições primarias foram mandadas reunir nas freguezias dos Afogados e de San-Lourenço da Matta com o intuito de garantir a liberdade do voto, e manter a tranquillidade publica.

O espirito de ordem e de subordinação dos referidos batalhões, manifestado pela presteza com que se reuniram essas forças, os fazem merecedores de elogios, que o mesmo marechal de campo se apraz em lh'os dar em nome da primeira autoridade da provincia e no seu, agradecendo aos Srs. commandantes e officiaes das duas forças desaquarteladas, e em geral a todos os guardas pelo bem que serviram.

(Assignado).—*José Joaquim Coelho.*

TRIBUNAL DO COMMERCIO.

SESSÃO JUDICIARIA EM 17 DE NOVEMBRO DE 1856.

Presidencia do Exm. Sr. desembargador Souza.

Estiveram presentes os membros do tribunal, faltando com causa participada o Sr. desembargador Gitirana.

Julgamentos.

Appellantes, Fonseca Medeiros & C.;
Appellados, Rostron Rooker & C.
Ficou adiado a pedido dos Srs. deputados.

Não se julgaram mais feitos por não estar presente o Sr. desembargador Gitirana.

Foi distribuida ao Sr. desembargador Villares a appellação em que são:
Appellantes, João Pinto de Lemos Junior e outros;
Appellado, Gaspar Antonio Vieira Guimarães, como cessionario de Manoel Antonio de Azevedo.
Escrivão Albuquerque.
Appellante, Francisco Pereira de Carvalho;
Appellado, Antonio do Rego Barros.
Ao Sr. desembargador Villares.
Escrivão Martins Pereira.
Appellantes, Manoel da Fonseca Cimbres e José Antonio Pinto;
Appellado, Fortunato Cardoso de Gouveia.
Ao Sr. desembargador Leão.
Escrivão Martins Pereira.

EXTERIOR.

O VALLE DO AMAZONAS E SEUS RECENTES EXPLORADORES.

Por *Mr. H. Marie Martin*

Primeira parte.

(*Continuação*)

Missão e partida dos Srs. Herndon e Gibbon.—Passagem da cordilheira.

No mez de agosto de 1850 o tenente Herndon da marinha dos Estados-Unidos que estava empregado na estação do Pacifico e no porto de Valparaizo, recebeu o aviso de seu governo de que ia ser encarregado de explorar o valle do Amazonas. Tratou logo de reunir todas as informações que podiam ser-lhe uteis no cumprimento dessa importante missão. O almirante Hornby que commandava as forças navaes inglezas no Pacifico, muitos officiaes da marinha do Chile, um botanico inglez, que descera o Chepare e o Mamoré tributarios do Madeira, até a confluencia do Beni, o general Ballivian, ex-presidente do Chile e então desterrado, um engenheiro francez empregado no serviço do governo chileno, emfim um agente de commercio inglez apressaram-se em trazer ao tenente da marinha dos Estados-Unidos livros, cartas, chorographicas e documentos, ou o resultado de suas proprias viagens e de suas observações pessoaes. Porem foi do encarregado dos negocios do Perú junto da republica do Chile que o Sr. Herndon recebeu as mais preciosas informações e os mais uteis conselhos. Este diplomata communicou-lhe duas cartas escriptas pelo Sr. Vicente Pazos, habitante de Buenos-Ayres, o qual desde 1819 esforça-se por attrahir a attenção dos governos sobre a navegação dos rios da America do Sul. Uma dessas cartas mereceria ser reproduzida aqui. He datada de Buenos-Ayres, 2 de fevereiro de 1850 e dirigida « ao Exm. Sr. principe Luiz Napoleão Bonaparte, presidente da republica franceza. » O Sr. Pazos persuadido de que Cayenna he destinada a ser a chave de vasto commercio recorda os esforços tentados por elle junto do governo francez desde o anno de 1840 época em que as camaras occupavam-se com a questão da navegação transatlantica. Elle desejaria que se estabelecesse nos rios uma linha de paquetes que ligasse a Guyana franceza as republicas do Perú, da Bolivia, do Equador, e de Venezuela. « Todos os ministros que governaram a França até fevereiro de 1848, dizia o Sr. Pazos, approvaram meu projecto, e tomaram as primeiras medidas necessarias a sua execução. » Em 1848 elle renovou suas instancias ao governo provisorio; mas recebeu de Mr. Arago, então ministro da marinha, uma resposta desalentadora. Na carta que citamos o Sr. Pazos apoiava-se nos trabalhos recentes de Mrs. de Castelnau e de Montreval para recommendar seu projecto á attenção do principe com o calor de uma convicção inabalavel.

Depois de haver colhido essas diversas informações, e de ter admirado na deliciosa cidade de Santiago o aspecto longinquo das brancas cordilheiras e a transparencia das noites estrelladas do Chile o Sr. Herndon recebeu a ordem de ir a Lima para continuar nas bibliotecas dos conventos do Perú suas pesquizas preliminares. O viajante achou Lima mui differente do que a vira vinte annos antes. Assistio aos combates de touros que foram dados em honra da elevação do novo presidente, o general Echenique; porem o nobre amphitheatro não estava mais como outr'ora cheio da classe escolhida e elegante de Lima; o povo baixo occupava-o todo. As mulheres tinham tambem abandonado o trage nacional tão gracioso, a *saya y manto* o qual tornou-se entre ellas, bem como outr'ora o cinto dourado entre nós, um vestuario de deshonra (1). As elegantes peruanas trazem agora vestidos francezes, frequentam a Opera, e em vez da famosa planta do Paraguay, o mate, adoptaram a moda europea do cha da India. Emfim a estrada de ferro entre Lima e Callas acabou com a antiga instituição dos bandos de salteadores.

Não podendo ir a Quito consultar os preciosos archivos dos Jesuitas, os quaes tinham feito dessa cidade o quartel general de suas missões ao interior, o Sr. Herndon contentou-se de estudar as narrações dos Franciscanos reunidas e publicadas em Ocopa em 1790. Esta leitura dá ao autor norte-americano o pretexto de um assaz longo resumo historico das diversas expedições que desde um tempo mesmo anterior á conquista hespanhola passaram as cordilheiras para explorar a immensa planicie a que os Peruanos deram a designação geral de *Montana*, isto he, *lugar de florestas*.

As ultimas instrucções do governo dos Estados-Unidos foram trazidas ao tenente Herndon por um seu compatriota, o Sr. Lardner Gibbon, tambem official de marinha, e que havia de ser seu companheiro de viagem. Essas instrucções determinavam minuciosamente a natureza das indagações que os viajantes eram encarregados de colher. O fim de sua missão era fazer seu governo conhecer com exactidão, não somente o estado actual do valle do Amazonas a respeito da navegação de seus rios; o numero de seus habitantes, e sua condição social, industrial, commercial, e agricola; seu clima, seu solo, e suas producções, como tambem os generos de cultura de que elles lhes parecesse susceptivel; emfim a especie e a extenção de seus recursos commerciaes ainda não desenvolvidos, e que podem offerecer a terra, as florestas, os rios, ou as minas.

A escolha do itinerario abandonada ao juizo do chefe da expedição tornou-se para este o objecto de longas hesitações. Ja em Valparaizo e em Santiago elle cuidara nessa questão importante. Nestas duas cidades elle fora induzido vivamente a explorar os tributarios bolivianos do Amazonas.

Um alto funccionario da Bolivia, o Sr. Palacios, citado muitas vezes no trabalho de Mr. Leon Favre, depois de algumas viagens no paiz comprehendido entre o Marmoré e o Beni publicara narrações capazes de excitar o zelo de um futuro explorador. Visitara o lago Rogo-Aguado, cuja existencia permanecera até então duvidosa, e remontara somente metade do curso de Beni, o qual achara obstruido de bancos de areia e interrompido por numerosas cachoeiras, mas sobre cujas margens assignalara veias de ouro e de prata, fontes de agua salgada, carvão,

(1) Na época da passagem de Mr. de Castelnau por esta cidade, as *tapadas* (mulheres de Lima) tinham ainda esse vestuario; o viajante francez faz até a esse respeito uma exposição de costumes extremamente curiosa. (Vide as primeiras paginas do t. IV).

cal, e mesmo diamantes. O engenheiro francez, de que fallamos, declarara-se tambem a favor da estrada do Beni, ponderando ao Sr. Herndon que teria a honra de ser o primeiro em descrever uma região desconhecida.

Emfim o general Ballivian não pleiteara menos calorosamente a causa dos rios de seu paiz, onde preparava-se então para fomentar nova revolução. A todas essas fortes sollicitações o tenente dos Estados-Unidos respondera com uma objecção capital: os rios da Bolivia te-lo-hiam conduzido ao Amazonas a um ponto mui baixo, de sorte que para completar a exploração deste grande rio teria sido mister remonta-lo em dous terços de seu curso, isto he, começar então uma expedição nova, que por si só teria exigido muitos annos, e teria exposto os viajantes a um accrescimo de fadigas talvez impossiveis de supportar até o fim.

Em Lima o Sr. Herndon achou-se diante de tres interesses rivaes. Desde tempo immemorial a questão de uma estrada atravez dos Andas que ponha o Perú occidental em communicação com o resto do continente e por conseguinte com o Atlantico, fez nascer o ciume entre os valles de Huanuco, de Chanchamayo, e de Paucartambo, situado a leste de Cuzco. Este ultimo era fortemente recommendado ao viajante por um deputado ao congresso, que entregara-lhe uma brochure intitulada: « O brilhante futuro de Cuzco, » na qual o autor, frade italiano, declarava ter visto das alturas de Acobamba as sinuosidades do grande rio navegavel, *Madre de Dios*, o mesmo que na sua opinião lança-se no Amazonas com o nome de Purus, um pouco acima da Barra do rio Negro.

Apoiado na realidade da vizinhança desse rio, e na sua identidade com o Purus, he que o religioso franciscano justificava a seductora promessa contida no titulo de sua brochura. O Sr. Herndon não duvidava de que existisse com effeito nessa região um rio importante: todos os viajantes precedentes fallavam delle desiguando-o todavia com nomes diversos, e o testemunho das tribus indias confirmava essas narrações.

O desejo de explorar esse grande rio desconhecido não era o unico motivo que induzia o viajante a preferir o valle de Paucartambo e a estrada de Cuzco. Fallava-se muito de minas de ouro descobertas em 1849 em Calabaya, perto da antiga capital do Perú, mas as contendas a que tinham dado lugar as questões de prioridade de descoberta e de direito de exploração tinham tido como resultado o quebramento das pontes, a destruição das estradas, e mesmo a extincção de todos os vestigios que podessem guiar o viajante.

Além disto as falsas indicações espalhadas pelas partes interessadas tornavam de alguma sorte necessaria uma terceira descoberta dessas minas de ouro de Carabaya; porque são ellas que parecem ter fornecido aos primeiros colonos hespanhoes, repellidos depois pelos Incas, os immensos thesouros que contribuiram para o explendor da corte de Carlos V. Emfim a provincia de Carabaya recommenda-se de si mesma pelas producções de seu solo, e pela importancia commercial a que podia ser destinada. Mas tomar essa estrada de Cuzco, vizitar essa provincia, lançar-se a' cata dessas minas de Carabaya e do grande rio desconhecido, era ainda dirigir-se para o territorio da Bolivia ou ao menos para o Purus, isto he, pôr-se na obrigação de alcançar o Amazonas sem ter descido a parte mais alta e mais interessante de seu curso.

Chegando a Tarma o Sr. Herndon pôz termo a essa perplexidade tomando sobre si a responsabilidade de dividir a expedição em dous grupos, dos quaes um sob a direcção do tenente Gibbon devia tentar a descoberta do famoso rio desconhecido, e o outro commandado por elle mesmo devia explorar o alto Amazonas.

Por conseguinte entregou ao Sr. Gibbon uma ordem escripta, pela qual encarregava este official de ir a Cuzco, percorrer a região que estende-se a leste da cidade e verificar se o Madre de Dios e o Purus formam um só e mesmo rio; e no caso de apparecerem difficuldades insuperaveis ao cumprimento dessa missão, dirigir-se para a Bolivia, descer as montanhas de Cochabamba, embarcar no Mamoré, e ir ao Amazonas seguindo o curso desse rio e o do Madeira, do qual he tributario. Este plano duplicado tinha a vantagem de assegurar a exploração de uma parte da bacia meridional do Amazonas ao mesmo tempo que permittiria ao Sr. Herndon examinar a possibilidade de estabelecer communicações entre Lima e as aguas navegaveis mais visinhas que correm para esse grande rio; de visitar a região metallifera mais rica e mais productiva do Peru'; e de observar por si mesmo o curso quasi inteiro do Amazonas; emfim de reunir preciosas informações sobre essa planicie immensa chamada *Pampa del Sacramento*, mettida entre quatro rios grandes, e a respeito da qual diz-se no *Viagero Universal* de Ulloa, que os dous continentes da America não contém nenhuma região tão fertil e tão favoravelmente situada.»

Para a partida de Lima foi marcado o dia 20 de maio de 1851: os viajantes haviam de atravessar juntos a cordilheira dirigindo-se para Tarma, isto he, cortando os Andas quasi em linha recta.

O caminho ordinariamente seguido para ganhar a *montãna* toma a direcção do norte e costeia a cordilheira passando pelas cidades de Trouxillo, Caxamarca, Chachapoyas, Moyobamba, etc. Entre estes tres ultimos pontos uma brecha enorme separa os Andas, e dá passagem ao viajante, o qual evita assim uma subida penivel.

O Amazonas, ou antes o Maranhão que he preciso atravessar para ir de Caxamarca a Chachapoyas apresenta aqui, segundo diz o tenente inglez Maw, uma largura de sessenta jardas, e precipita-se entre duas cadeias de montanhas, cujos cumes elevando-se de cada lado de seu leito perdem-se nas nuvens. Este lugar fica apartado obra de tres gráos ao norte da origem do rio no lago Lauricocha; mas os numerosos *pongos* ou lugares de rapidez não tornam o Maranhão realmente navegavel senão muito mais abaixo, e depois do *pongo* de Manseriche junto da aldeia de S. Borja.

Atravessando os Andas em linha recta até Tarma, o Sr. Herndon desprezava, pois, o Maranhão, o qual aliás não teria podido navegar; portanto he o mais occidental dos rios tributarios, o Hoallaga, que ha de conduzi-lo ao Amazonas a um ponto assaz proximo, mas abaixo do pongo de Manseriche.

Assim, a 20 de maio de 1851 depois de minuciosos preparativos que fora inutil expor aqui, a expedição sahio de Lima pela porta das Maravilhas (*Puerta de Maravillas*).

Ella compunha-se dos Srs. Herndon e Gibbon, de um joven Peruano muito esclarecido, D. Manoel Ijurra, engajado na qualidade de interprete, de muitos criados, de um Indio, e do arrieiro encarregado de conduzir as sete mulas que levavam as armas, as provisões, e o resto do material.

Os viajantes seguiram uma estrada lisa e pedregosa, tendo a' direita as villas de Miraflores e de Chorillos, rodeadas de verdegantes plantações de canna e de alfalfa, especie de luzerna, cujas bellas folhas tem cor verde-escura; a' esquerda e atraz o valle de Rimac com sua abundante vegetação; mas adiante delles a paizagem estendia-se severa e arida. Pouco antes de anoitecer chegaram a uma *hacienda* (fazenda) chamada Santa Clara. Ficaram sorprezos de ver o aspecto de miseria e falta de asseio que apresentava essa casa, alias tão vizinha da grande cidade de Lima.

Tres milhas mais adiante alcançaram a hacienda de Pacayar, cujo *mayordomo* ou administrador que era um jovial e intelligente *chino* (nascido de um negro e uma india) mandou-lhes preparar uma ceia composta de uma sopa mui clara, chamada *caldo*, e de um prato de *chupé*.

O *chupé* he geralmente usado na Sierra; he uma misturada em que entram batatas, queijo, toucinho, e muitas vezes carne. A hacienda pareceu-lhes em estado de cultura assaz mediocre; os instrumentos aratorios eram pesados e grosseiros. A casa construida de *adobes*, ou tijolos endurecidos ao sol, e coberta de telhas, compunha-se de uma só sala em torno da qual reinava uma muralha interior de barro, tendo dous pés de altura e tres de largura, especie de divan continuo que servia de leito aos dormidores.

No dia seguinte elles continuaram a viagem; o valle estreitava-se cada vez mais, as collinas appareciam mais aridas e pedregosas. Ahi encontram-se poucos vestigios de cultura; o solo esta' quasi inteiramente coberto de arbustos que são o vimeiro e uma especie de acacia chamada *sangre de christo*, a qual produz uma fava grande e da flores vermelhas e brilhantes. Porém o arbusto mais notavel, posto que seja o mais commum nesse paiz d'onde he indigena, e posto que encontre-se frequentemente cultivado no meio-dia da Europa, he o *mollé*, o qual tem folhas delicadas como as da acacia e da enormes cachos de bagas vermelhas. Antigamente os Incas serviam-se, e ainda hoje algumas tribus indias servem-se desses fructos para fazerem uma bebida muito estimada sobretudo como mesinha. A madeira do mollé he combustivel preciosa, pois cresce geralmente em um lugar despojado de arvores. Attribuem-se as suas cinzas propriedades alcalinas, pelo que he mui empregado pelos refinadores para clarificar o assucar. Quando são apertadas as folhas desse bello arbusto exhalam um cheiro forte e aromatico; segundo um preconceito indio, o infeliz que adormecesse debaixo do mollé cahiria pouco a pouco em um entorpecimento seguido de morte certa.

Plantações de trigo e de alfalfa annunciaram aos viajantes que chegavam a' aldeia de Cocachacra, povoada por uns cem habitantes, e residencia de um subprefeito ou governador de provincia. Esta provincia que tem o nome de Huarochiri, começa a dezoito milhas de Lima; tem 19 milhas de extensão de noroeste a sudoeste e 72 de largura; conta 11,200 habitantes que trabalham nas minas, cultivam batatas, criam gado ou exercem a profissão de arrieiros. As casas bem como todas as da Sierra são construidas de pedra ou de adobe e cobertas de palha.

Ao sahir desta villa o valle torna-se tão estreito que foi preciso talhar um nivel para a estrada atravez dos rochedos na encosta da collina; pois ahi os rochedos formam montanhas e não deixam brotar em seus intersticios senão o solido cardo. Todavia nessa estrada os viajantes avistaram as ruinas de uma cidade india, cujas casas eram assentadas sobre terraços talhados na montanha. Atravessaram depois a aldeia de Surco, a maior que tinham encontrado; pareceu-lhes poder alojar 500 ou 600 pessoas, mas estava deserta, todas as portas estavam fechadas; porque os habitantes occupados durante o dia atraz das collinas em tratar de suas plantações ou em guardar seus rebanhos só voltam para a casa de noite.

He ahi que termina a região chamada a encosta, e que começa a Sierra. As febres intermittentes que reinam as vezes abaixo, nunca alcançam esse ponto elevado, onde uma primavera perpetua substitue o inverno e o verão. Ahi nunca chegam os frios nevoeiros nem os calores oppressivos que descem sobre o litoral. Ahi encontram-se e neutralisam-se as correntes atmosphericas que vem da encosta e do cume da montanha. Da reunião destas duas influencias extremas resulta um clima delicioso, uma temperatura uniforme, de que os doentes de Lima vem muitas vezes gozar. He tambem nessas *cabezadas* ou meias montanhas que gostam de repousar as pessoas doentes do peito, obrigadas a ir procurar saude nos ares ainda mais beneficos de Tarma e de Juaxa.

Nesse dia, o quinto da viagem, a caravana repousou na bella fazenda de Mayoc, situada em um valle delicioso e assaz largo para conter algumas plantações de trigo e alguns prados de luzerna. O Rimac ahi precipitava harmoniosamente suas aguas entre suas ribanceiras cobertas de salgueiros. Muito tempo depois que a noite lançou suas trevas no fundo desse ninho gracioso, os viajantes tiveram o prazer de ver brilharem ainda aos raios do sol os cimos nevosos e ja um pouco apartados da colossal cordilheira.

As producções dessas altas collinas são o milho, a alfalfa e as batatas, das quaes ha muitas especies, entre outras a *oca* (oxalis tuberosa, de gosto muito agradavel, e mesmo um pouco assucarado; e a *ulluca* (tropaolum tuberosum) mais glutinosa e de sabor menos delicado.

A uma milha de Mayoc encontra-se a cidade de Matucana, capital da provincia de Huarochiri, e quasi da mesma importancia que Surco. Onze milhas mais adiante acha-se a aldeia não menos consideravel de San Matheo, situada 10,200 pés acima do nivel do mar, e cujos habitantes parecem assaz satisfeitos, apezar de sua indigencia e de sua falta de asseio. Elles não tem nenhum cuidado de ganhar dinheiro, e respondem nos sempre que não possuem aquillo que lhes pedimos e que queremos comprar.

O vestuario das mulheres da Sierra differe do dos habitantes da encosta. Consiste em uma saia muito estreita e um corpinho geralmente azul, de fazenda grosseira comprada em Lima, com um cinto de lãa de varias cores, tecido por ellas mesmas. Trazem tambem um avental de lãa suspenso ao hombro direito e cahido sobre o lado esquerdo. Para abrigarem-se da frieza da manhãa e da noite, ellas envolvem-se em um manto de lãa que lhes desce até o meio do corpo. Emfim um chapéo de palha alto e de abas largas e sapatos de couro não preparado atados por uma correia as pernas, completam este vestuario ao mesmo tempo primittivo e civilisado.

Os viajantes fizeram em San Mateo e nos arredores uma pousada de alguns dias, os quaes empregaram em visitar as minas. Foram primeiramente a uma *hacienda*, onde submette-se o mineral ás primeiras operações necessarias depois de sua extracção. A estrada que conduzio-os em tres horas a esse estabelecimento he guarnecida de muros naturaes de grande altura, e de profundos barrancos. A terra ahi apresenta no seu esqueleto gigantesco: não são mais rochedos, porém montanhas de pedras, cujos cimos grisalhos chegam a uma altura prodigiosa. A hacienda forma um quadrado rodeado de construcções baixas que comprehendem o moinho, os fornos, as officinas, os armazens e os aposentos dos obreiros. Estes em numero de quarenta pouco mais ou menos são Indios da Sierra, de estatura pouco elevada, de physionomia estupida, mas ardentes e robustos. Brandos e pacientes executam sem murmurar os mais longos e mais rudes trabalhos, comtanto que não lhes falte a coca.

A coca he o vegetal mais util aos Indios do Perú. Elles mettem algumas folhas della na bocca, e depois com uma longa agulha de ponta humidecida tiram de uma cabaça que trazem suspensa ao pescoço alguns grãos de um pó esbranquiçado; he algumas vezes a cinza do mollé ou da bananeira, e quasi sempre cal pulverisada; por meio da agulha introduzem depois com admiravel destreza esse pó nas folhas de coca reduzidas a uma bola sobre a lingua. Assim preparada mascam lentamente a coca (2). Esta operação dura uniformemente quarenta minutos, e em viagem sua duração serve para medir as distancias; assim elles dizem uma coceada, isto he, o tempo de uma mascação de coca, o que equivale a uma caminhada de quasi duas milhas inglezas. Para os Indios a coca possue propriedades excitadoras de tal força, que substitue muitas vezes todo o alimento durante muitos dias consecutivos. O sabio viajante allemão, Von Tschudi refere que empregou um Indio em um trabalho dos mais fatigantes durante cinco dias e cinco noites, sem outra interrupção mais do que duas horas de repouzo em cada noite, sem outro alimento senão as folhas de coca; que immediatamente depois desse trabalho penivel o Indio, alias de 60 annos de idade, acompanhou-o durante dous dias em uma viagem de 33 leguas a pé, e que mesmo então declarou que estava prompto para supportar de novo as mesmas fadigas sem alimento, comtanto que tivesse sufficiente quantidade de coca (3).

Entretanto habituado á vida dos tropicos o Sr. Herndon não pode reter um estremecimento quando vio os Indios da hacienda no meio de uma massa de lodo e de mercurio, tendo as pernas nuas mettidas em uma agua, cuja temperatura era de trinta e oito graos de Farenheit. Esses desgraçados ganham meio dollar por dia, mas o chefe da hacienda que fornece aos seus obreiros as provisões de que elles necessitam, tem sempre o cuidado de que lhe fiquem devedores de maior somma, o que os torna por assim dizer escravos de seu estabelecimento; porquanto por um uso que tem quasi a força de lei, ninguem toma para seu serviço a um Indio individado para com seu patrão: assim não resta a esse Indio desgraçado outro meio de recobrar sua liberdado senão a fugida para uma região longinqua, onde não seja conhecido.

As minas de prata de que depende essa hacienda distam della duas leguas. Seus trabalhos custam trinta mil dollars por anno, e seu rendimento annual he de setenta mil dollars.

Voltando dessa excursão os viajantes viram um bando de lamas que servem para o transporte do mineral. O lama, chefe do bando, escolhido por causa da superioridade de sua estatura, a qual chega a quasi seis pés, caminha adiante, e traz com certa graça magestosa a cabeça ornada de flocos de lãa de diversas cores, dos quaes pendem campainhas. Esses animaes podem supportar uma carga de obra de cento e trinta libras, mas sabe-se que o lama he obstinado, pois quando querem-lhe impor um fardo mais pesado, e quando excede suas forças naturaes, elle para, deita-se, e prefere ser espancado até morrer a continuar seu caminho. Apezar de seu caracter brando e docil, seu olhar torna-se feroz quando irritam-no, e elle lança então uma saliva extraordinariamente acre que produz sobre a pelle os mesmos effeitos de um vesicatorio. Somente os machos são empregados como bestas de carga. Os viajantes viram tambem sobre as montanhas muitos bandos de vicunhas (*vicunas*) animaes selvagens, que assemelham-se muito ao lama, ao guanaco, e a alpaca, mas cuja lãa he muito mais fina e preciosa que a desta. Um sabio de Lima obteve um cruzamento entre a vicunha e a alpaca, e desse producto novo, chamado —paco-vicuna— resulta uma lãa que reune a finura da de vicunha á consistencia da de alpaca. Mr. de Castelnau dá interessantes estatisticas sobre o commercio que faz o Peru com a lãa desses diversos animaes. (4)

(2) Neste costume de misturar a planta com uma pequena porção de cal Mr. de Castelnau faz observar uma coincidencia curiosa com a maneira de preparar o batel na India.

(3) Mr. de Castelnau fallando dos poderosos effeitos deste vegetal faz uma observação que não merece ser desprezada: « Esta planta que vem dos valles quentes da Cordilheira possue, diz o viajante, as virtudes estimulantes mais extraordinarias: só com o seu auxilio os Indios fazem viagens forçadas de mais de cem leguas, e posto que muito emmagrecidos, parecem todavia ao chegar ter conservado todas as suas forças... Creio que a introducção da coca na Europa offereceria grandissimas vantagens; poderia ser distribuida aos soldados nas grandes marchas, e algumas caixas bem fechadas embarcadas a bordo dos navios seriam grande auxilio em certos casos de naufragio. » (T. III, pp. 348 e 349.

A expedição deixou San-Maleo no 1.° de junho. A estrada continuava sua subida atravez dos rochedos costeando os precipicios. As pedras ahi eram porphyro vermelho, e de cada lado do valle que não era mais do que uma estreita quebrada, no fundo da qual fervia uma torrente, o muro elevava-se perpendicular a altura de quinhentos pés. A luzerna desapparecera cedendo o lugar a uma relva escassa apenas sufficiente para o alimento das mulas. Todavia algumas couves crescem nas hortas de Chiglla, aldeia de quatrocentos ou quinhentos habitantes perdida nessas alturas. Pouco depois as montanhas pareceram menos elevadas, e a uma volta da estrada appareceram de repente os cumes nevosos da Cordilheira diante dos viajantes sorprezos de acha-los tão baixos. No dia seguinte as duas horas da tarde chegaram ao ponto mais alto da estrada chamado a passagem de Antarangra ou da—rocha de cobre—(dezeseis milhas e quarenta pés acima do mar. Os dous officiaes fizeram suas mulas tremulas e esbaforidas subir o cume da collina, donde não avistaram em torno de si senão porphyro, neve e granito. Esse espectaculo não tinha nada da grandeza selvagem e sublime que elles haviam esperado. Os picos mais elevados de que aquelle em que estavam, pareciam-lhes baixos e faltos de magestade. O contraste produzido pela vista simultanea das neves que cobriam as collinas inferiores, da folhagem o brilhante dos oiteiros visinhos da planicie, e emfim dos pequenos lagos que dormiam tranquillamente no fundo de alguns valles, dava á paisagem um ar de belleza mais calmo do que grandioso.

Emquanto o Sr. Gibbon tirava uma vista da Cordilheira por meio da *camera lucida*, o guia estremecia com a *veta*. A *veta* (ou o soroche) he a indisposição produzida pela rarefacção da athmosphera nessas grandes alturas. *Veta*, veia (Mr. de Castelnau escreve *beda*) he o nome que os Indios lhe dão, porque imaginam que he causada por exhalações envenenadas sahidas das veias de metal. Os symptomas dessa indisposição são violentas dores de cabeça, inflammação das fontes, difficuldade de respirar, e resfriamento das extremidades. Dizem que o alho he preservativo contra ella. Por isso os arrieiros esfregam com elle as ventas e os olhos de suas mulas antes de subirem a essas ultimas alturas.

Deixando o cume de Antarangra os viajantes desceram por uma vereda aberta na ilharga da montanha, a qual conduz-os successivamente as margens de tres lagos pequenos situados a differentes alturas; são o Huacracacha, ou lago do Corno, o Morococha ou lago Colorido, nome que vem-lhe da variedade de cores que apresentam suas aguas, cuja superficie placida reflecte as montanhas circumvizinhas vermelhas, verdes, e amarellas; emfim o Huascacocha ou lago da Corda.

Apenas a uma distancia de sessenta milhas da margem do mar, a expedição ja tinha passado o grande limite que separa as aguas do Atlantico das do Pacifico. Os ultimos passos das mulas tinham operado uma mudança completa na posição geographica dos viajantes: acabavam de passar a linha de communicação com o Pacifico, e he para o Atlantico, apezar da distancia de suas praias, que elles tem de ora em diante o rosto voltado; he para esse novo oceano que se dirigiram as aguas que correm a seos pés depois de atravessarem um continente inteiro. Ei-los pois diante do valle do Amazonas, cujos rios querem sondar, cujas planices, florestas, e aguas querem explorar, cujos recursos activos ou occultos querem investigar, procurando adevinhar o que o futuro reserva a essa vasta região do globo, para a qual o negro pennacho de um paquete a vapor, será o signal do movimento e da vida. Porquanto de tal acontecimento datará nessas regiões a aurora de uma civilisação, cujos germens vigorosos ainda dormitam, mas cujo magnifico desabroxamento já se entrevê.

Os dous officiaes da União Americana lançaram um olhar enthusiastico para o lado desse immenso e rico territorio. Que variedade de clima, de solo, e de producções? Podiam elles exagerar a importancia desse bello valle, cujos largos rios pareciam-lhes destinados a trazer tantos thesouros ás margens nacionaes do Mississipi? Alem disto acabavam de entrar no districto das minas celebres do Perú; das entranhas dessas montanhas sahira a mór parte da prata que circula na Europa, e elles perguntam o si mesmos senão seria possivel por meio do commercio e da navegação a qual os ventos e as marés promettem ser tão favoravel ao seu paiz, desviar o curso dessas riquezas, e dirigi las para os Estados-Unidos onde essa prata seria tão util para contrabalançar o ouro enviado pela California e pela Australia. Mas abandonemos os dous officiaes americanos as suas reflexões patrioticas.

Chegaram as minas de cobre e de prata exploradas por Allemães, mas cujo valor não poderam conhecer; o director somente dignou-se de dizer-lhes que o mineral era mui rico. A 18 milhas da hacienda acha-se tambem uma mina abundante de carvão.

Depois de ter operado a subida do Puy-Puy, cume que dizem ser ainda mais elevado que o de Chimborazo, os viajantes seguiram o valle dos Lagos, e entraram no de Yanli. Pousaram em uma pequena aldeia chamada Pachachaca, cujos habitantes pareceram lhes mais industriosos que os do outro lado da Cordilheira; ahi viram tambem bellas plantações de cevada e de legumes; o unico combustivel ahi era a taquia ou excremento dos animaes deseccado. Pouco a pouco a proporção que elles passavam as collinas, a vegetação reapparecia, a cevada o trigo, a luzerna, depois moutas, arvores, e flores, até que avistaram a pequena cidade de Tarma mettida entre collinas, rodeada de salgueiros, e de arvores de fruto, e precedida por vastos campos de alfalfa, a mais verde todas as relvas. Esta vista promettia lhes um bello lugar de repouso depois da passagem penivel da arida Cordilheira.

Tarma he uma cidade de sete mil almas pertencente á provincia de Pasco e ao districto de Junin; suas casas são construidas com *adobe*; as mais bellas são caiadas por dentro e por fóra. No domingo, dia de feira, vê-se ahi uma scena assaz animada e pittoresca: os habitantes do campo vêem nesse dia vender os objectos que fabricaram, os *ponchos*, as cobertas, os sapatos, e os chapeos de lãa de vicunha; comprar coca, fazendas de algodão, e *aguardiente*, e depois ouvir missa.

As ceremonias religiosas são muito honradas em Tarma; as festas multiplicam-se todos os dias, graças a um uso pelo qual toda a pessoa cedendo a motivos ou de ostentação, ou de piedade real pode fundar uma solemnidade, cujas despezas paga. Eis aqui como pratica-se esse uso singular. Durante ou depois do serviço divino, qualquer pessoa chega-se ao altar, inclina-se, e proclama sua intenção ser o *Mayordomo* ou administrador de tal festa (quasi todos escolhem a do seu padroeiro) o sacerdote abençôa depois o fundador, o qual fica assim obrigado, como tambem seus descendentes, a prover a celebração annual da festa que instituio. A maior despeza nessas occasiões he a illuminação completa da igreja, a qual he adornada de velas desde o chão até o tecto. As mais ricas senhoras emprestam nesse dia suas joias e outros objectos para ornar as imagens e as bandeiras levadas nas procissões. A musica, os sinos, as girandolas de foguetes, os fogos de artificio, as dansas indias, concorrem tambem para essas solemnidades frequentes. Os dansadores tomam um trage de varias côres que affirmam ser o dos antigos indios. Produzem um som monotono com uma especie de gaita acompanhada por um tamboril; usam tambem de *cascabeles* presos aos joelhos e aos pés. Infelizmente quasi sempre essas festas são terminadas por scenas de desordem e de embriaguez. Segundo os testemunhos colhidos pelo Sr. Herndon o clero secular do Perú, salvas as honrosas excepções, não goza de grande estima; em compensação o mesmo viajante concede aos membros das communidades religiosas e particularmente aos missionarios, os quaes são quasi todos estrangeiros, Hespanhóes ou Italianos, uma consideração merecida, e he ao seu zelo, á sua energia, as suas luzes que elle attribue a maior parte das conquistas e da influencia peruanas.

A uma legua de Tarma está situada uma fazenda fundada e administrada por um velho general chamado Ottero, o qual a força de paciencia, trabalho, e dinheiro, convertêo um lugar arido e pedregoso em campos de admiravel cultura, em jardins onde crescem legumes, pêras, pecegos, morangos, amendoas, até videiras; e tambem rosas, cravos, pensamentos, jasmins, e geranios. He certo que tanto as flores como os fructos não eram de qualidade superior; mas sua presença em lugar tão frio e tão elevado já era quasi um prodigio.

(4) Este sabio insiste sobre a utilidade que haveria em introduzir o lama no mundo antigo, principalmente nos Alpes e nas montanhas da Algeria, Vide o seus serviços poderiam ser immensos. (t. IV, pp. 102 a 107.

Seria difficil dar indicações precisas sobre o valor do solo desse paiz; elle depende da posição e da qualidade mui variaveis do terreno. Em geral uma geira fornece quarenta e tres alqueires de milho; as batatas ahi produzem bem.

Um dos primeiros alimentos das classes pobres he a *cancha* ou milho torrado. A bebida ordinaria he a *chica*, liquor feito com milho fermentado; tem côr de rosa, gosto muito agradavel, e espuma como o champagne.

A população do districto de Tarma eleva-se a dez ou doze mil almas; compõe-se de brancos na duodecima parte, entre os quaes conta-se um francez que exerce o officio de padeiro, de mestiços pela metade, e de indios pelo resto: os negros são ahi mui pouco numerosos.

Antes de retirar-se os Srs. Herndon e Gibbon fizeram uma excursão para adiante de Tarma ao fertil valle banhado pelo Chanchamayo, mas desde poucos annos somente entregue á cultura por causa dos ataques e dos roubos commettidos pelas tribus indias.

Em 1847 os Indios hostis foram repellidos para além do Chanchamayo e do Tulumayo, e a fortaleza de San Ramon foi construida na reunião dos dous rios. Protegidos por esse reducto estabeleceram-se ahi colonos que arrotearam o solo, e agora vêem se ondear os cannaveaes, e brilhar a flôr amarella do algodoeiro, e a baga vermelha do cafeeiro.

A milha e meia da *chacra* ou fazenda do general Ottero entra-se na cidade de Acobamba, a qual contem mil e dozentos a quinhentos habitantes; seis milhas mais longe acha-se Palca, cidade de mil almas. Depois de dous dias de jornada os viajantes chegaram as ultimas collinas da cadeia oriental dos Andas.

A estrada que os conduzira ao pé dessa encosta da Cordilheira não os obrigára a uma só subida; desde a passagem de Antarangra elles tinham seguido um plano inclinado. Na realidade essa estrada atravessa as duas cadeias dos Andas; porém as aguas que descem da primeira, ou cadeia occidental, cavaram uma passagem a través da segunda, e abriram assim gargantas profundas, nas quaes a estrada foi aberta entre os picos da cadeia oriental que elevam-se muitos milhares de pes acima da cabeça do viajante.

Foi dahi emfim que os dous officiaes poderam pela primeira vez repouzar a vista sobre a famosa *montãna*, cujo pensamento tantas vezes os tinha enthusiasmado. Mas em vez de espectaculo que haviam sonhado de uma planicie sem limites alternativamente coberta de florestas e de relva, e entrecortada pelas mil sinuosidades de um rio magestoso, descobriram um lugar levemente montanhoso, coberto de arvores e de arbustos de toda especie, entre os quaes corria em leito pedregoso, um rio sem nome.

A 19 elles chegaram ao forte de San Ramon, ponto extremo de sua excursão. A elevação de San Ramon acima do nivel do mar he de dous mil e quinhentos pés inglezes, e corresponde a pouco mais ou menos a de Yanacoto, *pueblo* situado ao pé da cadeia occidental dos Andas do lado do Pacifico. Todavia Yanacoto dista somente vinte e oito milhas da margem do mar, entretanto que San Ramon fica a quatro mil milhas do Atlantico, contando as voltas do Amazonas, e a duas mil e quinhentas milhas pelo menos em linha recta.

A distancia percorrida pelos viajantes em sua completa passagem da Cordilheira he de cincoenta e nove milhas entre Yanacoto e Antarangra, e de oitenta e oito milhas desse cume até San Ramon.

O forte está armado de quatro peças pequenas, e contem uma guarnição de quarenta e oito homens. Todavia forças tão limitadas bastam para abrigar os colonos do valle, e infundir respeito aos indios, os quaes abandonaram toda a idéa de recobrar o territorio que perderam; mas de quando em quando assignalam sua presença pelo incendio, e parecem determinados a disputar a passagem dos dous rios e a oppor-se a novas conquistas. Muitas vezes tem-se tentado estabelecer com elles relações amigaveis; porem taes tentativas não tem tido outro resultado senão infundir-lhes maior desconfiança dos brancos, aos quaes elles vigiam incessantemente. He mesmo impossivel chegar a margem do rio sem expôr-se a receber frechas envenenadas.

As principaes producções do valle de Chanchamayo são milho, canna, coca, yucca, annanaz, bananas, café, e algodão. Os trabalhadores ahi são tratados segundo o mesmo systema e sujeitos a' mesma servidão que os mineiros da Sierra. A yucca he uma variedade de mandioca, e substitue o pão no Peru' assim como a mandioca no Brasil. Os indios fazem tambem della uma bebida muito embriagadora a que chamam *masato*. O café produzido pelo valle de Chanchamayo he de qualidade excellente. O Sr. Herndon declara que he o melhor que elle tem tomado. Em summa esse valle que está ainda mui longe de ser inteiramente arroteado, offerece um terreno admiravel e não padece duvida que attrahirá numerosos colonos logo que a autoridade fôr assaz forte para extinguir nos espiritos o temor dos selvagens. Então os estabelecimentos poderão estender-se sem perigo até as aguas navegaveis do Ucayale, o qual dará naturalmente sahida aos productos variados dessa fertil região.

Voltando de Tarma os viajantes encheram de alegria os habitantes, aos quaes deram parte da impressão favoravel que lhes causara o valle de Chanchamayo; mas quando elles souberam que os Srs. Herndon e Gibbon iam visitar outros valles vizinhos, essa alegria foi perturbada pelo receio de que os dous officiaes dos Estados Unidos descobrissem em outra parte vantagens maiores e titulos melhores ao privilegio tão desejado de uma estrada que ponha essa encosta da Cordilheira em communicação com o Amazonas.

Foi ahi que os dous viajantes resolveram separar-se, e emprehender cada um, como dissemos uma expedição particular; o Sr. Herndon se dirigiria ao norte para embarcar no Huallaga e alcançar o Amazonas perto do seu ponto mais navegavel; o Sr. Gibbon voltaria para o sul e tomaria a direcção dos celebres minas de mercurio de Huancavelica e da cidade imperial de Cuzco, para ir reconhecer as fontes da *Madre de Dios*, e lançar-se em busca d'esse rio desconhecido.

Continuaremos a acompanhar ao Sr. Herndon até o Amazonas, visto que temos como elle a intenção de descer o rio; depois lançar-nos-hemos ora a direita, ora á esquerda segundo encontrarmos os affluentes meridionaes ou septentrionaes, cujo curso remontaremos até latitudes muitas vezes mui longinquas. Assim remontando o Puros e o Madeira encontraremos o Sr. Gibbon, cuja viagem tambem aproveitaremos; igualmente em outros rios encontraremos Mr. de Castelnau, Mr. Wallace, Mr. de Montravel, e talvez tambem outros viajantes de que ainda não fallamos.

A separação teve lugar no 1º de julho, dia em que o Sr. Herndon deixou a cidade de Tarma. Na tarde seguinte chegou á planicie de Junin, onde a 6 de agosto de 1824 Bolivar ganhou sobre os Hespanhoes uma victoria celebre. A aldêa de Junin que contem mil habitantes está situada a 12,947 pés acima do nivel do mar. A atmosphera ahi he muito fria, e o solo muito humido para permittir nenhuma cultura; por isso os habitantes não tem outro alimento senão as differentes especies de batatas que vem-lhes dos valles dos Andas, e que elles conservam fazendo-as seccar ou gelar.

Só pararemos um instante com o Sr. Herndon na cidade e nas minas de Cerro-Pasco, visitadas e descriptas por Mr. de Castelnau. « Cidade artificial, se posso servir-me deste termo, diz o viajante francez, na qual a riqueza das minas de prata amontoou de todas as partes milhares de homens em regiões, onde o reino vegetal só he representado por algum musgo, e onde o proprio condor não chega sem difficuldade (5). » A vista desses lugares extraordinarios produzio sobre o Sr. Herndon uma impressão semelhante. « Espectaculo extraordinario, diz elle, e que não posso comparar senão aquelle que apresenta a cratera de um vulcão. O viajante vê cazinhas construidas sem o menor cuidado da regularidade sobre pequenas collinas no meio de montes de terra e de cavidades profundas. As chaminés de barro dos antigos fornos contrastam singularmente com o cano mais elegante da moderna machina a vapor. A cruz colossal levantada sobre a collina de Santa Catalina quasi no meio da cidade parece collocada ahi de proposito para proteger os thesouros desconhecidos que cobre sua santa sombra. Dous bellos lagos pequenos divididos somente por uma estrada, e um terceiro apertado entre dous monticulos descobrem-se, uns na extremidade meridional e o outro na occidental no fundo dessa cratera fingida. As collinas que rodeam essa cidade singular tem quinhentos pés de altura, e são coroadas de rochedos brancos. Emfim á direita e á esquerda dominando o quadro eleva-se a magnifica Cordilheira. Se o viajante desce a cidade, vê de todos os lados a terra aberta, e boccas de minas abandonadas; seu numero causa-lhe admiração e susto; elle pergunta a si mesmo se todo esse terreno phantastico não vai abater-se-lhe debaixo dos pés e lança-lo vivo no fundo de algum abysmo subterraneo. Sua mula, tropeça nas ruas estreitas e mal calçadas, e se esse caminho perigoso não captiva-lhe toda a attenção, seus olhos dirigem-se para a população mais variada que pode se encontrar nos dominios do sultão. Creio que atravessando a cidade de uma só vez elle verá homens de todas as nações e de quasi todas as condições, e será um milagre se não vir tambem grande numero de borrachos (pp. 100 e 101.)

(5) T. 1.º introducção.

Os accidentes são frequentes em uma cidade construida sobre tão perigosos fundamentos. Ha alguns annos que uma mina chamada depois disto Mata Gente, abateu-se, sepultando trezentas pessoas. Poucos dias antes da chegada do Sr. Herndon cinco mineiros tinham sido semelhantemente engulidos, 4 haviam sido salvos, e trabalhava-se ainda para livrar o quinto.

As minas são naturalmente o unico objecto de conversação na cidade de Cerro-Pasco. Não ha um procurador que não queixe-se de sua miseria e da incerteza perpetua de sua existencia; todos concordam que jogam um jogo em que a mor parte perde; todavia esse jogo os attrahe, e apaixona tanto quanto o do tapete verde; cada um delles espera que a sorte ha de favorece lo algum dia, e que a *boya* (descoberta de uma veia rica) lhe esta' particularmente reservada. Essa população de jogadores varia de seis a quinze mil almas, segundo o rendimento mais ou menos elevado das minas.

Quasi immediatamente depois de ter deixado Cerro e ter subido as collinas que lhe ficam ao norte o viajante avista os Andas orientaes. A' esquerda descobre então um lugar pantanoso, donde correm alguns ribeiros, que sua vista não pode desprezar; por quanto essas aguas modestas augmentadas pela reunião de muitas outras irão lançar-se no Atlantico por uma embocadura de cento e oitenta milhas de largura. He á fonte do Huallaga, um dos primeiros tributarios do Amazonas.

Sete milhas mais longe na direcção do noroeste chega-se a pequena aldêa de Quinua, em cuja visinhança ha minas de ouro que o Sr. Herndon suppõe ainda não exploradas. He ahi que para a esterilidade do Cerro, e que começam a reapparecer arbustos e flores. A dez milhas da pequena aldêa de San Raphael o viajante atravessa o ponto mais elevado da segunda cadêa dos Andas. Mas desse ponto em diante uma marcha rapida de um quarto de hora sobre um terreno escorregadiço e muito inclinado transporta-o á sombra das arvores de fructo e dos cannaviaes. A transição tão repentina dos cumes frios e escarpados, desprovidos de toda a cultura para um terreno coberto de vegetação tropical, produz uma sorpreza maravilhosa. Algumas milhas mais adiante passa-se o limite que separa as provincias de Pasco e de Huaneco, e chega-se a aldêa de Ambo situada na reunião dos rios Huacar e Huallaga. Depois estende se um valle magnifico revestido da mais rica vegetação, no qual o alegre espectaculo dos cannaviaes, dos salgueiros, das arvores cobertas de fructos, e dos verdes campos de alfalfa faz logo esquecer as scenas tristes da montanha e as assustadoras aldêas de mineiros aventureiros.

Huanuco, agradavelmente situada na margem esquerda do Huallaga, he uma das mais antigas cidades do Perú. Sua população he de quatro a cinco mil almas. Seu commercio faz-se com Cerro-Pasco de um lado e do outro com as povoações do Huallaga. Ella recebe principalmente artigos de manufactura ingleza em troca do seu tabaco, de seus fructos, e de seus legumes. Huanuco he por excellencia o paiz do famoso chirimoya. O Sr. Herndon ahi vio este fructo duas vezes maior do que em Lima, e achou o de sabor exquisito. Os habitantes costumam escolher os mais bellos desses fructos, e cobri-los de folhas douradas para ornato dos altares nos dias de festa; depois elles são vendidos em proveito da igreja.

O clima de Huanuco he mui sadio; porem a agua ahi de má qualidade produz papeiras, principalmente nas mulheres.

A cidade possue um collegio que conta [illegible] estudantes. Bem como em Tarma e Cerro-Pasco, o Sr. Herndon achou ahi um desejo extremo da parte dos habitantes de ver abrir-se a navegação, e trazer das praias do Atlantico até elles pelos tributarios do Amazonas os productos das nações mais civilisadas.

Ao sahir dessa cidade o Sr. Herndon atravessou o rio sobre uma ponte de folhas longas, largas, e mui grossas de uma especie de cardo chamado maguey. Elle parou successivamente na aldêa de Santa Maria del Valle, onde provou uma bebida mui agradavel feita com sumo de canna fermentado e chamado huarapo, e na de Acomayo, onde observou acacias, laranjas, figos, guavas, chirimoyas, e a bella flor com forma de campainha que exhala um dos mais deliciosos perfumes, a floripondia.

Todavia apezar do encontro desses bellos fructos, e dessas flores odiriferas o viajante não deve ainda crer-se na montana. (6)

Deixando Huanuco, que embôra esteja no fundo do mar acha-se elevada seis mil pés acima do nivel do mar, resta ainda subir uma alta montanha chamada o Cerro de Carpis. Sobre esse cume veem-se muitas centenas de cruzes pequenas de madeira collocadas sobre as grutas formadas pelos rochedos; são provavelmente alguns ex-voto deixados pelos arrieiros reconhecidos, por terem escapado aos perigos da subida e da descida dessa montanha.

Abaixo do Cerro de Carpis apresenta-se o valle de Chinchao, onde começa a cultura da coca, e crescem os ananazeiros e as bananeiras.

Depois de ter ainda passado uma ou duas collinas o Sr. Herndon chegou no 1 de agosto a povoação de Tingo—Maria. He ahi que o Huallaga torna-se navegavel; e por isso o official de marinha teve a satisfação de deixar mulas para adoptar um novo meio de transporte mais conforme aos seus gostos e a seus habitos.

Em resumo de Lima a Tingo-Maria, primeiro ponto navegavel no Huallaga, a distancia he de trezentas e trinta e cinco milhas inglezas, passando por Tarma, trajecto que pode fazer-se rigorosamente em vinte e um dias, e mesmo em dezenove dias indo-se directamente de Lima a Cerro Pasco. Acham-se em Lima quantas mulas de aluguel se queiram a setenta e cinco centimos por dia.

O alimento de uma mula custa em termo medio doze centimos e meio por dia, e cada uma pode carregar duzentas e sessenta libras. Durante a bella estação a passagem da Cordilheira não he penivel nem desagradavel; mas na estação das chuvas deve ser pelo contrario difficil e mui perigosa.

Agora a barca do Sr. Herndon vai levar-nos a rapida corrente dos rios! Entramos em fim no paiz dos rios! Entramos emfim no paiz dos Indios selvagens, dos macacos uivadores, dos crocodilos e dos vampiros.

Temos passado a região das montanhas e das neves; o valle do Amazonas banhado de sol apresenta-nos agora seus innumeraveis rios como collares brilhantes, e as riquezas maravilhosas de seu solo virgem!

(*Revue Contemporaine.*)

(*Continua.*)

(6) Ja dissemos que montana (da palavra hespanhola monte, bosque denso e fechado) significa lugar de florestas. Os Peruanos designam por esse nome a planicie coberta de mattas que começa ao pé da encosta oriental dos Andas, e lho conservam até a fronteira do Brasil.

PERNAMBUCO.

PAGINA AVULSA.

BOM DIA!

17 de novembro, as 2 horas da tarde.

— Impera felizmente sobre o seu solido throno o genio da paz; está tudo finalisado, e cada qual para seu canto mais ou menos satisfeito; e não convém calcular-se a respeito do futuro, isto he, do dia 2 do proximo dezembro, porque até lá terá Deos muito que fazer: o homem põe, e Deos dispõe, diz o adagio.

— Tomamos a liberdade de pedir ao Exm. Sr. conselheiro presidente, que, visto ter-se encanado para Olinda as aguas do Beberibe, bom será que S. Exc. as faça tambem chegar até o collegio dos orphãos, que sendo habitado por mais de oitenta pessoas, torna-se penosissima a conducção della de Beberibe para aquelle lugar; he mais um serviço que presta S. Exc. a aquelle pio estabelecimento.

— Estão as nossas ruas servindo de theatros, onde a maruja ingleza, quando nos domingos vem á terra, pratica até immoralidades, não fallando nas maneiras gentis com que essa gente cumprimenta a quem está nas varandas e janellas; ultimamente deram em correr atraz das quitandeiras, abraça-las, e outros desaforos de igual jaez. Se he isto permittido... então que continuem.

— Os guapos cavalleiros, que, como alucinados, correram — dous dias sobre a ponte da Boa-Vista, e que gritaram — amanhãa sahimos na « Pagina Avulsa! » enganam-se, porque a nossa « Pagina » não censura essas cousas... ellas são permittidas... e assim...

— O baile dos cincoenta casados no Santa Isabel, dizem, ter sido esplendido.

— Existe no becco do * * * uma fera em figura de homem, que quando está em ociosidade o seu maior prazer he espancar atrozmente a mulher, filhos e escravos; insultar e descompor quem pela porta transita, os visinhos e camaradas que o procuram; no entretanto, esse individuo nem he ebrio e nem louco.

— Dizem achar-se ás portas da morte o Sr. Cruz, que móra na rua Direita: esse bom pai de familia achando-se affectado de hydropisia, mandou chamar uma curandeira que móra para a Boa-Vista; com effeito, em poucos dias o Sr. Cruz estava sem agua alguma em seu corpo, mas agora reappareceu o mal com maior força, e a sua vida periga á olhos vistos. Alguns senhores medicos, logo que souberam que essa mulher estava tratando do Sr. Cruz, disseram que o mal reappareceria com mais vigor, e que seria preciso muito cuidado; na realidade assim foi: consta-nos mais, que não he o primeiro doente tratado por essa mulher, que depois de alguns dias, vê-se em perigo de vida. A ser exacto, a policia deve expressamente prohibir, que essa mulher ouse assim jogar com a vida dos seus semelhantes por quaesquer cem mil reis: se a cura da hydropisia estivesse tão somente na extracção dos liquidos, a mulher curaria miraculosamente esse mal.

— Consta-nos, que a viuvez e orphandade fôra generosamente lembrada pelo fallecido commendador o Sr. Luiz Gomes Ferreira, em seu testamento. São esses os brazões que não morrem sobre a campa de um verdadeiro christão.

— O tribunal da relação absolveu o Sr. Dr. Drummond, e todos os mais accusados a respeito do negocio do palhabote de Serinhaem. Vão ser esses cidadãos restituidos ás suas familias, e he muito provavel que se passe uma esponja sobre qualquer resto de exacerbação, que porventura ainda haja. Nós o desejamos de coração; no entretanto, que damos os parabens ás familias desses senhores.

— He hoje o «Te-Deum» na Boa-Vista em acção de graças, por se ter finalisado a eleição em perfeita tranquillidade. O orador he o reverendissimo pregador imperial, padre mestre João Capistrano de Mendonça.

— Um moço que jacta-se de fina educação perante reuniões, ou entre pessoas circumspectas, assoa-se nos dedos: ora, não he só esse moço, temos visto mais alguns; porém fiquem certos que semelhante pratica he parto de uma grosseira educação.

— Certos individuos passeiam á noite (mesmo de luar) as ruas de Olinda em menores, embrulhados em capotes: talvez queiram-se ter por homens honestos; mas enganam-se, meus senhores, isto só he proprio da classe ralé.

— Algumas lojas de sapateiro e marcineria trabalham em Olinda nos domingos e dias santos como em dia util: pois não se contentam com toda a semana? para que profanar o domingo?

— Foi celebrada no domingo 9 do corrente, a festa de Nossa Senhora de Guadelupe com decencia, e varias outras festinhas teem-se feito em Olinda soffriveis; estaria em inteiro desprezo a igreja do Lupe, se não fosse o zelo e caridade do digno thesoureiro o Sr. professor de musica Cantuaria. Esse homem tem sido incansavel em procurar o melhoramento material e moral desta confraria.

— Existe uma casa na rua de San Bento, de Olinda, cujas portas estão abertas; de dia he o covil de porcos, cabras e carneiros, e á noite he o covil de malfeitores: ella tem rotulo que mostra pertencer a Santa Casa da Misericordia.

— Foi hontem o dia marcado pela congregação da Faculdade de Direito, para o conferimento do gráo de Dr. ao Sr. bacharel Manoel do Nascimento Machado Portella. A's 11 horas da manhãa, na sala nobre da mesma Faculdade, presentes Ss. Excs. o Sr presidente da provincia, commandante das armas, chefe de policia, general Seára, director, todos os lentes e substitutos, e grande numero de espectadores, foi conferido, depois de um discurso recitado pelo doutorando, o grão de Dr. Por essa occasião o mui digno lente o Sr. Dr. Jeronymo Vilella, pronunciou um bello discurso recordando quaes os deveres e obrigações daquelle que recebe o grão de Dr.

ELEITORES DA FREGUEZIA DA LUZ.

Os Srs.	Votos.
Tenente-coronel Manoel Lucas de Araujo Pinheiro	226
Capitão João de Azevedo Araujo Pinheiro	225
Capitão José Ferreira Gomes da Silva	224
Proprietario João Dias Carneiro de Albuquerque	209
Capitão Manoel Cavalcanti de Albuquerque	207
Tenente Joaquim Miguel Pereira Freire	206
Lavrador Francisco Joaquim da Costa	206
Capitão Francisco Joaquim da Rocha Falcão	203
Capitão José Ferraz Daltro	203
Alferes Antonio Brazilino de Hollanda	203
Lavrador Joaquim de Araujo Pinheiro	202
Rendeiro Francisco José Moreira da Costa	201
Rendeiro Antonio Vicente Ferreira Chaves	201
Lavrador Amaro Martins Vianna	198

Supplentes.

Os Srs.:	
Capitão Francisco Antonio Cabral de Mello	160
Proprietario Manoel Carneiro de Albuquerque	157
Padre Felix José Moreira da Costa	155
Dr. João Antonio de Souza Beltrão Araujo Pereira	155
Proprietario Joaquim do Rego Barros Pessôa	155
Vicente de Araujo Pinheiro	155
Reverendo vigario Ignacio Alves da Cunha Souto Maior	153
Manoel Antunes de Queiroz Barros	153
Thomé Leão de Castro	152
Tertuliano Carneiro de Albuquerque	148
Americo Carneiro de Albuquerque	140
Manoel Tiburcio Carneiro de Albuquerque	138
Francisco Xavier Carneiro da Cunha Campello	136
Diogo Soares Carneiro de Albuquerque	132

ELEITORES DA FREGUEZIA DO BONITO.

Os senhores:	Votos.
Theotonio José de Freitas	519
Manoel Joaquim Marques Lins	514
Antonio Feijó de Moraes Lins	511
José dos Santos Souza	460
José Joaquim Bezerra de Mello	368
José Antonio da Porciuncula Laage	367
Mathias Ferreira de Mello	355
Francisco Quintino da Silva Vieira	354
Antonio José Rodrigues	354
João Braz de Vasconcellos	351
Antonio José Pereira	349
Manoel Joaquim de Sant'Anna	348
Manoel Gomes da Cunha Pedrosa	348
José Gomes Cabral Junior	[illegible]
Dr. Delfino Augusto Cavalcanti de Albuquerque	347

João Gomes da Silva	346
José Remigio Guimarães	345
Francisco de Paula da Cunha Bastos	344
José Fabianno da Cunha Bastos	344
Pedro José da Silva	342
Manoel Francisco de Amorim	340
José Gomes de Moura Borba	340
José Gomes de Almeida	339
Galdino Alves Barbosa	338
Leandro Pereira Barbosa	337
Joaquim Miguel Gomes da Silva	335
José Joaquim da Silva	335
José Honorato Chaves	333
Joaquim Pinto Teixeira	330
João Francisco da Fonseca e Mello	328
Joaquim José Cerilo	319
Vicente Ferreira Padilha Calumby	317
Joaquim José de Meira Torres Galindo	315
Aleixo José da Luz	301
Vigario Manoel de Mello Falcão M.	296
Jacinto José de Mello	295
Luiz Francisco de Moura Borba	254
Martinho de Mello Albuquerque	241

ELEITORES DA FREGUEZIA DA BOA-VISTA.

Os senhores:	Votos.
Tenente-coronel Antonio Carneiro Machado Rios	520
Professor Simplicio José de Mello	510
Major José Joaquim Antunes	509
Proprietario Rufino José Correia de Almeida	509
Capitão Amaro de Barros Correia	508
Tenente-coronel Antonio Carlos de Pinho Borges	508
Dito Theodoro Machado Freire Pereira da Silva	507
Dr. Bento José da Costa	505
Tenente-coronel Thomaz José da Silva Gusmão	502
Proprietario Vicente Antonio do Espirito Santo	502
Empregado publico Thomaz Antonio Maciel Monteiro	502
General Antonio Correia Seara	502
Capitão José Maria Freire Gameiro	502
Dr. Luiz de Carvalho Paes de Andrade	501
Empregado publico Manoel Coelho Cintra	501
Padre Francisco Alves de Abrantes	500
Empregado publico José Antonio dos Santos e Silva	499
Dito José Affonso dos Santos Bastos	499
Dito Manoel Luiz Virães	499
Dito João Gregorio dos Santos	498
Capitão José Gonçalves da Silva	498
Empregado publico Joaquim José Ferreira da Penha	497
Escrivão Francisco de Barros Correia	496
Empregado publico Hypolito Carvalho de Vasconcellos Albuquerque Maranhão	496
Dito Francisco de Lemos Duarte	496
Dito Luiz de Azevedo Souza	496
Escrivão Francisco Ignacio de Athayde	496
Empregado publico Joaquim Mileto Maris	495
Artista Ignacio José da Assumpção	495
Padre Francisco Piexoto Duarte	495
Proprietario José Carneiro da Cunha	495
Dito Bento dos Santos Ramos	493
Empregado publico Belmiro Augusto de Almeida	490
Tenente José Antão de Souza Magalhães	490
Capitão João da Silveira Borges Tavora	489
Artista Alexandre dos Santos Barros	488
Dito Miguel Ribeiro do Amaral	487
Escrivão Pedro José Cardozo	485

Supplentes.

Os senhores:	Votos.
Tenente-coronel Manoel José da Costa	337
Tenente Decio de Aquino Fonseca	336
Commerciante Flovio Ferreira Catão	335
Proprietario Thomé Carlos Peretti	334
Commerciante Belarmino de Barros Correia	334
Dito Joaquim Elias de Moura Gondim	324
Proprietario Francisco Accioli de Gouveia Lins	327
Dr. Lourenço Trigo de Loureiro	326
Proprietario Clotindo Ferreira Catão	324
Dito José Higinio de Miranda	318
Dito Venceslão Machado Freire Pereira da Silva	318
Dito João Bartholomeo Gonçalves da Silva	318
Dito José Barboza de Miranda Santiago	318
Proprietario Rufino Gomes da Fonseca	318
Dr. Rosendo Aprigio Pereira Guimarães	318
Artista Pedro d'Alcantara e Silva	317
Professor Porfirio da Cunha Moreira Alves	315
Solicitador Miguel Archanjo Fernandes Vianna	313
Commerciante José da Costa Brandão Cordeiro	313
Major Manoel do Nascimento da Costa Monteiro	313
Commerciante Joaquim Fernandes de Azevedo Junior	312
Artista Geraldo Amarante dos Santos	312
Dito Manoel Joaquim da Costa	308
Dito José Joaquim Ramos e Silva	307
Commerciante Andre Guilherme Brekenfeld	307
Proprietario João Pacheco de Queiroga	307
Dito Francisco Rufino Correia de Mello	304
Dito Francisco Martins Raposo	304
Tenente-coronel Feliciano Joaquim dos Santos	304
Artista Manoel do Nascimento Vianna	303
Desembargador Manoel Rodriguez Villares	302
Empregado publico Manoel Antonio Martins Pereira	301
Artista José Nunes de Oliveira	300
Dito Francisco Mendes Martins	300
Commerciante Francelino Augusto d'Hollanda Chacon	299
Dito Joaquim Jorge de Mello	287
Professor Joaquim de Oliveira e Souza	286
Artista José Lucas Rodrigues Machado	281

Hospital de caridade 14 de novembro — 71 doentes.

15—71.

Ate amanhã.

VILLA DE IGUARASSU'

14 de novembro.

Ha muito tempo que lhe não escrevo, e entre outras razões prima a preguiça, peccado de que me accuso principalmente. Muitas noticias dignas de publicidade tem sido caladas, e o descostume de escrever já se vai apoderando de meus dedos, de maneira, que com custo rabisco esta. Os annos que me vergam o dorso, os achaques, consequencia do cholera, que soffri, me vão tornando quasi inerte; as minhas fracas palpobras me cobrem os olhos, que com esforço se levantam do chão, que contemplam como habitação proxima, para o alto, onde mora aquelle, que continuamente invoco na terrivel viagem, para que o tempo com mão mirrada me convida!

Quando Vmc. menos pensar, recebe a noticia de que já não he deste mundo seu velho e impertinente correspondente, que como ultima vaidade, deseja ver seu nome estampado no «Diario», rodeado de estrellas brancas em campo negro. Então verão todos, quem foi o noticiador de Iguarassu; se certificarão de que andaram errados em seus cuidos; eu nunca fui lembrado como capaz de escrever, e por isto nem olhavam para mim. Procurarei ser agora mais frequente, ainda que para isto faça algum sacrificio.

Concluiram-se as eleições, e o resultado adiante verá. A praia apresentou-se em attitude firme. Bem que tivesse havido no principio um pequeno disturbio partido de seu lado, e que um ou outro imprudente arriscasse algumas palavras descomedidas, com tudo devo confessar-lhe, que a opposição portou-se bem. Pleiteam com força sua causa, mas sugeitam-se promptamente ás decisões do governo, que tem sido solicito em fazer apartar todas as duvidas. S. Exc. o Sr. conselheiro Sergio, se tem portado de uma maneira digna de todo o elogio.

Os negocios por aqui não vão bem dirigidos, alguns disgostos tem apparecido entre os membros do partido dominante, o que fez com que muitos deixassem de comparecer ás eleições com sua gente.

A qualificação que servio na presente occasião foi a feita em 1852, que está tão defeituosa, que posso afiançar, que por ella o collegio não tem expressão; parte dos votantes pertencem hoje á freguezia de San Lourenço, parte está mudada, e muitos mortos. De 1852 para cá se tem mudado muitas pessoas para Iguarassu', que no entanto, não poderam votar, nem ter votos para eleitores. Basta isto para Vmc. ver como correm as cousas por aqui.

Por parte do partido dominante temos tres candidatos.

O Dr. Manoel Joaquim Carneiro da Cunha, que conta com a maioria dos votos das duas freguezias de Olinda, alguns de Maranguape, poucos em Iguarassu', e muitos poucos em Itamaracá.

O Dr. Silvino Cavalcanti de Albuquerque, que tem a maioria dos collegios de Maranguape e Itamaracá, e alguns em Iguarassu' e em Olinda.

O Dr. João Antonio Cavalcanti de Albuquerque, tem maioria de votos em Iguarassu', poucos em Itamaracá e nada em Olinda e Maranguape.

Do lado praieiro retiram-se os candidatos com a perda das eleições aqui e na ilha.

Para aproveitar o portador deixo de ser mais extenso.

ELEITORES DA FREGUEZIA DE SS. COSME E DAMIAO.

Compareceram 159 votantes.

Tenente coronel Hemeterio José Velloso da Silveira	151
Advogado João Francisco do Amaral	129
Dr. João Antonio Cavalcanti d'Albuquerque	104
Vigario José Joaquim Lobo de Albertim	104
Padre Sebastião José Ribeiro Pessoa	104
Capitão Pedro José Monte-Negro Villarim	104
Escrivão Francisco Xavier Cavalcanti	104
Bento José Pacheco de Almeida	104
Tenente Francisco Xavier Dias	104
Padre Trajano Estevam da Providencia	103
Capitão Joaquim Cavalcanti Galvão	103
Tenente Luiz Ignacio Ferreira de Araujo e Silva	103
Geraldo Laurinto de Siqueira Varejão	103
Escrivão João Baptista Teixeira Cavalcanti	103
José Mathias da Fonseca	103
Padre Joaquim José Lobo de Albertim	102
Padre Genuino Gomes Pereira	102
Tenente-coronel Francisco Cavalcanti Jaime Galvão	102
Pedro Celestino de Souza Pimentel	102
Escrivão José Maria de Caldas Brandão	101
Manoel Filgueira Galvão	100
Manoel do Rego Albuquerque	99
André Cavalcanti de Albuquerque	99
Claudino de Menezes Vasconcellos de Drummond	97
Francisco Xavier de Andrade Junior	97
Sergio Clemente Souto Maior	97
Tenente Francisco Cockles Teixeira de Araujo e Silva	96
João Barreiro Rangel	93
João Evangelista de Almeida	92
Joaquim José da Fonseca Galvão	89
João José Freire	87
José Januario Dourado	82
Capitão Hermano José da Silva	82
José Ignacio Ovidio	79
Cosme Eugenio da Costa	78
Antonio Martins d'Assumpção	75
Capitão Manoel Joaquim da Fonseca Galvão	71
Estevão Evangelista Lucas	68

Supplentes.

Os senhores:	Votos
Antonio Bento de Araujo	67
Alexandrino José do Amaral	50
Major Antonio Barboza Cordeiro de Gusmão	50
Tenente coronel José Gomes Ferreira de Abreu e Mello	49
Capitão Francisco das Chagas Ferreira Duro	49
Dito Antonio Gomes Cordeiro de Mello	49
José Laurentino de Azevedo	49
Alferes Manoel Ignacio Pereira da Silva	49
Antonio José Mauricio	49
Francisco de Araujo Pinheiro	49
Columbo Pereira de Moraes	49
João Paulo de Fraga	49
Luiz Marques Bacalhão	49
Manoel Ignacio de Albuquerque	49
Thomaz José Tavares de Mello	49
Bernardino de Sena Salles	49
Coronel Manoel Pereira de Moraes	48
Tenente coronel Francisco Honorio Bezerra de Menezes Junior	48
Antonio Gomes Ferreira de Abreu e Mello	48
Antonio Joaquim da Fonseca Galvão	48
João Cavalcanti de Lacerda Galvão	48
Luiz Ignacio de Albuquerque	48
Pedro Francisco Peixoto	48
Coronel Manoel José Serpa	48
Antonio Fernandes Velloso da Silveira	47
Manoel Joaquim Pereira Junior	47
Ismael Clemente Bezerra	47
Benedicto Manoel do Rosario	46
Manoel Ignacio da Luz	46
João Neponoceno Cavalcanti	45
Luiz Elias da Silva e Albuquerque	45
Florencio de Barros	45
Pantaleão José de Santa Anna	45
Manoel Cavalcanti Gadelha	44
João Thenorio de Albuquerque	43
Pedro Jorge da Silva Ramos	41
Roberto Gomes de Fruga	36
Alexandre Tavares da Silva	35

ELEITORES DE ITAMARACA'.

Major Antonio Cordeiro Falcão	96
Luiz Cordeiro Cavalcanti de Albuquerque	96
Major Alexandre Pereira de Alcantara	96
Tenente Guilhermino Ferreira de Alcantara	96
João Cordeiro Cavalcanti Gitahy	96
Manoel Florentino Xavier Miranda	96
Romão da Costa do Amaral	96
Manoel Lopes de Albuquerque	96
Joaquim Branco da Assumpção Pires	96
Alexandre José de Souza	96
Manoel Lobo de Miranda Henriques	96
Leandro José Dornellas	96
Anselmo Ferreira de Alcantara	96
João Henriques de Miranda	95

Os supplentes são da opposição.

(Carta particular.)

REPARTIÇAO DA POLICIA.

Secretaria da policia de Pernambuco 15 de novembro de 1856.

Illm. e Exm. Sr.—Levo ao conhecimento de V. Exc., que das differentes participações hoje recebidas nesta repartição, consta que se deram as seguintes occurrencias:

Foram presos: pela subdelegacia de Santo Antonio, o preto escravo Benedicto, por fugido.

E pela subdelegacia da freguezia da Boa-Vista, Antonio Serafim dos Santos, por furto, e José Pereira da Conceição, por espancamento.

Deos guarde a V. Exc.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro Sergio Teixeira de Macedo, presidente da provincia.—O chefe de policia, Dr. *Policarpo Lopes de Leão.*

Diario de Pernambuco.

Recife, 17 de novembro as 8 horas da noite.

Esta' concluida a eleição dos eleitores tanto na freguezia da Boa-Vista como na de Santo Antonio. Em ambas venceu o partido guabirú ou conservador, por uma grande maioria, com a differença porém de que na Boa-Vista parecem concordar todos os partidos, que a eleição se passou sem fraudes, sem trocas de listas ou lançamento furtivo dellas na urna, entretanto que em Santo Antonio os membros da mesa são suspeitos ou accusados pelo partido praieiro de terem praticado actos de ma' fé e deslealdade. Ainda nos não constou que se suspeitasse o ter sido a urna violada fóra das horas dos trabalhos da mesa, as fraudes pois de que são accusados os membros desta devem ter tido lugar durante os trabalhos, em publico, e na presença das commissões.

A principal fraude que se suppõe ter sido empregada foi o encherem-se as cedulas apparentes com outras occultas escriptas em papel fino, que no lançar na urna a cedula principal se faziam escorregar. A providencia de exigir a cedula grudada por todos os quatro lados teve por fim evitar esta fraude, porque não escorregando as cedulas conteudas, e ficando dentro da continente ao abrir esta se achavam ellas dentro, e eram, segundo as instrucções, inutilisadas, como com effeito a algumas aconteceu.

He de notar que esta providencia partio da iniciativa do Governo Imperial, e que S. Exc. o Sr. presidente a fortificou dando-lhe a interpretação mais restricta, exigindo a sua execução mais pontual, e declarando que não bastava estar a cedula dobrada, era necessario estar obreiada ou lacrada, por todos os lados. Ao presidente da mesa incumbia fazer executar estas prescripções, e se não cumpria o seu dever, que faziam ao pé delle as commissões?

He natural que o partido vencedor ache que tudo correu muito bem e regularmente, e que o partido vencido allegue a existencia de todos os vicios e defeitos que podem desfigurar e até annular uma eleição. He natural que faça calculos sobre calculos para mostrar que a maioria real lhe pertence. Esta he a historia de todas as eleições. O que nunca poderá' ser dito he que houve compressão, violencia, intimidação; cada um votou como quiz, cedeu ás seducções que quiz, acreditou nas promessas ou nas esperanças que quiz. A força publica durante a entrega das listas foi sempre insignificantissima, 4 soldados em cada igreja. Depois de feita a votação e durante a apuração houve a presença de maior numero de soldados quando o partido liberal, o praieiro denunciou intenções de violencia da parte do partido guabiru', ou conservador, intenções de que as autoridades claramente o suspeitaram, e nos tambem denunciamos. As decisões da presidencia trazem o cunho da imparcialidade, e parecem revelar a maior solicitude em dar ao partido praieiro ou liberal todas as garantias.

Não se fizeram sempre as eleições por este modo no nosso paiz. Lamentando o passado, folgamos de estabelecer bem este progresso que he real. As primeiras eleições que se fizeram (talvez alguma de senador) ja não apresentaram mesas compostas de um só partido porque bem claramente os supplentes de eleitores são em todas as parochias os praieiros ou liberaes.

As qualificações de janeiro proximo ja serão feitas por mesas parochiaes compostas de dous eleitores guabirús e dous praeiros. Assim o paiz sabe do estado em que se achava quando um dos partidos recusava usar de seus direitos ou temia apresentar-se e deixava ao outro toda a ingerencia e direcção. Quando porem empregamos aqui a palavra *temia* devemos notar que esse partido sempre usou com desembaraço de seus direitos pelo que toca a' imprensa. Louvado seja Deos, em paiz nenhum ella he mais livre do que no Brasil, e talvez em nenhum, ella seja tanto, que he na Inglaterra.

Das parochias do interior continuam a vir noticias de paz e ordem publica, porém de irregularidades e desconcertos no proceder das mesas ou dos juizes de paz. Continua o expediente do governo a conter medidas e decisões em materia eleitoral.

Sabbado 15 do corrente foram absolvidos pela relação os presos condemnados pelo auditor de marinha, pelo furto de escravos do palhabote apresionado em Serinhaem.

Votaram pela absolvição os senhores desembargador Bernardo Rabello que foi o relator, Rocha Bastos e Valle; votaram pela confirmação da sentença os senhores desembargadores Telles, Gomes Ribeiro e André Bastos. Ja se vê pois que houve empate e favoreceu aos réos o voto de Minerva. Como o Sr. desembargador Rabello, dizem, tinha antes declarado o seu voto pela confirmação da sentença, ao saber-se que seu relatorio foi um arrazoado em favor dos réos, só se póde repetir o — *sapientis est mutare concilium.*

Occorreu mais la para as bandas do Rio Formoso a tirada de um preso do poder da justiça. A escolta de sete soldados que o acompanhava foi atacada por oito facinorosos, o chefe dos quaes foi morto no conflicto, sendo feridos dous soldados. O preso escapou. Dizem que era um grande facinora de 22 annos de idade e 24 crimes de morte! ! !

Communicados.

AS ELEIÇ'ES PRIMARIAS DO PRIMEIRO CIRCULO. (*)

A provincia de Pernambuco distingue-se e torna-se notavel entre suas irmãas, não somente pela rapidez com que, comparativamente a ellas, caminha nas vias do progresso material e industrial, de que são prova os importantes melhoramentos que ahi existem executados, e outros em execução; mas ainda e principalmente pela educação moral, de que deu exemplo com a ordem e socego que hão reinado nas eleições, que acabam de ter lugar. E neste ponto sem duvida alguma, ella deu ao Brasil inteiro um testemunho exuberante de que tambem se adianta com igual rapidez nessa estrada do progresso moral, aberta pelo mundo civilisado sób a influencia das luzes do nosso seculo, em que tanto predominam as idéas de fraternidade e boas relações sociaes.

A execução da nova lei eleitoral parecia dever produzir uma commoção geral na provincia, pela luta renhida dos partidos, divididos em parcialidades pelos diversos circulos, em que deviam mostrar seus elementos de existencia e força local.

O governo fez a promessa solemne, que cumprio religiosamente, de que garanteria a liberdade do voto a todas as opiniões: o partido da opposição ou antes o partido praieiro, prestando a fé que devia a sinceridade de semelhante promessa, preparou-se para o combate. E sendo certo, (e hoje he inquestionavel em vista do resultado geral da eleição) que esse partido acha-se reduzido a uma fraca minoria, licito era receiar que elle procurasse recorrer a meios de intimidação, promovendo desordens e motins, como os que se deram ultimamente nas eleições municipaes, com o fim de afastar das urnas os pacificos membros do partido conservador. Cumpre, porém, confessar que esse receio não se revestio de realidade.

Essa segurança dada pelo governo, que, dispondo de poderosos recursos, se mostrava disposto a intervir com todo o seu poderio para manter a ordem, conter os partidos em seus justos limites, e esmagar aquelle que se excedesse, foi um penhor sagrado que o partido conservador desta provincia aceitou, e, escudado nelle, apresentou-se firme, compacto e decidido, pleiteando a sua causa, com a fé de suas antigas crenças, com o enthusiasmo pacifico de que tem dado provas, sem o auxilio do cacete e das bayonetas policiaes, (recurso de que outr'ora usara e abusara o partido decahido) mantendo em suas fileiras, e respeitando na dos contrarios o livre exercicio da liberdade do voto.

O partido praieiro tinha convidado a todos os seus membros, para que disputassem o triumpho das urnas em todas as localidades em que contava meia duzia de amigos fieis; e dispunha-se a dar acção em cada uma dellas, aliando-se aqui ou alli com essa classe de descontentes, que he de todas as epocas, e que quasi sempre se forma das sobras sem prestimo dos partidos, ou das pretenções individuaes malogradas. Mas a eleição do primeiro circulo parecia ser o alvo da maior ambição da opposição. Era ahi que se apresentava candidato, se he que ainda se não apresenta, o redactor em chefe do *Liberal*, que como he sabido, reputa-se uma das primeiras illustrações scientificas do presente seculo, superior á todos os respeitos, não só as *mediocridades* do partido dominante, em que de certo não ha *habilitações*, mas até ao proprio chefe de seu partido, o Sr Urbano Sabino Pessoa de Mello, cujo bastão desde muito lh'o arrebatou. Assim, pois, entendendo o mesmo redactor em seus sonhos dourados, que o primeiro circulo lhe pertencia de facto e de direito, fez convergir todas as forças de seu partido para essa eleição, que seguramente foi a mais livre que se póde desejar. Ahi não houve a menor compressão da policia; a liberdade foi ampla e a autoridade só mostrou sua acção para providenciar no sentido de garantir o partido decahido, e satisfazer todas as suas reclamações e mesmo exigencias, sempre que estas tinham algum lado de justiça ou razão.

E a esse respeito foi tal o escrupulo e sinceridade com que se procedeu, que uma só autoridade policial não se apresentou candidato ao eleitorado no primeiro circulo; ao passo que na freguezia da Varzea, por parte do partido praieiro, o subdelegado concorreu a eleição, e acha-se eleito eleitor! !

Uma apreciação rapida da marcha do processo eleitoral do primeiro circulo mostra até que ponto se elevaram as forças dos dous partidos, que nelle foram parte, quaes os recursos de que cada um se servio e de que póde servir-se no futuro, quaes os elementos de existencia propria, que cada um apresenta.

Não se achando de todo ultimada a eleição de Sante Antonio, a qual deve certamente ter corrido de modo regular, pleiteada como foi pelos membros de ambos os partidos, e por estes inspeccionada, guardaremos para outra occasião o que sobre ella se deve dizer; occupando-nos por ora com as eleições ultimadas do Recife e S. José, cujos eleitores prefazendo o numero de 43, asseguram por si só um triumpho completo ao partido conservador.

A eleição da freguezia de S. Fr. Pedro Gonçalves do Recife, correu tão livre e pacifica, que um só facto se não deu, que motivasse a menor reclamação ao presidente da provincia por parte do partido praeiro, sempre prompto e diligente em faze-las quando o menor pretexto se lhes offerecia.

As forças dos partidos nessa freguezia tornaram-se, em verdade, desiguaes, desde que em virtude de uma combinação, se conseguio organisar uma lista de eleitores composta das principaes influencias do primeiro e segundo districtos; o que reduzio o partido oposicionista a uma insignificante minoria.

Os Srs. Leaes com o auxilio de seus prestimosos amigos Antunes e outros, asseguravam o vencimento da chapa no primeiro districto, onde predomina o commercio, sempre propenso as idéas de ordem, sempre antypathico e avesso a toda e qualquer agitação, primordial corrosivo de suas forças vitaes.

No segundo districto, o de Fóra de Portas, estavam os Sr. Ricardo da Silva Neves, João Marques Correia, os irmãos Mafra e outros, cujos nomes bastavam para assegurar o triumpho alcançado de modo tão notavel de sorte que, sem receio de contestação, podemos dizer, que em parte alguma do imperio terá' havido uma eleição mais pura, mais real e explicita do que a da freguezia do Recife, cumprindo advertir, que para essa vistoria tambem muito contribuio a efficaz cooperação do candidato que goza das sympathias commerciaes, o Sr. Dr. Augusto Frederico de Oliveira, no interesse de cuja candidatura contam-se dedicações de extremado valor.

Pelo que respeita a eleição de S. José, devemos confessar, que, em vista do afan jubiloso com que o partido praieiro prognosticava a derrota de seus contrarios, e cantava hymnos antecipados pela sua victoria, um momento houve em que sé nos figorou que o partido conservador não gozaria das honras de vencedor na luta. E, ou fosse, na realidade, temor, ou fosse para obter uma victoria mais brilhante e expressiva, o que he exacto he que o partido conservador não se poupou a nenhum esforço legitimo, a nenhum sacrificio licito.

Sendo a qualificação d'aquella freguezia a mais consciencioso possivel, não existindo nella um só nome apocrypho, pois apenas notam-se ommissões de nomes pertencentes a ambos os lados politicos, resolveu o partido conservador, depois de haver sido examinada a condição de cada votante, nomear commissões compostas das principaes influencias da freguezia, as quaes tendo a sua frente o candidato, que mais sympathias lhes merecia, andavam de porta em porta solicitando votos, com essas boas palavras de que gosta o nosso povo, sempre docil, sempre bom; mas excessivamente credulo, facil de inflamar-se cupaz de todos os excessos, quando inbuido de uma idéa falsa, como ja por vezes tem acontecido.

Isto tambem quizeram evitar os conservadores de S. José.

Elles não deram lugar a que boa fé e credulidade do povo de sua freguezia fossem convertidas em instrumento odioso das paixões de homens desatinados, a quem a consciencia da propria impotencia tolda a razão, e traduz-se por um dilirio sem nome. A predencia aqui foi ainda um elemento de triumpho.

Entretanto porque modo procedia o partido praieiro? como correspondia elle a esse proceder de seus contrarios?

Doe dize-lo: elle tinha chegado ao ultimo auge do seu frenezi.

Não somente o *Liberal*, escripto por uma penna ensopada em fel, vomitava diariamente todas as iras contra o partido conservador, se não tambem eram affixados pasquins pelas esquinas, assaçando-se apodos a nomes respeitaveis, no intuito de se excitar as paixões populares, com embustes e calumnias, que felizmente foram despresados!

Mas isso não deve sorprender: o partido actualmente decahido precisa de taes armas, principalmente na freguezia de que tratamos.

Faltam-lhe ahi homens de popularidade real, influentes por affeições, por dedicações que só o merito pessoal pode crear; no entanto que no partido conservador avultam os nomes com taes predicados. Ahi esta' o bem conhecido Sr. tenente-coronel Franca, querido de todos, popular em todas as eras, constituindo um centro de força, que seus adversarios jamais poderão destruir. Ahi estão os Srs. juiz de paz Bastos, Manoel J. Ferreira Esteves e seus irmãos, Accioli etc. e muitos outros que longe iriamos se nomeassemos, os quaes tem quinhão igual na victoria eleitoral. E he incontestavel que aos praeiros fallam nomes taes.

Nessa freguezia deu-se o mesmo que acima dissemos acerca do Recife: a eleição correu de modo tão regular, que os praeiros não tiveram que fazer reclamações a S. Exc. E todavia ella foi disputada palmo a palmo, como alias o dissera o proprio orgão oppesicionista, o *Liberal Pernambucano*. Mas he que os dous terços dos votantes pertencem, sem duvida, ao partido conservador: o facto. o mostrou, embora a opposição proclamasse pela imprensa que o resultado da eleição ser-lhe-hia favoravel.

He verdade que o *Liberal Pernambucano* tem procurado deturpar o resultado da eleição, proferindo invectivar e calumniar a confessar uma derrota, que ao demais não he deshonrosa. Mas para responder-lhe, para mostrar que a eleição de S. José he a expressão verdadeira dos votantes, para mostrar que ahi corresponden-se fielmente as vistas do illustrado e imparcial administrador da provincia, basta dizer que tendo o partido praeiro uma commissão encarregada de inspeccionar o processo eleitoral, e sendo este bastante vigilante, nenhuma occasião teve, como ja dissemos de fazer reclamações a S. Exc., de cuja rectidão e nobreza de caracter nada lhe licito dizer; pois he sabido que S. Exc. constantemente repetia que elle não se inteassava directamente pelo triumpho da causa deste, ou d'aquelle lado politico; mas que o que desejava e pedia era que cada partido procurasse vencer sem perturbação de ordem publica, sem recorrer ao emprego da fraude. Foi exactamente o que se fez nas duas eleições de que temos tratado.

Assim, pois, confesse o partido praeiro a fraqueza de suas forças, resignando-se a condicção em que se acha, que nisso nada ha de indecoroso ou menos digno: o embuste he peior que tudo.

Terminada a eleição como fica dito, foi no dia 8 pelas 6 horas da tarde celebrado um *Te-Deum* na igreja do Terço, acompanhado por orchestra, com toda a solemnidade e pompa; assistindo a elle tanto os eleitores como diversas pessoas gradas d'aquella e de outras freguezias. Apoz esse acto reuniram-se os seus assistentes em casa do Sr. tenente-coronel Franca, onde tambem se acharam os eleitores do Recife, sendo ahi servido um delicado copo d'agua, offerecido pela commissão directora e pelo condidato, que havia sido fiel companheiro das fadigas da eleição.

A melhor ordem reinou nesse festin, animado, sim, pelo enthusiasmo da victoria, mas fraternal, expensivo de affeições cordiaes e protestos amigaveis. Foi um *rendez-vous* a expansão de affectos mutuos, em que uma só allusão odiosa, uma unica expressão offensiva, que revelasse odio ou rancor, se não pronunciou contra o partido praeiro.

Diversos brindes tiveram lugar: as duas freguezias, representadas pelos seus eleitores e pessoas de reconhecida influencia, fraternisaram no amplexo de um mesmo sentimento, e entre os brindes que mutuamente foram feitos, não foi esquecido o que justamente era devido ao digno administrador da provincia, o qual foi correspondido com o enthusiasmo que a elevação de seus sentimentos inspira. Tambem a do pernambucano Sr. Augusto Frederico de Oliveira, que tanto trabalhou e se popularisou, foi recebido com a justiça que a generosidade e cavalheirismo dos membros da reunião não souberam negar a quem tanto os ajudou.

Nunca, em verdade, houve mais merecido acolhimento a um candidato; e elle nos pareceu tão sincero e solemne, que somos levados a crer que S. S. receberá em breve a merecida palma de seus esforços, sua dedicação pela causa conservadora, seu não desmentido patriotismo, sellada pelo suffragio dos eleitores do primeiro circulo.

São estes igualmente os nossos votos: desejamos o feliz exito dessa candidatura de um pernambucano, que melhor que, nenhum outro podera advogar os interesses de sua provincia, e especialmente da freguezia em que nasceu, que he o centro do nosso commercio.

Um observador.

14 de novembro de 1856.

(*) Por affluencia de materia não foi impresso em nosso jornal de hontem este communicado, que alias se acha em nosso poder desde sabbado.

Os RR.

CARTAS DO AMIGO Y AO AMIGO Z SOBRE O DESTINO DO HOMEM—PELO SR. DR. ANTONIO VICENTE DO NASCIMENTO FEITOZA.

III.

Querido amigo, era minha intenção consagrar a presente carta toda inteira ao exame do Deos vontade, do Deos intelligencia e do Deos sensibilidade, que no entender do Dr. Feitosa compoem a Trindade Divina, mas para satisfazer o teu desejo, vou dar-te ainda alguns esclarecimentos sobre esse dom precioso que, fazendo-nos senhores de nossas acções, eleva-nos á dignidade de pessoas, e permitte que sejamos no mundo a imagem de Deos.

Eu te disse que a liberdade, bem longe de consistir na possibilidade, na capacidade da queda, na possibilidade da infracção, como se lê no discurso, he pelo contrario o instrumento de nossa perfeição, pois somente usando della, apartamo-nos dos animaes, e aproximamo-nos da Divindade.

Se quizeres convencer-te desta verdade, contempla-te com calma, sem paixão e sem preconceitos, que acharás em tua alma, em sua realidade viva, essa potencia livre contra a qual debalde se conspira o mundo, pois não consegue jamais domina-la.

O homem, como sabes, he um composto de duas substancias de naturezas oppostas: a carne e o espirito. A primeira, tendo sahido do mundo, tende para o mundo, a segunda, tendo sahido de Deos, tende para Deos. Estas duas tendencias em sentido contrario traduzem-se de uma parte pelos appetites, pelas necessidades, pelos desejos, pelo orgulho, pela cobiça, e em geral pelo egoismo, pela paixão, e da outra pelo dever.

A paixão precede da sensibilidade, entretanto que o dever he uma concepção da razão. Daqui resulta que quando nossa intelligencia chega a conhecer o dever, nossa vontade tem sido já muitas e muitas vezes solicitada pela paixão e por ella desvairada. He isso o que acontece geralmente as crianças.

Neste estado obramos por assim dizer quasi do mesmo modo que os animaes, somos sempre livres, he verdade, mas não sabemos que o somos. Temos consciencia de que queremos, mas não temos consciencia de que queremos livremente.

Esta consciencia, a não adquerimos senão quando em vez de obedecer a paixão, nós lhe resistimos. He somente então que conhecemos a força de nossa vontade, he somente então que ficamos sabendo que somos verdadeiramente livres.

E o que he que nos póde levar a resistir assim á paixão? A idéa do dever, o qual, na phrase de um sabio escriptor contemporaneo, apparece dentro de nós mesmos como um poder calmo, porém inflexivel, cujos decretos eternos não dependem nem da nossa vontade, nem das leis escriptas, nem das paixões, nem dos preconceitos dos homens; terrivel para quem o offende, e doce para quem o ama.

He porque o dever se nos apresenta como obrigatorio, como lei da vontade, que para obedecer-lhe lutamos contra a paixão, impomos-lhe concessões e sacrificios e por um esforço mais corajoso, até chegamos a anniquila-la.

Resulta daqui que á primeira vez que temos consciencia de nossa liberdade he praticando um acto bom, he resistindo a' paixão para obedecer ao dever.

Eis porque te disse, querido amigo, que a liberdade, bem longe de consistir na possibilidade, na capacidade da queda, na possibilidade da infracção, como quer o Dr., he pelo contrario o instrumento de nossa perfeição.

« O homem não he verdadeiramente livre no interior de sua consciencia, diz Mr. Cousin, senão resistindo a paixão e obedecendo á justiça. »

« A obrigação moral, diz elle em outra parte resumindo um dos argumentos de Kant, tem o seu fundamento na distincção necessaria do bem e do mal, e he por si mesma o fundamento da liberdade. Se o homem tem deveres, importa que possua a faculdade de cumpri-los, isto he, a faculdade de resistir ao desejo, a' paixão, ao interesse para obedecer a' lei. Elle deve ser livre, logo o he, ou alias a natureza humana está em contradicção comsigo mesma. A certeza directa da obrigação arrasta a certeza correspondente da liberdade. » (1)

Fenelon, o sabio e virtuoso arcebispo de Cambrai, tambem mui terminantemente diz que a liberdade não he outra cousa que o poder de querer o bem, ao passo que o poder de querer o mal he antes uma fraqueza e uma fragilidade do nosso querer, do que um verdadeiro poder. (2)

Tão grande affinidade, tão intima relação ha com effeito entre a liberdade e a virtude, que não se conhece um só homem verdadeiramente virtuoso que a tenha negado. Não são senão os viciosos que isso tem feito.

E como o poderiam fazer os primeiros, se vivendo em luta continua com a paixão para obedecerem ao dever, não estão um só momento privados da consciencia do seu exercicio? Os segundos, sim, tem toda a razão de nega-la, pois não a exercendo, nada lhes pode attestar a sua existencia.

Esta he tambem a doutrina da propria religião que professamos.

O homem nasce no peccado, e não he senão usando da liberdade, ajudado pela graça, que consegue levantar-se.

O Dr. Feitoza por tanto não só se acha em opposição com a boa philosophia e com a igreja catholica a respeito da liberdade de Deos, senão tambem ainda a respeito da natureza da liberdade do homem.

Se somos livres, e se a liberdade consiste na possibilidade da infracção, na possibilidade, na capacidade da queda, como elle diz, sendo certo que só pode cahir quem não está deitado, segue-se que não nascemos em peccado, e que he peccando que exercemos essa faculdade.

E que doutrina perigosa não he esta, querido amigo, não somente para os proprios individuos que a professam, senão tambem ainda mesmo para o paiz em que vivem?

Se he certo que, consistindo a intelligencia na capacidade de conhecer, todavia não nos mostramos realmente intelligentes senão quando, exercendo essa faculdade, adquerimos verdadeiros conhecimentos; tambem deve ser certo que, consistindo a liberdade na possibilidade da infracção, na possibilidade, na capacidade da queda, não nos mostramos realmente livres senão quando, exercendo essa faculdade, cahimos, infringimos a lei; isto he, queremos e obramos o mal.

Sem duvida uma tal liberdade não será jamais do gosto dos homens honestos, nem amada pelos corações bem formados; ella não poderá ser apreciada senão pelos espiritos turbulentos, pelas almas depravadas. Eis porque te disse na precedente que de bom grado a renunciava, e que de todo o coração agradeceria á quem della me despojasse.

Espanta-me, não posso comprehender mesmo que o Dr. faça consistir uma faculdade no exercicio abusivo, que della fazem alguns. Não ignoro que a existencia de nossas faculdades pode ser provada assim pelo bem, como pelo mao uso que das mesmas fazemos, pois usar bem ou usar mal dellas he sempre exerce-las; mas faze-las consistir no máo uso, he sem duvida transtornar-lhes a natureza, he assignar-lhes um fim opposto áquelle em que poz a vista o Creador, quando com ellas nos dotou.

« De ser o homem livre, diz ainda Mr. Cousin, tratando deste objecto, de não pertencer senão a si mesmo, não se deve concluir que tem sobre si todo o poder. Muito pelo contrario, somente de ser elle dotado de liberdade como de intelligencia, concluo que não pode, sem decahir, degradar essa liberdade nem essa intelligencia. He um uso culpavel da liberdade o abdica-la. Já o dissemos: a liberdade não he somente sagrada para os outros, ella o he tambem para si mesma. Submette-la ao jugo da paixão em vez de augmenta-la debaixo da disciplina liberal do dever, he aviltar em nós o que merece nosso respeito, tanto quanto o nos outros. O homem não he uma cousa; por conseguinte não lhe he permittido tratar-se como cousa. »

« Ha uma educação da liberdade, bem como das outras nossas faculdades. He umas vezes domando o corpo, outras governando a intelligencia, principalmente resistindo ás paixões, que aprendemos a ser livres. Encontramos a cada passo o combate: he nosso dever não evita-lo. Nessa luta de todos os dias, forma-se a liberdade e engrandece-se até que torna-se um habito. »

« O que se chama ser livre? Cada um de nós sabe que he livre quando sabe que he o senhor de sua acção, que pode começa-la, suspende-la, ou continua-la, segundo a sua vontade. Somos livres, quando antes de obrar algum acto, temos tomado a resolução de o fazer, sabendo que podiamos tomar a resolução contraria. O acto livre he aquelle de que sei que sou a causa pelo testemunho infallivel de minha consciencia, e de que, por esse titulo, me reconheço responsavel. A liberdade he o attributo fundamental da vontade. » (3)

A verdadeira actividade não he senão a actividade voluntaria e livre. Embora a vontade seja finita ou infinita, he de sua essencia ser livre.

O que seria com effeito querer sem poder deixar de querer? Não seria acaso querer sem querer? Sim, vontade sem liberdade he um absurdo, he uma contradicção, he ser e não ser ao mesmo tempo. Tambem não ha vontade onde não ha intelligencia para guia-la.

Esta questão he importantissima, por isso querendo que não te fique nenhuma duvida a seu respeito, vou transcrever aqui uma bella passagem na qual Mr. Julio Simon, na sua obra *Le Devoir*, que ha dous annos foi premiada pela Academia franceza, a trata ao meu ver, com mão de mestre:

« Temos visto até aqui, diz o profundo analysta, o espirito concebendo um acto a fazer, e deliberando sobre a natureza desse acto; cercado pelas paixões e esforçando-se por julgar o caracter dellas e prever-lhes as consequencias, esclarecido pelo dever e fluctuando entre o interesse e a justiça. He depois dessa deliberação, dessa hesitação, e algumas vezes mesmo no meio della que o poder soberano resolve-se ao acto: ora, deixando-se levar pelo interesse, ora pelo dever, e sempre senhor de sua escolha; muitas vezes tambem calcando aos pés assim o dever como o interesse, para obedecer a alguma paixão insensata; sentindo-se perfeitamente livre de fazer outra cousa que aquella que faz; prompto para suspender sua resolução, ou para transforma-la se assim lhe parecer bem; desafiando fora de si todas as forças do mundo, e dentro de si as forças poderosissimas do desejo e da razão.

« Examinemos de perto esse quarto facto; pois he elle a liberdade toda inteira.

« O primeiro ponto que se deve bem estabelecer he que nem a paixão nem a idea são capazes de produzir uma acção sem a intervenção de minha vontade. Se a paixão produz um resultado, he quando me entrego, quando me abandono. Qualquer que seja a força de um sentimento ou de um principio, sinto, vejo, comprehendo que ella vem encalhar diante de minha resolução. Debalde he extremo o meu desejo, posso resistir-lhe se quero; debalde he o meu dever claro como a luz do dia, posso, se quero, calca-lo aos pés. A paixão pode consumir-me, não pode vencer-me. Ella tem a sorte dos tyrannos; pode matar-me e isso he tudo: he quasi dizer que he impotente.

« Insistimos tambem sobre esse outro caracter tão notavel da liberdade: não somente eu me determino no sentido que me apraz escolher, senão tambem fixo o meu momento, resolvo-me á minha hora; nada força-me a resolver-me neste instante antes que em outro. Muitas vezes, depois de uma serie de reflexões subtis e complicadas, tomo o meu partido de repente, sem ter resolvido o problema que me tinha proposto; he porque então minha vontade não espera por minha intelligencia. Algumas vezes tambem levo minha deliberação até ao fim, até á conclusão; e quando minha decisão está tomada, fico irresoluto, inactivo; he porque então minha intelligencia não arrasta minha vontade. Certos homens tem decisão no espirito e irresolução no coração, prova evidente da independencia radical da vontade. Em uma palavra, nada he mais evidentemente distincto do que estas tres phases do phenomeno voluntario: a concepção, a deliberação, a resolução. Primeiramente comprehendemos que ha lugar para querer; depois examinamos se he justo ou se he util querer; e afinal, queremos. Conceber um acto, meditar sobre um acto, não he faze-lo. Pensei que podia mover o meu braço; reconheci que faria bem em move-lo; entretanto elle permanecia immovel. Quero agora move-lo: ei-lo que move-se!

« Emfim, mesmo no momento de minha resolução e quando dou de alguma sorte impulso ás minhas faculdades activas, o que he que passa se em minha consciencia? Percebo claramente a minha resolução e comprehendo que ella he a causa de meu acto; mas ao mesmo tempo que a percebo, percebo-me a mim mesmo como força capaz de produzi-la. Tenho um sentimento que pode ser mais ou menos justo, mais ou menos preciso, porém que não falta-me nunca completamente, da extensão dessa força que me constitue; comprehendo claramente, vejo, sinto, pela intuição interior ou senso intimo, que essa força que produz essa resolução, poderia não produzi-la ou produzir outra inteiramente differente, e que assim he ella causa, razão ultima e sufficiente da mesma. Ora, uma causa que podia, por sua propria virtude, produzir outra cousa que não a que produz, he precisamente uma causa livre. He, portanto, ahi que percebo a liberdade com uma evidencia irresistivel; e he por causa disso que, de todos os actos da vida intima, a resolução de obrar, ou para fallar como a escola, a *volição*, he o que me faz penetrar mais profundamente no mysterio de minha propria natureza. Nellas sigo e alcanço a vida, a pessoa humana, até no focco de sua actividade. » (4)

Vê-lá, querido amigo, quão differente he essa liberdade da liberdade do Dr. Feitoza. Uma exalta o homem, ennobrece-o; a outra rebaixa-o, avilta-o. Uma concebe-se que exista e mesmo não pode deixar de existir na natureza divina; a outra he nella inconcebivel por indigna ainda mesmo da natureza humana.

A verdadeira liberdade consiste em querer o bem, assim como a verdadeira intelligencia consiste em conhecer a verdade, assim como a verdadeira sensibilidade consiste em sentir o prazer. O querer o mal não he senão o limite, a imperfeição da liberdade, assim como o cahir em erro he o limite e a imperfeição da intelligencia, assim como o ser sujeita á dôr he o limite e a imperfeição da sensibilidade.

Tira á liberdade humana o seu limite; isto he, o querer o mal; tira á intelligencia humana o seu limite, isto he, o cahir em erro; tira á sensibilidade humana o seu limite, isto he, o ser sujeita á dôr, e terás a liberdade infinita, a intelligencia infinita e a sensibilidade infinita; isto he, terás Deos querendo sempre o bem, sem querer jamais o mal, conhecendo sempre a verdade sem cahir jamais em erro, gozando sempre de prazer, de felicidade sem ser jamais sujeito a menor dôr.

« Perdeu-se o homem totalmente? pergunta o Dr. Não, responde elle proprio; porque se o homem se houvesse totalmente perdido, sua vontade não produziria nunca o bem, sua intelligencia não conheceria nunca a verdade, sua sensibilidade não daria senão o odio. Desde que ha no mundo algum bem, alguma verdade, algum amor, he evidente que a perda do homem não foi total. » (5)

Eis mais uma doutrina opposta á da igreja de que somos filhos, e a santa religião que professamos.

Se o homem não se perdeu totalmente, que necessidade havia de que o proprio Filho de Deos se revestisse de nossa carne e viesse ao mundo soffrer e morrer por nós?

A grandeza do remedio não será uma prova da grandeza do mal?

O Dr. Feitoza, desenvolvendo o seu pensamento, diz mais adiante que foi o principio do erro que, por seducção, por persuasão, arrastou o homem a infringir a vontade de Deos, a praticar o mal; que desde então, tornando-se o erro o principio predominante no mundo, era de mister que a *Verdade* descesse ao mundo para rehabilitar e reunir a humanidade, ensinando-lhe onde está e em que consiste o bem.

E quem he a *Verdade*? pergunta o Dr. He a *intelligencia de Deos*, responde. E quem he a intelligencia de Deos? He o Verbo. E quem he o Verbo? He o *Filho*. Logo, conclue, cumpria que o *Filho* descesse ao mundo para dirigir a vontade do homem ao bem absoluto, era mister ensinar ao homem qual a vontade de Deos.

Isto, querido amigo, he puro pelagianismo, he tambem a doutrina dos Socinianos e dos Deistas.

Os primeiros destes hereges, não crendo na propagação do peccado original em todos nós, tomam a Redempção em um sentido methaphorico e dizem que Jesus Christo não he Redemptor dos homens senão porque por suas lições os tirou das trevas da ignorancia, e por seus exemplos, da corrupção dos costumes; porque perdoa-lhes os peccados actuaes, e por suas promessas, por suas ameaças, etc., excita-os á virtude, á santidade, a ganhar o céo.

Os ultimos tendo a mesma opinião ácerca do peccado original, entendem tambem a Redempção de um modo semelhante. Elles dizem que Jesus Christo resgatara os homens de seus peccados perdoando-lh'os pelo poder que para isso recebera de Deos, que morrera por nós e fôra nossa victima, porque confirmara por sua morte a doutrina que havia ensinado, porque morrendo, dera-nos o exemplo da perfeita obediencia, pela qual podemos merecer o céo, e porque pedio a Deos que nos desse a coragem de imita-lo.

E será esta a doutrina catholica? Não, querido amigo. Jesus Christo ensinou-nos a verdade, mas não ensinou-nos toda a verdade, elle proprio he quem isso diz aos seus apostolos:

« Eu vos enviarei o Espirito Santo, o Espirito consolador, que procede do Pai; esse Espirito vos ensinará toda a verdade e habitará em vós, etc. » (S. J. c. 14.)

Não mostra isso claramente que o verdadeiro fim da missão do Filho de Deos foi outro que não ensinar-nos? Sim, o verdadeiro fim da encarnação do Verbo Divino, conforme nos ensina a igreja, fim que só elle podia alcançar, pois nenhum ente creado tinha para isso bastantes merecimentos, foi remir e salvar o mundo no sentido proprio destas palavras.

O padre Ventura, depois de tratar da queda do homem e da alteração subsequente de sua constituição, assim phisica como moral, exprime-se nos seguintes termos acerca da satisfacção que era devida a Magestade Divina offendida.

« Todo o insulto he tanto mais grave quanto maior he a dignidade da pessoa que do mesmo he objecto. Em razão, pois, da Magestade infinita que o homem insultara por sua revolta, seus peccados tinham alguma cousa de infinito em sua malicia, que não podia ser perdoada senão em vista de uma satisfacção infinita.

« Triste condição do homem! exclama Santo Agostinho. Tendo sido o peccado commettido pelo homem, he o homem quem devia expia lo; mas tendo sido commettido contra a magestade infinita de Deos, que não pode achar senão em si mesma uma satisfacção digna de si, não podia ser expiado senão por um Deos.

« Ora, porque meio, entregue o homem a si mesmo, poderia jamais elevar-se a um merecimento infinito, a uma santidade infinita, para poder apresentar a Deos uma satisfação infinita não somente pelo peccado de sua origem senão tambem pelos seus peccados actuaes? A reconciliação, pois, do homem peccador com seu Deos parecia impossivel de uma impossibilidade absoluta; sua perda era sem recursos, sua morte sem remedio; sua vida era sem esperança, sua morte sem consolação.

« Mas o que era impossivel a miseria do homem foi possivel a' caridade infinita de Deos, pelo meio do grande mysterio do Verbo de Deos que se fez homem.

« Esse Verbo divino não tomou a humanidade toda sã, impassivel, immortal; não tomou a humanidade tal qual ella era no estado da innocencia do homem. Tomou a humanidade fraca, enferma, sujeita aos soffrimentos e a' morte; tomou a humanidade tal qual se tornara depois do peccado do homem. Tomou, diz S. Paulo, uma carne que, sem ser manchada pelo peccado, tinha toda a semelhança exterior com a carne do peccado e desde então capaz de soffrer, de morrer pelo peccado e de expiar o peccado.

« Mas debaixo das pelles odiosas de Esau, debaixo do véo dessa carne do peccado, o verdadeiro Jacob, o Verbo Eterno, conservou sua vóz divina, a santidade, os merecimentos, os direitos, a dignidade de Filho de Deos. Pela unidade da pessoa na qual em Jesus Christo estão substancialmente unidas as duas naturezas, o Deos, assim como acabamos de o observar, he verdadeiramente homem e o homem verdadeiramente Deos. Verdadeiramente homem, elle póde ser humilhado, soffrer, morrer como qualquer homem; mas verdadeiramente Deos, póde dar a essas humilhações, a esses soffrimentos, a essa morte o valor, o merecimento infinito das acções de Deos e offerecer a Deos uma satisfacção infinita.

« He assim que, como David o tinha predito, a verdade dos decretos de Deos e a paz e a reconciliação do homem, a justiça infinita de Deos e sua misericordia infinita, encontrando-se em Jesus Christo abraçaram-se, beijaram-se, uniram-se e triumpharam. » (6)

O douto e profundo Bergier, em seu Diccionario de Theologia, que te he bem conhecido, sustenta no artigo *Redempção*, e prova com a autoridade não só da Escriptura senão tambem dos padres da igreja, que Jesus Christo em vez de ser o Redemptor do mundo no sentido dos pelagianos, socinianos e deistas, com cujas doutrinas parece-se muito a do Dr. Feitoza, o he pelo contrario em todos os sentidos e em toda a energia que os escriptores sagrados ligam a esta qualidade; que com o preço de seu sangue resgatara elle para nós a herança eterna perdida pelo peccado de Adam; que tornado homem pela encarnação, resgatara seus irmãos da escravidão do demonio em que tinhem cahido por esse mesmo peccado; que os salvara da morte eterna que haviam merecido e a que estavam condemnados como outras tantas victimas; que finalmente fora o vingador da natureza humana e acabara com o assassino dessa mesma natureza, destruindo o imperio do demonio e restituindo-nos a esperança da immortalidade.

« Se a perda do homem, diz ainda o autor do discurso, não foi total, necessariamente não peccou em todo o elasterio de sua liberdade; onde toda a liberdade arrasta toda a vontade, não pode haver possibilidade de arrependimento, e a pena he necessariamente eterna, como acontece no extremo satanico.

« Daqui resulta: 1. que o homem peccou; 2. que não peccou em todo o elasterio de sua liberdade; 3. que ficou capaz de algum bem; capaz de arrependimento; e portanto, capaz de redempção. »

Deixando por emquanto de parte essa liberdade que, não sendo, segundo ensina o Dr., senão o limite da vontade pode todavia arrastar a vontade, pois que não comprehendo semelhante mysterio dir-te-hei ainda que a doutrina acima expendida he opposta a' da igreja; a qual confirmando por seus decretos a doutrina de Santo Agostinho a este respeito, decidio que o homem por si mesmo não he capaz de fazer nenhuma boa obra meritoria, nem mesmo ainda de desejar faze-la; que para isso lhe he necessario o soccorro da graça actual interior, e que o simples desejo da graça he ja uma graça. Queres ver como com effeito assim mesmo aconteceu relativamente aos nossos primeiros pais? Escuta o que diz o padre Ventura.

« Transportemo-nos em espirito ao Eden que a primeira culpa do homem acaba de profanar. Estais vendo alli no fundo de uma floresta Adam em companhia de Eva, a complice de sua falta, agachado no ouco de uma arvore, tremendo de medo a idéa dos castigos de Deos, e opprimido de vergonha em presença do vacuo que a Innocencia e a Graça, retirando-se delle, deixaram lhe no coração? Que cousa mais natural em tão horroroso estado do que recorrer a' misericordia desse mesmo Deos, cuja justiça provocara, e procurar desarmar por seu arrependimento a colera celeste que por sua desobediencia havia excitado? Entretanto uma idéa tão simples, tão natural, não se apresenta a' razão do primeiro peccador, não obstante ser tão esclarecida e tão perfeita, e isso deve ensinar-nos que o homem não teria jamais conhecido a existencia desse meio de sua reconciliação com Deos, se Deos lhe não tivesse revelado. Longe de pensar em voltar para Deos, Adam, depois de ter-lhe voltado as costas, não pensa senão em apartar-se delle sempre cada vez mais, e occultar-se ao olho de seu amor; teria permanecido no abysmo de seu peccado se o proprio Deos não fosse ter com elle e lhe estendesse a mão para dahi o tirar. Vemos por isso, diz S. Prospero, que posto o homem por seu livre arbitrio possa abandonar a Deos; não pode voltar para os seus braços se sua misericordia, prevenindo-o, o não chama por sua voz interior, e não o attrahe por sua graça.

« Com effeito, não ouvis essa voz de tanta doçura com que retumba a floresta espantada: « Adam, Adam, onde estás? » He a vóz de Deos, diz S. Chrysostomo, chamando esse grande culpado por seu nome, para inspirar-lhe a confiança em sua bondade, convidando-o a dizer por si mesmo, não o lugar em que se acha, mas o estado em que cahira; he a voz de Deos provocando Adam peccador a reconhecer-se, a deplorar seu procedimento, a fazer uma humilde confissão de seu peccado, afim de obter o perdão que o teria apagado e a graça que teria reparado suas funestas consequencias. Eis aqui, pois, accrescenta Tertulliano, o proprio Deos, desde o primeiro instante em que o homem peccou, instruindo todo o peccador acerca do que deve fazer, isto he, indicando-lhe e estabelecendo da mais brilhante maneira, o arrependimento e a humilde confissão do peccado, como as condições necessarias do perdão e da destruicção do mesmo peccado. » (7)

Voltemos agora ao mysterio que acima assignalei.

O Dr. Feitoza diz que em sua opinião a liberdade não he uma faculdade especial e distincta da vontade, mas apenas um modo de ser da mesma. (8)

« Na vontade, continua elle, está a individualisação do ser; a vontade he o ser em sua acção propria, e a liberdade he a medida, a extensão, o limite dessa acção. Quando se ataca o ser em sua individualisação, o ser como que perde a sua qualidade de substancia independente; então atacada a vontade em sua essencia, deixa o ser de obrar como substancia, e ha comprometimento da liberdade, comprometimento necessario.

Temos pois, que a liberdade no homem não he uma faculdade distincta da vontade do homem; mas sim essa mesma vontade com o seu limite que a distingue da vontade necessaria. » (9)

Sendo isso assim, querido amigo, como entender o pensamento do doutor, quando diz: — Onde toda a liberdade arrasta toda a vontade? Como he que não sendo a liberdade senão a vontade com o seu limite, pode arrastar esta? Quereria elle dizer que a vontade com o seu limite arrasta a vontade sem o limite?

Confesso-te que minha intelligencia acanhada não pode comprehender tão grande mysterio.

Tendo Mr. Cousin estabelecido que Deos possue os mesmos attributos que nós, mas elevados ao infinito, que possue uma liberdade infinita junta a uma intelligencia infinita, e que assim como sua intelligencia he infallivel, isenta das incertezas da deliberação, pois com um só olhar percebe onde está o bem, assim a sua liberdade o executa espontaneamente e sem nenhum esforço, o doutor prorompe na seguinte exclamação:

« *Liberdade espontanea!* E o que quer dizer, o que significa, o que exprime a espontaneidade na liberdade? A liberdade produz de si alguma cousa? A *vontade* quer, a *intelligencia* conhece ou pensa, a *sensibilidade* sente; mas a *liberdade*, que especie de actividade demonstra? Conceda-se a espontaneidade na intelligencia; mas espontaneidade na vontade e na vontade livre? Cremos que Cousin se mostra aquem do assumpto. Acto espontaneo, na opinião de Cousin, he aquelle que não he ordenado pela vontade; ora onde ha ausencia de vontade não pode haver liberdade? Logo a solução de Cousin he uma vã subtileza. » (10)

Com que facilidade, querido amigo, se desautorisa assim um homem que he geralmente reconhecido como o maior dos philosophos vivos da França, e ao meu ver tambem do mundo inteiro, pois ja não existem na Allemanha os Kant, os Schelling, os Fichte e os Hegel que lhe disputem essa honra! um homem que ha 45 annos estuda philosophia, não por distracção, mas por vocação, e que escrevendo sobre esta sciencia desde 1820, ensina-a desde 1828 sempre com geral applauso e aceitação, e isso em Paris! Mas ah! quem o mandou metter-se a demonstrar a liberdade de Deos, havendo aqui em Pernambuco quem a negasse?

Entretanto não he Mr. Cousin que se mostra aquem do assumpto, he o seu contradictor que desconhece a natureza da liberdade. Sim, he elle, que em vez de considera-la como um attributo essencial da vontade, considera-a pelo contrario como um limite, uma imperfeição desta faculdade e a faz consistir na capacidade, na possibilidade da queda, na possibilidade da infracção.

O Dr. Feitosa diz que não se pode conceber espontaneidade na liberdade, porquanto na opinião do philosopho francez, o acto espontaneo he aquelle que não he ordenado pela vontade, e onde não ha vontade, não pode haver liberdade.

O que responder a isso, querido amigo? Uma só cousa, e he que o doutor não comprehendeu o verdadeiro sentido das palavras de Mr. Cousin, o qual não disse nunca em nenhuma parte isso que elle diz que dissera.

Em vez de ensinar que o acto espontaneo he aquelle que não he ordenado pela vontade, Mr. Cousin ensina pelo contrario, que he aquelle que he ordenado livremente por essa faculdade, mas sem o acompanhamento de nenhuma deliberação.

Queres ver como elle se explica a este respeito? Aqui estão as suas proprias palavras:

« Ha sem vã subtileza uma distincção real entre o livre arbitrio e a liberdade espontanea. « O livre arbitrio, he a vontade com o apparelho da deliberação entre os partidos diversos, e debaixo da condição suprema que, quando depois da deliberação nos resolvemos a querer isso ou aquillo, tenhamos a consciencia immediata de ter podido e de poder ainda querer o contrario. » He ahi que apparece mais energicamente a liberdade, porem ella não he esgotada. Tenho citado varias vezes o exemplo d'Assas. D'Assas não deliberou; foi elle por isso menos livre, ou deixou de obrar com inteira liberdade? O santo que depois de longo e doloroso exercicio da virtude, tem chegado ao ponto de praticar como se foram naturaes os actos de renuncia de si mesmo, que mais repugnam á fraqueza humana, não passara por ventura de um instrumento passivo e cego da graça, como mal a proposito o quizeram Luthero e Calvino por uma interpretação excessiva da doutrina agostiniana? Não; elle permanece ainda livre, e longe de se ter desvanecido, sua liberdade apurando-se, se tem elevado e engrandecido. « A espontaneidade he essencialmente livre, bem que não seja acompanhada de nenhuma deliberação e escape muitas vezes a si mesma no rapido arrojo de sua acção inspirada, e apenas deixe um traço nas profundidades da consciencia. » Transportemos esta exacta psychologia para a theodicea e reconheceremos sem hypothese que a espontaneidade he tambem a forma eminente da liberdade de Deos. (11) Sim, Deos he certamente livre; pois entre outras provas, seria absurdo que houvesse menos na causa primeira do que em um de seus effeitos, a humanidade; Deos he livre, mas sua liberdade não he essa liberdade relativa á nossa dupla natureza e feita para lutar contra a paixão e contra o erro, e gerar penivelmente a virtude e nossa sciencia imperfeita; elle he livre, mas sua liberdade he uma liberdade relativa a sua natureza divina. Entre o justo e o injusto, o bem e o mal, entre a razão e o seu contrario, Deos não pode deliberar, nem por conseguinte querer ao nosso modo. Concebe-se com effeito que elle tenha podido tomar o que chamamos o máo partido? Só essa supposição he impia. Cumpre pois admittir que, quando elle tem tomado o partido contrario, sua natureza omnipotente, justa e sabia se tem desenvolvido com essa espontaneidade que contem a liberdade toda inteira e exclue ao mesmo tempo os esforços e miserias da vontade (12) e muito mais ainda a operação mecanica da necessidade. Tal he o verdadeiro caracter da acção divina. (13)

Mr. Cousin não he o unico philosopho que assim pensa, todos os observadores que não são superficiaes distinguem em nós duas especies de actos livres, uns reflectidos, outros irreflectidos; quero dizer, uns que são precedidos de deliberação e outros que o não são.

Queres saber o que Mr. Julio Simon ensina a este respeito?

Aqui tens as suas proprias palavras:

« O acto que acabamos de analysar he feito com reflexão. Elle he por isso mais proprio para servir de exemplo, pois fora longamente pesado e discutido, e todas as suas phases nos são conhecidas; mas não poderá haver liberdade e conseguintemente responsabilidade sem reflexão? He incontestavel que o homem produz certos actos, nos quaes não tem maduramente pensado antes de os produzir. Ha mesmo alguns de que nos não lembramos mais depois de os ter produzido. Deveremos crer que todos esses actos são livres, posto que irreflectidos, ou que ha entre elles actos livres e actos que o não são?

Não se pode negar que a presença da liberdade no homem, diminuindo o dominio do instincto, deixa todavia algum lugar aos movimentos instinctivos. Se alguem me dirige inopinadamente para os olhos um tição ardente, volto-me a toda a pressa, não somente sem reflectir, mas ainda mesmo sem pensar no que faço, sem o saber. Se me lançam em um precipicio, agarro-me machinalmente no ramo que encontro em minha queda. São acções estas que faço fóra de toda a liberdade, e de toda a responsabilidade, mais como animal do que como homem.

« Mas se no calor do combate vejo de repente uma espada levantada contra meu general e lanço-me entre elle e a morte, não será livre esta acção?

Ella o he em verdade; tal homem nasceu para a fazer, e tal outro será sempre della incapaz; tal a fará hoje que amanhã a não faria mais.

Fazendo-a, sinto que me sacrifico a minha affeição ou ao meu dever; uma sorte de santo enthusiasmo mistura-se com o sentimento de meu sacrificio. Se escapo, não córo dos elogios que me dão; sinto que me são devidos, e que affrontei o perigo de perder muitas cousas que me são charas, para não faltar ao meu dever. Eis pois incontestavelmente uma acção livre, mas eis tambem certamente uma acção irreflectida. Por assim dizer, não tomei o tempo de pensar. Vi e obrei. Minha acção foi toda espontanea. Talvez que, se houvesse reflectido, eu tivesse achado solidas razões para abster-me, ou talvez que me faltasse a coragem, pois he preciso mais coragem

(1) Du Vrai, du Beau et du Bien L. XV p. 416 e L. XIV p. 372.

(2) Traité de l'existence de Dieu.

(3) Du Vrai, du Beau et du Bien L. XIV p. 396, e L. XII p. 298.

(4) Le Devoir p. 17 a 19.

(5) Athenea Pernambucano n. II pag. 86.

(6) T. I. conferencia IX p. 497 a 499.

(7) T. III conferencia XIX p. 13 a 15.

(8) He verdade que a liberdade não he uma faculdade especial e distincta da vontade, tambem não conheço philosopho que tal ensinasse; mas não he verdade que seja um modo de ser dessa faculdade. A liberdade he o attributo fundamental, o attributo essencial da vontade, assim o ensinam os que melhor observado tem a natureza das faculdades do espirito humano.

He por isso que os philosophos preferem antes significar essa faculdade pelo nome de liberdade, do que pelo de vontade que lhe he proprio. Com uma só palavra exprimem a faculdade e a natureza dessa faculdade; entretanto muitas vezes tambem empregam indifferentemente ambos os nomes. Por não ter comprehendido isso, he que o Dr. Feitoza acha vazias de sentido as expressões—liberdade espontanea—liberdade infinita—empregadas por Mr. Cousin.

Se ha quem tenha realmente distinguido a liberdade da vontade, he sem duvida o autor do discurso, considerando a primeira como o limite da segunda, dizendo que a primeira pode arrastar a segunda, etc. etc.

(9) Atheneo Pernambucano n. 2 pag. 84 (nota).

(10) Ibdem p. 85 (nota).

(11) Mr. Cousin ja mostrou que a liberdade he um attributo essencial e sempre subsistente da vontade, por isso em vez de dizer que a espontaneidade he a forma eminente da vontade de Deos, diz que o he da liberdade de Deos. Elle designa a cousa pelo seu attributo essencial, e não he isso o que fazemos todos os dias, dizendo em vez de Deos, a Bondade infinita, a Intelligencia infinita etc.

(12) Quer dizer os esforços e miserias da deliberação que precede á determinação da vontade.

(13) Du Vrai, du Beau et du Bien L. XVI p. 434 a 435 (nota).

MUTILADO
ILEGÍVEL

para perseverar em uma resolução heroica do que para executa-la logo que he concebida.

« Este exemplo basta para autorisar-me a dizer que ha acções irreflectidas, que são todavia feitas livremente, e cuja responsabilidade com justiça nos póde ser imputada. Se procurarmos em que ellas differem das acções puramente instinctivas, acharemos que não tem a infallibilidade do instincto, que não pódem produzir-se senão no homem, e que são acompanhadas pela consciencia do acto e pelo conhecimento do motivo. Se procurarmos de outro lado em que differem das acções reflectidas não acharemos nada bem marcado senão a ausencia da deliberação, pois ha no mesmo momento concepção do acto a fazer, concepção de um motivo, resolução e execução. » (14)

Liberdade infinita, diz ainda o Dr., são palavras vastas de sentido. Assim he, querido amigo, mas sómente para aquelles que consideram a liberdade como o limite da vontade, pois com effeito nenhum limite póde ser infinito; mas para Mr. Cousin que a considera, não como o limite, mas como o attributo essencial dessa faculdade, liberdade infinita he uma expressão mui significativa. Ella exprime a vontade divina livre e infinita.

Já que fallo da liberdade de Deos, permitte que trate ainda aqui de um dos argumentos produzidos pelo Dr. em sustentação da doutrina que a respeito della ensinou, pois que não me foi possivel aprecia-los todos convenientemente na precedente carta.

Dizendo que a vontade de Deos não depende absolutamente do poder e força dos motivos, que ella quer por que quer, o Dr. deu armas contra si mesmo. Elle estabeleceu a liberdade divina pensando combate-la.

Dize-me, querido amigo, porque razão nos consideramos livres? Sera' porque nossa vontade he arrastada pelo poder dos motivos, ou sera' porque o nosso querer não tem outra razão sufficiente senão o nosso mesmo querer?

Quando alguem nos pergunta a razão de algum acto nosso e não queremos explicar-lhe os motivos pelos quaes nos decidimos a pratica-lo, qual he a resposta que sempre damos?—Fiz porque quiz. Ha nada mais expressivo, ha nada mais decisivo, mais terminante do que uma tal resposta? Fiz porque quiz, quer dizer: o meu querer não tem outra razão sufficiente senão o meu querer mesmo, a minha vontade he livre; e que replicar a isso? Nada absolutamente.

E com effeito, se o ente livre não he aquelle que quer porque quer, aquelle a cujo querer não se póde assignar outra razão sufficiente senão o seu querer mesmo, sera' por ventura aquelle que quer arrastado por algum movel, ou por outra, aquelle que quer, não querendo verdadeiramente?

« A vontade, que he a séde da liberdade, he a mesma em todos os homens, diz Mr. Cousin. Ella pode ter ao seu serviço instrumentos differentes, potencias differentes e por conseguinte desiguaes, quér materiaes, quer espirituaes; mas as potencias de que a vontade dispõe não são ella, porquanto não dispõe das mesmas de modo absoluto. O unico poder livre he o da vontade, mas este o he essencialmente. Se a vontade reconhece leis, essas leis não são moveis, molas que a movam: são leis, idéas, a da justiça, por exemplo, a vontade reconhece essa lei, e ao mesmo tempo tem a consciencia de poder conformar-se com ella, ou de infringi-la, não fazendo uma cousa senão com a consciencia de poder fazer a outra e reciprocamente. » (15)

Mr. Julio Simon, no seu *Devoir* que ja' citei, demonstra tambem excellentemente a doutrina acima expendida. Para ella o homem não he livre senão porque não se póde assignar a sua vontade nenhuma outra causa determinante que a sua vontade mesma. He esse o seu titulo de nobreza, he nisso que consiste toda sua dignidade.

« A vontade humana, diz o illustre escriptor, he uma causa, cujo caracter proprio he a autonomia, isto he, o poder de determinar-se por si mesma, como bem lhe parece, em tal ou tal sentido; os adversarios da liberdade sustentam que não ha taes causas: eis todo o debate, e he sem razão que se faz intervir aqui o principio de razão sufficiente que não esta' em discussão. Se existe na natureza das causas, uma causa tal que contendo em si as formas contrarias, e todas as intermediarias comprehendidas entre ellas, possa realisar a seu bel prazer qualquer dessas formas, he claro que tem em si mesma a razão sufficiente não somente de seu acto, senão tambem da forma e de todos os accidentes de seu acto. Ora sera' impossivel que exista uma tal causa? em outros termos: são todas as causas necessariamente da natureza das causas phisicas, cuja acção toda limita-se a communicar a outros agentes uma impulsão que ellas proprias receberam? A questão assim estabelecida, esta' por assim dizer, ja resolvida.

« Não se trata aqui da liberdade de indifferença. A vontade determina-se livremente, mas não cegamente. Dizendo que a vontade humana dispõe de si mesma, não pretendemos que se decida a obrar sem motivo. O motivo he para a vontade aos nossos olhos uma occasião de desenvolver-se, cremos sómente que essa occasião não he determinante, isto he, que a forma do desenvolvimento da vontade não depende da natureza dos motivos, mas da propria vontade. Eu não obraria, se não experimentasse nenhum desejo; mas a acção que faço por causa desse desejo he tal qual eu quero que seja, e não tal qual o meu desejo a faz. » (16)

O homem he livre, querido amigo, Deos he tambem soberanamente livre, por isso mesmo que nenhuma razão sufficiente se póde assignar nem ao querer de um nem ao querer do outro, senão o seu mesmo querer.

Singular e extravagante he por certo a idea que o Dr. faz do Deos creador do Céo e da terra. Ao seu ver, o Ente supremo quer cegamente, isto he, quer sem saber o que quer; sua intelligencia não póde ornecer motivos a sua vontade ella limita-se a conhecer o que a vontade cegamente tem querido. (17)

Accrescenta que esse Deos não he livre e dize-me se não lhe somos a perder de vista superiores; nós que sabemos o que queremos, e queremos livremente!

Sera esse o Deos de Abraham e de Jacob, o Deos dos christãos, o Deos a quem adoramos? Não, certamente, e custa mesmo a crer que isso tivesse sido dito, escripto e publicado por um homem que foi educado no gremio da igreja catholica, e que diz que ainda professa a fé de seus maiores.

Se o Dr. se tivesse dado ao trabalho de ler sequer as primeiras paginas da Biblia, não teria cahido em erros tão grosseiros.

Elle affirma que a intelligencia de Deos não pode fornecer motivos á vontade de Deos, a qual desenvolve independentemente della; entretanto Moyses escrevendo a historia da creação, debaixo da inspiração do Espirito Santo, conforme crê e ensina a igreja, refere positivamente o contrario.

« Disse tambem Deos: Faça-se o Firmamento no meio das aguas, e separe umas aguas das outras aguas.

« E fez Deos o Firmamento, e dividio as aguas que estavam por baixo do Firmamento das que estavam por cima do Firmamento etc. »

« Disse tambem Deos: Façam-se uns luzeiros no Firmamento do céo, que dividam o dia e a noite e sirvam de signaes para mostrar os tempos, os dias e os annos: etc.

« Fez Deos pois dous grandes luzeiros um maio que presidisse ao dia: outro mais pequeno que presidisse a noite: etc. »

« Disse tambem Deos: Produzam as aguas replis de alma vivente, e aves que voem sobre a terra debaixo do Firmamento do céo.

« Creou Deos pois os grandes peixes e todos os animaes que tem vida e movimento etc. »

« Disse tambem Deos: Produza a terra animaes viventes segundo o seu genero: animaes domesticos, reptis e bestas da terra, segundo suas especies.

« E creou Deos as bestas da terra, segundo as suas especies: os animaes domesticos etc. »

« E disse: Façamos o homem a nossa imagem e semelhança, o qual presida aos peixes, do mar, ás aves do céo, as bestas da terra e a todos os reptis que se movem sobre a terra, e domine em toda a terra.

« E creou Deos o homem á sua imagem: elle o criou a' imagem de Deos, macho e femea os criou.

« Disse mais o Senhor Deos: Não he bom que o homem esteja só: façamo-lhe um adjutorio semelhante a elle.

« Infundio pois o Senhor Deos um profundo somno a Adam; e quando elle estava dormindo, tirou uma das suas costellas e encheu de carne o lugar donde a tinha tirado.

« E da costella que tinha tirado de Adão, formou o Senhor Deos a mulher, e a trouxe a Adão. (18)

Quem não distingue em tudo isso a concepção do pensamento e sua realisação pela vontade? o padre Ventura he tambem deste parecer.

« Estas mesmas palavras (Ipse dixit, et facta sunt; ipse mandavit, e creata sunt) diz elle, ensinam-nos emfim que a materia e suas propriedades, as causas e seus effeitos, as forças e seus resultados os elementos e os corpos que delles foram formados os principios e suas consequencias, tudo em uma palavra, sahio da mesma mina, teve a mesma origem, a mesma razão, a mesma base, o mesmo principio, que tudo não foi senão— « um pensamento da intelligencia de Deos, um signal de sua vontade, um acto de seu poder, um echo de sua palavra realisando-se no nada; que o ideial do mundo sahio inteiramente feito, de um só jacto da intelligencia divina, assim como o facto brotou completo do som da sua palavra, » que não houve intervallo entre a causa e o effeito, entre a palavra e a cousa, entre a ordem e seu cumprimento; de sorte que o mesmo instante que ouvio essa palavra vio sua execução immediata, completa e perfeita. » (19)

Referindo-se a S. Basilio, adverte-nos elle que não devemos tomar no sentido material a palavra « dixit Deus», que não devemos crer que Deos tenha encerrado seu pensamento em um som de voz, e que tenha tido necessidade de pronunciar uma palavra phisicamente articulada para declarar sua vontade e faze-la executar. Seria isso rebaixar Deos a condição do homem, como o tem feito os poetas. Segundo os verdadeiros principios da fé christã, o dizer de Deos, o mandar de Deos, não he outra cousa que executar o primeiro movimento de sua intelligencia, o seu verbo, pois que he pelo verbo que Deos tudo fez. He assim que Deos falla. (20)

Em falta de todos estes testemunhos, querido amigo, bastaria que considerassemos um pouco o mundo para que ficassemos inteiramente convencidos de que não he obra de uma causa que não sabe o que faz, e que obra necessariamente.

Tambem senão pode conceber que uma causa infinitamente sabia e livre obre sem se propor um fim.

O mesmo sabio padre, referindo-se ainda a S. Bazilio, refuta ambos estes erros nas seguintes palavras:

« Mas lembrai-vos de que ha mesmo hoje philosophos que, admittindo ser Deos a causa do mundo, ousam todavia affirmar que não o fizera livremente; que o mundo he um effeito necessario dessa causa divina, do mesmo modo que a sombra he o effeito necessario dos corpos, e que um facho acceso causa necessariamente luz. Ora, diz S. Bazilio, he para previnir um tal erro que contesta a Deos a liberdade da creação, que Moysés começou por estas palavras: « No principio creou Deos o ceo e a terra » as quaes excluem evidentemente todo o constrangimento, toda a necessidade da parte do Creador, e dizem em seu laconismo divino,—« que Deos fez o mundo livremente, afim de fazer-se conhecer como o Ente bom, pelo que fez de util; como o Ente poderoso, pelo que fez de grande; e como o Ente sabio, pelo que fez de soberanamente bello. » (21)

Todos os erros em que cahio o Dr Feitoza, querido amigo, erros funestissimos e que não sei como ainda não foram combatidos, visto que a imprensa ja os propagou por todo o paiz, nascem da idéa falsa que faz da liberdade e tambem do pouco conhecimento que parece ter dos deveres que nos impõe a santa religião que professamos.

Considerando a liberdade como o limite, e por conseguinte como uma imperfeição da vontade, fazendo-a consistir na possibilidade da infracção, na possibilidade, na capacidade da queda, não era possivel que a reconhecesse em Deos, que he perfeitissimo. Negando a Deos a liberdade, a consequencia foi affirmar que a intelligencia divina não podia fornecer motivos á vontade divina, que não sendo livre, não pode escolher entre os motivos. Affirmando que a intelligencia divina não pode conhecer senão aquillo que se lhe manifesta, a consequencia foi affirmar tambem que a vontade divina quer sem saber o que quer.

O Dr. não recuou diante de nenhum absurdo, e se desgraçadamente continuar na mesma marcha, mais breve do que elle proprio pensa, tera cahido no abysmo do atheismo; não no atheismo pratico, pois esse, segundo um sabio escriptor contemporaneo, he a vontade dirigida em sentido inverso das leis moraes, porem no atheismo especulativo que, segundo o mesmo autor, não he senão a razão dirigida em sentido inverso das leis logicas.

O methodo que conduz a tão medonho abysmo he o proprio que o Dr. emprega sem o saber. He o inverso daquelle que conduz a Deos.

Este, á vista das perfeições que adornam os entes creados, apaga-lhes os limites, e elevando-as ao infinito, chega ao ser absoluto; aquelle, pelo contrario, em vez de apagar os limites e elevar as perfeições ao infinito, apaga as perfeições e elevando os limites ao infinito, chega ao não ser absoluto.

Nós, reconhecendo no homem a liberdade, apagamos-lhe o limite, e elevando-a ao infinito, chegamos ao ser absolutamente livre; o Dr., reconhecendo tambem no homem a liberdade, em vez de apagar-lhe o limite e de eleva-la ao infinito, apaga, pelo contrario, a perfeição, e elevando o limite ao infinito, chega ao não ser absoluto nesse sentido.

Eis porque digo que, se desgraçadamente continuar nessa marcha, mais breve do que elle proprio pensa, tera cahido no medonho abysmo do atheismo especulativo, tera negado todas as perfeições de Deos, tera negado o proprio Deos. Não podendo referir-te tudo quanto a este respeito tem escripto o sabio abbade Gratry, limitar-me-hei a apresentar-te aqui uma passagem do seu tratado—De la connaissance de Dieu—que te mostrara' de alguma sorte tudo quanto fica acima exposto.

Considerando os entes que nos cercam, contemplando este mundo e nossa alma, vemos nelles o ser e a vida, mas limitados; traços de belleza, de bondade misturados de vicissitudes e contrastes. Mas a bondade imperfeita deste mundo nos faz comprehender a bondade infinita; sua belleza emprestada, a belleza absoluta; porque este mundo revela e annuncia Deos. He isto o que em presença deste mundo deve comprehender a alma de todo o homem e tal he o dever de sua razão.

« O dever de nossa razão, he conceber o infinito através de todo o vestigio de ser, de belleza, de bondade que as creaturas nos mostram; e porque ellas nos mostram tambem por toda a parte limites, vacuo, mal e imperfeição, o dever de nossa razão, assim como o dever de nossa vontade he não-parar, nem relativamente ao conhecimento, nem relativamente ao amor, nos entes limitados. Transpô-los, procurar o ente infinitamente perfeito, manifestamente differente de todas as creaturas, bem que evidentemente annunciado por cada uma, tal he o nosso dever.

« Mas he aqui que os homens separam-se e vão para Deos ou delle apartam-se.

« Quem he que não tem hesitado em presença do espectaculo complexo das cousas? Umas vezes a ordem e a belleza do mundo levam a alma a' admiração, ao louvor, á esperança e á fé nesse ente invizivel que todas as cousas annunciam e revelam. Outras vezes a desordem e o mal, a mizeria e a brevidade do presente, principalmente a morte perturbam-nos, entristecem-nos e impellem-nos a desconfiança, á murmuração, ao desespero. Nessa hesitação, nessa provação da razão e da vontade, uns, sustentados pelo instincto legitimo da natureza humana, ou para melhor dizer pelo contacto de Deos na raiz da alma, manteem em si o idéal, a fé na perfeição infinita, substancial, actual e viva. Outros, apezar do horror que suas almas experimentam e dos remorsos de sua razão, deixam suffocar em si o idéal pelo espectaculo do accidente, a fé pela vista do obstaculo, e em resposta á duvida, escolhem a negação. São estas as duas raças moraes e intellectuaes que dividem entre si o mundo. Ha espiritos e corações que affirmam; ha outros que negam. Ahi está toda a questão: Deos ou não, sim ou não.

« E a escolha he livre. Voluntaria e livremente somos por Deos ou contra Deos.

« He esta a escolha entre os dous caminhos que se offerecem a todo o homem, não somente em sua mocidade senão tambem em cada ponto da vida. Cada momento da consciencia de nós mesmos, cada impressão das creaturas, póde e deve retumbar de nós e da creatura até Deos, se repellindo e desdenhando a vaidade, a imperfeição e a mizeria presente das cousas e de nos mesmos, um amor energico do bem, isto he, a virtude, eleva nossa alma para o Bem supremo e soberana perfeição, levando-nos do finito para o infinito, do transitorio para o eterno. He isso o que Socrates chamava philosophar, quando dizia: « Philosophar he aprender a morrer: he aprender a sacrificar as impressões accidentaes e passageiras, as sensações limitadas, os prazeres finitos e imperfeitos para alcançar a propria substancia, cuja sombra são. » Esta marcha para o infinito pelo sacrificio do finito he o caminho direito, o caminho do bem e da verdade.

« Mas se todos os momentos da consciencia de nós mesmos, se todas as impressões das creaturas, em vez de retumbarem até Deos em nossa intelligencia e em nosso coração, envolvem-nos no egoismo e na sensualidade: se cada prazer e cada dor pregam-nos, segundo a expressão energica de Platão, no ponto presente e accidental da vida; se em vez de elevar-nos ao infinito e ao immenso, o instante presente fixa-nos em um ponto do finito; se elle separa-nos não somente da consciencia de Deos, mas ainda da consciencia plena de nós mesmos, da posse total de nossa alma, maior que o mundo, para reduzir-nos ás proporções de uma creatura que não he senão uma particularidade no mundo: este rebaixamento que não pode ter lugar senão porque preferimos livremente a possessão de nós mesmos á de Deos, e á possessão plena e total de nós mesmos a impressão exterior dos sentidos, a sensualidade á razão, a voluptuosidade á virtude e á liberdade; essa decadencia continua para o menor, he evidentemente o caminho falso, o caminho do mal e do erro.

« O homem sobe e desce livremente na escada da vida em cada ponto da vida. Elle tende, por cada um de seus movimentos livres para a plenitude da vida ou para a vaidade da vida, isto he, para um ser real actual, ou mais vazio ou mais cheio. Elle oproxima-se de Deos e he mais, ou aparta-se de Deos e he menos, e tal he todo o mysterio da vida: ir para Deos ou apartar-se delle. Nós ignoramos a historia perpetua e universal do mundo e de cada alma; entretanto o terrivel drama não pára. Marchamos sempre ou para Deos ou para o nada: o homem mão desce para o nada, diz a Escriptura Santa. »

« Eis porque ha atheos.

« He certo que ha para a alma momentos horrorosos, nos quaes descida de alguma sorte a um menor ser, isto he, abaixada em sua vida, ella he tentada de incredulidade absoluta; sentindo-se decrescer e abaixar, ella he tentada a dizer. Tudo não he senão um abysmo vazio; não ha nada, não ha Deos; porque ella marcha para um menor ser, começa a crer no nada: do mesmo modo que nos momentos luminosos de crescimento da vida, a alma que sente-se crescer e subir concebe o ser cada vez mais, estremece de alegria e salta, por um poderoso acto de fé, até á certeza immediata e affirmação absoluta do ser, isto he, do ser infinito.

« De sorte que em substancia o mysterio do bem e do mal, do erro e da verdade, consiste, pela escolha da liberdade, em chegar a um desses extremos, a um desses dous juizos primitivos, universaes, implicitos, que são a substancia de cada espirito: o Ente he, ou então o Ente não he; proposições ambas vivas, intimas e encarnadas, que cada alma affirma a sua escolha e traz em suas entranhas. Uma dellas produzida pelo amor livre do soberano Bem, he a propria formula da evidencia, o Ente he; a outra, produzida pelo desgosto do soberano Bem e pela escolha habitual do menor que resulta do egoismo, he a formula geral do absurdo, isto he, a mais terminante e a mais absoluta de todas as proposições contradictorias: o Ente não he.

« São estas, repito, as duas tendencias humanas, o bem, o mal; a verdade, o erro; ha espiritos que affirmam, e he porque amam: ha espiritos que negam, he porque não amam: negação absoluta ou affirmação absoluta. Ser ou não ser, Deos ou não, tudo ou nada.

« Daqui a bella observação de Platão que Leibnitz acha tão verdadeira: « O philosopho e o sophista marcham em sentido contrario; um vai para o ser, o outro para o nada, e ao passo que o philosopho he deslumbrado pela claridade demasiadamente grande do seu objecto, o sophista, pelo contrario, he cego pelas trevas do delle. »

« A esse respeito, Leibnitz refere ainda que o sophista Foe, dizia aos seus discipulos no fim de sua vida: « O fundo das cousas he que não ha nada; o principio de todas as cousas he o nada. » Sabemos que a India está cheia desse nihilismo insensato, os sophistas gregos, e Gorgias entre outros, o ensinaram. Plotino a elle voltava, e em nossos dias uma escola philosophica inteira o ensina.

« Ha portanto atheos; em todos os seculos os tem havido; ha de have-los sempre, porque o mal põe nos corações dos perversos a incredulidade radical e a negação absoluta. O atheismo, dizia Platão, he uma doença da alma, antes de ser um erro do espirito.

« Eis agora o porque ha hoje uma escola de atheismo mais scientifico do que o atheismo antigo.

« He porque, assim como o atheismo pratico não he e não pode ser senão a propria vontade dirigida em sentido inverso das leis moraes, do mesmo modo o atheismo especulativo não he senão a razão dirigida em sentido inverso das leis logicas; donde resulta esta estranha consequencia, que em philosophia, a theoria do atheismo não he outra cousa que a demonstração da existencia de Deos tomada ás avessas. Ora, sendo a demonstração actual da existencia de Deos mathematicamente rigorosa e tornada tal visivelmente pelos trabalhos do seculo XVII, segue se que a theoria actual do atheismo, que he essa mesma demonstração invertida, he, em um certo sentido, rigorosa, e direi mesmo, conforme a verdade; porquanto no fim do raciocinio traz o absurdo; o que deve ser, pois que um bom raciocinio deve reduzir ao absurdo a hypothese de que não ha Deos.

« O atheismo contemporaneo, representado por Hegel, procede como se segue. A' vista dos entes finitos que são até certo ponto e não são além; á vista das perfeições creadas e de seus limites, elle applica em sentido inverso o processo que sobe para Deos. Em vez de apagar o limite e elevar ao infinito as perfeições, apaga as perfeições e impelle o limite ao infinito; e chega assim a affirmar que existe um não ser absoluto, e que não ha outro ser absoluto que o nada.

« Donde segue-se que o Ser e o Nada são identicos, ou que o Ser he o Nada. » Estas duas proposições estão textualmente em Hegel que as repete a cada instante. Ellas são, como se vê, o enunciado do absurdo absoluto. Isso devia ser. O processo que, applicado no sentido recto, dá a propria verdade, deve trazer o absurdo puro quando he applicado ás avessas. » (22)

Nada mais pode dizer-te por hoje o teu amigo do coração.

Y.

Outubro 22 de 1856.

(14) De Devoir p. 22 a 24.
(15) Du Vrai, du Beau et du Bien L. XII p. 298 e 314.
(16) Le Devoir p. 39 e 40.
(17) Vide carta II ou o Atheneu Pernambucano p. 87.
(18) Traducção do Padre Pereira.
(19) Conferencias t. II p. 669.
(20) Ibidem p. 661 e 662.
(21) Ibidem p. 680.
(22) De la Connaissance de Dieu t. II p. 152 a 160.

Tivemos a satisfação de assistir a repeesentação theatral do dia 13 do corrente, com que se dignou brindar-nos o nosso patricio o Sr. Santa Rosa, a quem devemos ser gratos pelos esforços que faz para regenerar o nosso quasi defunto theatro, principalmente quando o alvitre de que se serve he o mais azado para dar occupação licita a alguns dos nossos patricios que se quizerem dedicar á vida artistica.

Comquanto não estejamos habilitados e menos habituados a escrever para o publico, tanto mais por que uma habil penna ja se adiantou em fazer a analyse do espectaculo do dia 13, pedimos venia ao respeitavel publico para tolerar por um instante a nossa sem saboria e permittir que digamos algumas palavras, porque sentimos em certas passagens emoções tão fortes, que sobre maneira nos impressionaram o espirito.

Pela descripção do espectaculo feito neste *Diario* de 15 do corrente, pode ver o respeitavel publico que a peça, comquanto não seja destas que tem profundo enredo e que desperte a cada momento a sensibilidade, com tudo encerra bastante moralidade, e tem passagens que interessam vivamente e até fariam arrancar lagrimas ao coração mais empedernido, se fossem executadas com toda a perfeição, que senão podia exigir de actores principiantes, e que pela primeira vez entram em scena e são dignos alias de toda a indulgencia porque desempenharam seus papeis por maneira que mais se não podia delles exigir.

O drama encerra quatro papeis principaes e sobre cada um delles permitta-se-nos que façamos pequenas reflexões para não aborrecermos o publico e menos causarmos sua paciencia.

Temos em primeiro lugar uma viuva moça, rica, pretenciosa, recebendo com satisfação as homenagens de cavalleiros, e vendendo caro sua obzequesidade: porém bastante discreta e judiciosa para interromper suas relações com um homem casado que frequentara a sua casa e que por uma paixão desenfreada que o cega, abhorrecia sua legitima mulher e a tratara sempre com maneira desabridas em troco da maior delicadeza e candura com que era mimosiado por sua mulher, um anjo de bondade, e um verdadeiro typo do amor conjugal, um complexo das mais bellas virtudes.

Esses dous papeis foram encarregados e primeiro a Sora. Knott que comquanto estivesse fria no principio da represeutação, todavia depois que perdeu o medo esteve animada e executou por maneira que satisfez; o segundo foi desempenhado pelo Sr. Rozendo que na verdade comprehendeu seu papel e deu provas de que ja não he novo na arte, e se fosse mais difficil, sem duvida que mais faria o Sr. Rozendo para mostrar o seu talento.

O terceiro papel e o mais importante de todos foi desempenhado por mademoiselle Josephina Menar.

Trata-se de uma esposa na flor da idade, porém com bastante juizo, para constituir-se um modelo de amor conjugal, de extrema dedicação a seu marido, ainda que este seja muito mão, de honestidade e honradez ao ultimo extremo, de uma paciencia e resignação como aconselha a religião, um modelo emfim das mais apreciaveis virtudes e sentimentos nobres e elevados, como he raro encontrar-se em tão tenra idade: esta virtuosa e delicada esposa soffre com a maior resignação os phrenesis e accessos de seu marido, e nunca tem a oppor-lhe senão caricias e expressões meigas, cheias de ternura: esta mulher modelo da esposa virtuosa repelle com altivez os conselhos de seu pai, que fazia todos os esforços para separa-la de seu marido: comprehende perfeitamente que a honra e a honestidade não permittem que uma mulher abandone a companhia de seu marido, e que não ha homem por muito mao que seja que não possa ser subjugado pelo amor, pelo carinho, pela dedicação de uma mulher; que a arma mais poderosa he o coração, e que aos dictames de um coração que só inspira amor e ternura não ha homem que resista: se todas as mulheres dessem o devido apreço as armas que tem á sua disposição, certamente que não haveria marido mao: as feras se domam com o amor e o carinho quanto mais os homens: e se ellas bem soubessem manejar os affectos, e bem prezassem a sua honra e honestidade, nenhuma certamente abandonaria a companhia de seu marido: ou quando por ter-lhe destinado a sorte esse homem indomavel, o que achamos impossivel, quando a mulher he bastante discreta e judiciosa prr saber vencer, um claustro deveria occulta-la eternamente as vistas e aos dizeres do publico....

Mademoiselle Menar, cremos, que he a primeira vez que apparece em scena: merece toda a desculpa por não ter mostrado sempre o mesmo interesse, e tor em certas passagens estado completamente fria, porem em outros compenetrou-se perfeitamente do seu papel e desempenhou-o como não se poderia esperar de uma artista tão novel: vimo-la algumas vezes muito commovida e sensibilisada não so quando tinha de empregar para com seu marido palavras de ternura e de meiguice, como tambem quando procurando a mulher que era a causa das tresvarios de seu marido, ella teve de empregar essa linguagem forte e resoluta, que só fornece a honra e o verdadeiro amor, e com as quaes foi capaz de conseguir que essa mulher, cheia de orgulho, tomasse a firme resolução de vedar que o marido da victima que a procurava, deixasse de frequentar a sua casa, e por esse meio conseguio-se que esse homem desvairado cahisse em si, e se tornasse um esposo digno de tal nome.

Além destas passagens, duas mais houveram em que madamoselle Menar mostrou-se possuida de seu papel, empregou todos os seus esforços para mover os affectos: instigada por seu pai, que a queria tirar da companhia de seu marido, ella diz-lhe: « Tornarei quando não tiver outro remedio: quero resistir até que me falte o soffrimento, a honestidade e o decoro me darão forças, e he menos penoso soffrer os domesticos desagrados do que expor-me as criticas do mundo: » nessa occasião a actriz apoderou-se de um sentimento que repercutio em não poucos corações: vimos algumas lagrimas deslisarem-se por certas faces mimosas, e os lencinhos promptamente as encobrirem, e se de nossos olhos algumas não correram, he porque elles são muito escassos em derrama-las.

No terceiro acto tambem houve outra scena digna de menção e foi quando a infeliz espoza teve de regeitar o contrato feito por seu pai e seu marido por deixa-la e dar-lhe uma subsistencia: seu pai inteiramente satisfeito appresenta-lhe o papel passado por seu marido, ella o toma e vendo o conteudo, commetteu uma falta de delicadeza e desattenção para com o seu progenitor, rasga o papel com impeto e diz-lhe: « Que sou mulher do cavalleiro e que só o golpe da morte me podera' separar delle, que não aceito ajustes malevolos e obrigações escandalosas, » he uma falta digna de ser perdoada a uma mulher que sabe aquilatar os seus deveres e se acha possuida de verdadeiro amor a seu marido: por fim na visita que faz a viuva a essa desventurada esposa, na occasião em que seu marido acabava de propinar-lhe veneno, madamoiselle Menar mostra-se affectuosa sobre maneira, eleva-se a ponto de causar vivas emoções, ahi quer ella, depois de haver conhecido o trama negro e infame desse homem desalmado, mostrar-se superior ao seu infortunio e bastante dedicada a seu esposo para receber a morte contanto que elle fique entregue as suas loucuras: he justamente este esforço extremo da alma mais bem formada que fere como um raio a consciencia desse bruto o qual envergonhado dos seus malvados feitos, conhece seus crimes prostrado a os pés de sua santa esposa, arrepende-se delles e emendando-se vai viver uma vida de homem de bem: esteve importante esta scena e toucou-nos vivamente.

Eis como a constancia no soffrimento, o bom senso de uma joven esposa, o verdadeiro amor conjugal, o inteiro conhecimento e apreciação da honra e das virtudes que devem ornar o caracter de uma completa senhora, vencem um genio irascivel, furibundo e fazem delle uma cera para moldar-se a tudo: se todas as mulheres comprehendessem o nobre papel de Mademoiselle Menar, não haveria escandalos que se dão todos os dias!!!

O quarto papel, ou se quizerem chamar quadro, emfim he representado pelo Sr. Santa Rosa e pela Sra. Jesuina: trata-se de um casal de criados, cuja mulher he de um genio ralhador e bulhento, e que por qualquer ninharia ou phrase de seu *lindo* esposo, vai-lhe as ventas, arranha-lhe a cara e injuria-o com palavras asperas e proprias somente de criadas: ambos os artistas desempenharam a sua missão, e com toda a propriedade. O Sr. Santa Rosa, cuja especialidade he bem conhecida em papeis caricatos, lastimamos que a Sra. Jesuina fosse destinado um papel tão triste, como seja o de mulher, que maltrata a seu esposo: a mulher deve ser um anjo de candura e a imagem do amor, para ser adorada pelo homem, e não uma furia infernal: he verdade que muitos philosophos e poetas tem pintado a mulher sob a forma do diabo; mas outros tem as pintado sob a forma de idolos a quem devemos adorar.

Pedimos ao Sr. Santa Rosa, que não desanime em duplicar de esforços, e que nos continue a obsequiar com seus espectaculos, para não vivermos nesse abandono em que nos achamos, e o respeitavel publico que nos releve, se o enojamos com esta enfadonha narração feita por um seu comprovinciano

O Justus.

Correspondencia.

Srs. redactores.—As boas acções nunca devem ficar escondidas, não só porque quem as pratica tem direito a ser elogiada, como porque a publicação de taes acções pode servir de honroso exemplo e nobre estimulo para muitos.

Assim pois julgo um dever fallar do procedimento que teve nas ultimas eleições da freguezia de S. Antonio o Sr. Firmino José do Rego, o qual, posto que trabalhasse em favor do triumpho do partido a que elle pertence, todavia não nos consta que praticasse acto algum de turbulencia, que commettesse qualquer desacato, injuria, ou violencia contra os cidadãos que concorreram á eleição; pelo contrario somos informados que o Sr. Firmino se portara moderado e com quietação. Felicitando ao Sr. Firmino pela mudança do seu proceder, com o qual entrou no caminho dos homens honestos e grandes, temos por fim dar testemunho de uma verdade, e fazer desvanecer qualquer impressão desfavoravel que paire sobre sua pessoa, e qualquer suspeita que lhe seja desairosa. Com a insersão destas linhas muito obrigarão a

Um conservador.

Commercio.

PRAÇA DO RECIFE 17 DE NOVEMBRO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Cambio sobre Londres—27 3/4 60 d/v.
Dito sobre dito—28 d. a 90 d/v.

Frederico Robilliard, presidente
P. Borges, secretario.

CAMBIOS.

Sobre Londres, 27 3/4.
« Paris, 346.
« Lisboa, 98 a 100 por % de premio.
« Rio de Janeiro, 1 1/2 a 1 por 0/0 a 15 e 30 dias.
Acções do Banco, 40 a 45 de premio.
« « companhia de Beberibe 54$000.
« « companhia Pernambucana ao par.
« « Utilidade Publica, 30 por cento de premio.
« « Indemnisadora. —52 idem.
« « da estrada de ferro —20 por 0/0 de premio.
Disconto de lettras, de 7 a 7 1/2 por 0/0.
Dito do banco—7 a 8 por 0/0.

Ouro.—Onças hespanholas	28$ a 28$500
Moedas de 6$400 velhas	16$000
« « 6$400 novas	16$000
« « 4$000	9$000
Prata.—Patacões brasileiros	2$000
Pesos columnarios	2$000
» mexicanos	1$860

Caixa Filial do Banco do Brasil

EM 17 DE NOVEMBRO DE 1856.

Directores da semana, os senhores: — João Pinto de Lemos e Dr. Augusto Frederico de Oliveira.

Desconto de lettras a vencer até 31 de dezembro do corrente anno (8 %; ditas com vencimentos posteriores 9 %.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 15	213:512$778
Idem do dia 17	39:657$546
	252:170$324

Descarregam hoje 18 de novembro.

Barca ingleza—*Nanphante*—trilhos de ferro.
Brigue inglez—Fremdrs—polvora.
Brigue inglez—Odem—trilhos de ferro.
Galera ingleza—Hermione—mercadorias.
Brigue americano—Thomaz Walter—bacalhão.
Barca americana—Japonica—farinha de trigo.
Brigue americano—Nancy—idem.
Polaca hespanhola—Guadelupe—pipas de vinho.
Polaca hespanhola—Silencio—idem.
Patacho portuguez—Brilhante—diversos generos.
Brigue portuguez—Relampago—pipas vasias, cebolas e batatas.
Polaca sarda—Anna—massas, azeite, vinho e enchamés.
Escuna brasileira—Zelosa—pipas e barris vasios.
Barca ingleza—Quim—bacalhao.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 15	28:917$967
Idem do dia 17	3:741$455
	24:660$422

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 15	2:534$918
Idem do dia 17	332$879
	2:867$797

DESPACHOS DE EXPORTAÇAO PELA MESA DO CONSULADO DESTA CIDADE NO DIA 17 DE NOVEMBRO DE 1856.

Havre—Galera franceza «Olinda», Lasserre & Tisset frers, 1,000 couros salgados.
Hampton Road—Barca ingleza «Wagger», Schramm Whately & Companhia, 1,600 saccos assucar mascavado.
Boston—Barca americana «Warre Halleth»—Henry Fostar & Companhia, 1,000 saccos assucar mascavado.
Liverpool—Barca ingleza «Nanphante», C. A. Astell & Companhia, 1,600 saccos assucar mascavado.
Lisboa—Barca portugueza «Maria Josè», Jose Ferreira Lessa, 3,000 cocos com casca, Francisco Severiano Rabello & Filho, 3 pranchões de amarello.
Porto—Brigue portuguez «Esperança», Barroca & Castro, 63 cascos mel.
Porto—Brigue portuguez «S. Manoel I», José Antonio de Carvalho, 155 saccos assucar branco.

Exportacao'.

Liverpool por Maceió, barca ingleza «Demerara», de 632 toneladas, conduzio o seguinte:—2,800 saccos assucar.
Parahiba, brigue inglez «Eliza», de 387 toneladas, conduzio o seguinte: —1,519 barricas bacalhao.

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 1 a 15	12:828$418
Idem do dia 17	577$112
	13:405$530

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 15	19:397$253
Idem do dia 17	3:841$764
	23:239$017

Movimento do porto.

Navios entrados no dia 17.

Lisboa—27 dias, brigue portuguez «Relampago», de 235 toneladas, capitão Rodrigo Joaquim Correia, equipagem 13, carga vinho e mais generos; a Thomaz de Aquino Fonseca & Filhos. Pertence a Lisboa. Passageiros, Antonio José Silveira, Alexandre da Conceição Coelho, José Antonio dos Santos, Manoel Joaquim da Silva Figueiredo.

Rio Grande do Norte—4 dias, lancha brasileira «Flor do Rio Grande do Norte», de 42 toneladas, mestre Miguel Archanjo da Costa, equipagem 4, carga assucar e milho; a José Pedro da Luz. Pertence ao Rio Grande do Norte. Passageiros, José Pedro da Luz, José Manoel da Costa, Pedro Celestino Chaves, Francisco Joaquim da Silva.

Tenerife—30 dias, vapor de guerra inglez «Hawghty», commandante Hamilton. Vaio receber carvão e segue para o Rio de Janeiro.

Terra Nova—Brigue inglez «Iceni», de 266 toneladas, capitão A. Steele, equipagem 13, carga 3,000 barricas com bacalhao; a ordem. Pertence a Greenock.

Liverpool—42 dias, brigue inglez «Friends», de 196 toneladas, capitão F. G. Jean, equipagem 10, carga fazendas e mais generos; a Saunders Broters & Companhia. Pertence a Jersey.

Editaes.

— Nos dias 15, 17 e 19 do corrente estará em praça no paço da camara municipal do Recife, a obra da construcção d'uma estrada nova para a Varzea, orçada em 5:100$000: os pretendentes que quizerem consultar o orçamento o poderão procurar na casa da mesma camara, assim como deverão apresentar fiança para poderem lançar e arrematar.

Paço da camara municipal do Recife em sessão de 13 de novembro de 1856.—Barão de Capibaribe, presidente.—Manoel Ferreira Accioly, secretario.

Declarações.

CONSULAT DE FRANCE.

Le consul de France en cette residence a l'honneur de prévenir les personnes que cela pourrait intéresser, que mercredi prochain, 19 du présent mois, il sera procedé en sa chancellerie, à onze heures du matin, á l'adjudication des fournitures de pain, viande et eau douce necessaire à la consommation du Brick de Sa Majeste, la Beaumanoir, actuellement en ce port et que le même jour et à la même heure, il sera egalement procedé a l'adjudication de la fourniture des fonds qui peuvent être nécessaires au dit Brick, le Beaumanoir.

Le Cahier des charges pour les dites fournitures est déposé au Consulat de France ou' les personnes qui voudraient concourrir aux dites adjudications pourront en prendre connaissance.

Fernambouc le 15 novembre 1856.—Le consul de France.—Vte. E. de Lémont.

DECLARAÇAO'.

A quem lhe faltar uma carteira com dinheiro, que foi encontrada em poder de um crioulo, escravo, póde apparecer na casa do subdelegado da freguezia da Boa-Vista, que dando os signaes do dinheiro perdido e a quantia lhe sera' entregue.

TRIBUNAL DO COMMERCIO.

Por esta secretaria se faz publico que nesta data foi inscripta, no competente livro de matricula, a firma social de Meuron & Companhia, estabelecida nesta praça com commercio de manufactura de tabaco.

Secretaria do tribunal do commercio de Pernambuco, 17 de novembro de 1856.

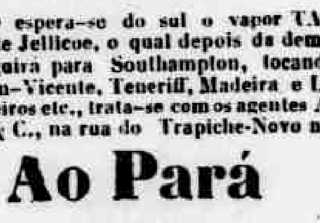
Dinamerico Augusto do Rego Rangel,
No impedimento do official maior.

Avisos Maritimos.

Rio de Janeiro.

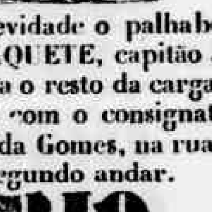
Espera-se do Assu' o brigue «Imperador do Brasil», o qual depois da sufficiente demora para receber escravos a frete, seguira' para o porto indicado: a tratar com Manoel Alves Guerra, na rua do Trapiche n. 14.

Real companhia de paquetes inglezes a vapor.



No dia 19 espera-se do sul o vapor TAMAR, commandante Jellicoe, o qual depois da demora do costume seguira para Southampton, tocando nos portos de San-Vicente, Teneriff, Madeira e Lisboa: para passageiros etc., trata-se com os agentes Adamson Howie & C., na rua do Trapiche-Novo n. 42.

Ao Pará



segue com brevidade o palhabote nacional LINDO PAQUETE, capitão José Pinto Nunes: para o resto da carga que lhe falta, trata-se com o consignatario Antonio de Almeida Gomes, na rua do Trapiche n. 16, segundo andar.

RIO de Janeiro.

O brigue FIRMA segue para o Rio de Janeiro quarta-feira 19 do corrente: para escravos a frete, trata-se com os consignatarios Novaes & C., rua do Trapiche n. 54.

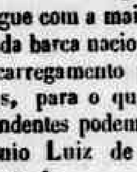
RIO de Janeiro.

Segue com brevidade o palhabote «Venus»; recebe carga e passageiros: a tratar com Caetano Cyriaco da C. M., na rua da Cadeia do Recife n. 2.

PARA O PORTO

segue com brevidade o superior brigue «Esperança», novo, da primeira viagem e forrado de cobre; para carga e passageiros, trata-se com Barroca & Castro, na rua da Cadeia do Recife n. 4, ou com o capitão na praça.

AO RIO DE Janeiro

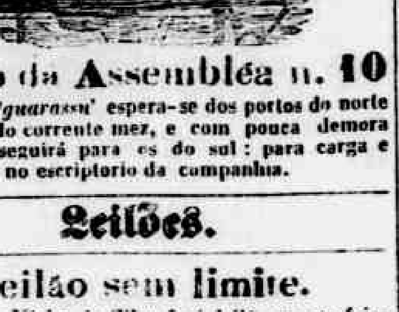


segue com brevidade o brigue nacional MARIA LUZIA, capitão João da Silva Moraes: para carga, trata-se com o consignatario Antonio de Almeida Gomes, na rua do Trapiche n. 16, segundo andar.

Para o Rio de Janeiro.

Segue com a maior brevidade a veleira e bem conhecida barca nacional «Saraiva,» por ter parte do seu carregamento prompto, para o resto e escravos, para o que tem excellentes commodos, os pretendentes podem dirigir-se ao seu consignatario Antonio Luiz de Oliveira Azevedo, na rua da Cruz n. 1.

Companhia Pernambucana.



Largo da Assembléa n. 10

O vapor *Iguarassú* espera-se dos portos do norte de 18 a 21 do corrente mez, e com pouca demora neste porto seguirá para os do sul: para carga e passageiros, no escriptorio da companhia.

Leilões.

Leilão sem limite.

O agente Vieira da Silva fará leilão quarta-feira 19 do corrente por conta e risco de quem pertencer, para luquidação de uma casa de um negociante e de muitos objectos de escriptorio inclusive dous cofres e outros muitos objectos de marcineiria, que tudo estará patente no mesmo dia.

Leilão.

O agente Borja, por autorisação do Exm. Sr. Dr. juiz especial do commercio, a' requerimento dos administradores da massa fallida de Nuno Maria de Seixas, fara' leilão, das propriedades abaixo declaradas, pertencentes a referida massa, a saber: 1 sobrado de 3 andares, sito na rua do Vigario n. 15; 1 dito tambem de 3 andares, na rua do Livramento n. 36; 1 dito de 2 andares, na rua Augusta n. 2; 1 casa terrea sita na travessa do Monteiro n. 1; 1 dita na travessa do Marisco n. 14; 1 dita na rua do Alecrim n. 1; 1 dita na rua do Mondego n. 7; 1 sitio na Casa-Forte, com boa casa de vivenda, senzala e cocheira, etc.; e 1 terreno de 28 palmos, correspondente a rua do Brum e a dos Guararapes; os Srs. pretendentes queiram, portanto, examinar com antecedencia as supraditas propriedades: o leilão tera' lugar quarta-feira 26 do corrente, as 10 horas da manhãa, no armazem do agente annunciante, sito na rua do Collegio n. 15.

— O agente Borja fará leilão em seu armazem, na rua do Collegio n. 15, de um grande sortimento de obras de marcineria novas e usadas, e outros muitos objectos de differentes qualidades que fôra impossivel enumerar; assim como tambem fará leilão de uma completa mobilia e mais arranjos de casa, pertencentes a uma pessoa que retira-se para fóra da provincia, e 4 pianos diversos que se entregarão por qualquer preço maior que offerecer, visto serem para liquidação: quarta-feira, 19 do corrente, as 11 horas da manhãa.

— Antonio L. d'Oliveira Azevedo fará leilão, por intervenção do agente Oliveira, de cerca de 100 peças de cabos do Cairo, 17 ditas ditos de linho, e muitos artigos proprios para navios, como sejam gatos, olhões, argolas, portalós, ferragens de vergas, sapatas, croques, passadores, 551 libras de prumos de chumbo e 100 latas de tinta branca: sexta-feira, 21 do corrente, as 10 horas da manhãa, no armazem da travessa da Madre de Deos n. 5.

Leilão de queijos.

O agente Oliveira fara' leilão, por conta e risco de quem pertencer, de 50 caixas de 24 queijos flamengos cada uma, chegados proximamente de Liverpool pelo navio «Odem»: hoje, 18 do corrente, a's 10 horas da manhãa, quando se presume sahirão da alfandega, e no largo desta.

Avisos Diversos.

—Pede-se ao Sr. E. S., queira mandar pagar a subscripção de 3 annos que deve de certo periodico, alia's se darão outros esclarecimentos.

—Nesta typographia precisa-se fallar ao Sr. Bento A. R. Tupinamba', que morou ou teve loja no pateo do Carmo.

— Precisa-se para o serviço interno e externo de uma casa estrangeira, de um preto: a quem lhe convier dirija-se a rua da Cruz n. 4.

— Um rapaz com pratica de loja de fazendas offerece-se como caixeiro, o mesmo pode dar boas informações tanto de sua conducta como de suas habilitações; quem precisar queira dirigir-se ao segundo andar do sobrado ao pé da ponte da Boa-Vista, que tem taberna por baixo.

— Precisa-se de uma pessoa, homem ou mulher, para fazer as compras e ir a alguns mandados de uma casa de pequena familia, podendo ir pernoitar em sua casa, querendo: na rua do Hospicio n. 7.

ARREMATAÇA'O JUDICIAL.

Por autorisação do Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos e ausentes do termo desta cidade tem de ser arrematados em hasta publica, com as formalidades do estylo, no dia sexta-feira 21 do corrente, ao meio dia, na casa terrea defronte da fundição da rua do Brum, os seguintes objectos que compõem os espolios dos finados portuguezes abaixo designados.

De José de Souza Delgado:		
1 boi e uma carroça avaliados em		60$000
De Francisco Domingues Affonso:		
Roupa de uso, differentes objectos de serviço de casa e porção de ferramenta de carpina, tudo avaliado em		115$000
De João Raymundo Teixeira:		
1 cavallo ruço ainda novo avaliado em	100$000	
Roupa e objectos de uso, avaliado em	26$000	
1 relogio suisso e trancellim de prata, avaliado em	30$000	
1 pequeno annel de ouro, avaliado em	3$000	
1 acção da fabrica de fiar algodão, no valor de	5$000	164$000
	Rs.	339$000

— Da fabrica de caldeireiro da rua do Brum n. 21 ausentaram-se os escravos Miguel e Mathias, o primeiro he de nação Cabundá, official de fundidor, baixo, costuma-se embriagar e ser muito regrista; o segundo he tambem de nação, não tem officio, costuma embriagar-se e tem os pés inchados, este preto ha noticias de ter andado por Olinda e estrada Nova; roga-se aos capitães de campo ou qualquer outra pessoa que os pegarem ou delles derem noticias, dirijam-se a dita fabrica que sera recompensado.

MAIS UMA PERGUNTA INNOCENTE.

Tendo os —apregoados protectores— da senhora do Sr. Burgos Ponce de Leon, em nome della, dito na correspondencia de 24 do passado que o dito senhor havia requerido a prisão de sua mãi; cujo facto era sabido em S. Antão. E tendo em resposta se dito na correspondencia do 29, que era isto uma calumnia; não he verdade que os taes —funis do ponche—, (não estando cheios), devem provar sua asserção fazendo publicar esse requerimento, e mais provas authenticas?

Certamente. Mas se elles não provarem uma tão grave imputação, não he verdade que se não pejam de suas falsidades? Certissimamente.

A lettra do cambio.

— Precisa-se de uma ama forra ou captiva para casa de pouca familia: na rua das Trincheiras n. 8, loja de tartarugueiro.

— Deseja-se saber quem he o correspondente do senhor do engenho do Brejo Novo, João José Lopes, para se tratar de negocio que diz respeito ao dito: na rua do Crespo n. 6, ou annuncie sua morada para ser procurado.

Irmandade de San-José d'Agonia.

O secretario da irmandade de San-José d'Agonia, erecta no convento de Nossa Senhora do Carmo, convida a todos os seus charissimos irmãos, por ordem da mesa regedora, para mesa geral, quarta-feira, 19 do corrente, pelas tres horas da tarde, assim como tambem convida a todos para domingo as mesmas horas, para encorporados acompanharem a procissão de Corpus-Christi.

— Rita Tavares da Gama, como procuradora de seu pai Vicente Tavares da Silva Coutinho, outr'ora conhecido por Vicente Ferreira de Paula, faz sciente ao respeitavel publico, que ninguem faça negocio algum com bens pertencentes ao dito seu pai, principalmente com o escravo, pardo, de nome Manoel, e a escrava de nação Angola, de nome Maria, sendo a annunciante a unica autorisada, tanto haver qualquer bens donde quer que elles exista, como que póde negociar qualquer bem a seu pai pertencente.

Recife 17 de novembro de 1856.

— Precisa-se de uma escrava para o serviço de casa e rua: quem tiver para alugar dirija-se a rua das Cruzes n. 3, ou annuncie para ser procurada.

— Fugio no dia 8 do corrente mez, as 6 horas da tarde, a preta escrava de nome Delphina, natural do gentio de Angola, de idade de 36 annos, pouco mais ou menos, estatura regular, côr preta, levou vestido de metim preto, e baeta preta. Esta preta foi escrava de Antonio Benevides Moniz Falcão, morador na comarca de Caruaru', e julga-se para la' ter ido: portanto roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo de apprehende-la e leva-la a rua dos Pires n. 13, que serão recompensados.

Associação popular de soccorros mutuos.

De ordem do Sr. director convido a todos os socios para sessão extraordinaria no dia 18 do corrente, ás 6 horas da tarde, na rua Direita n. 7, segundo andar.—O primeiro secretario, Jose da Cunha Teixeira.

— O Sr. Firmino Maria de Oliveira queira vir no armazem da rua da Cruz n. 11, para negocio de seu interesse.

Attenção!

O abaixo assignado já se acha na' livre administração dos bens do convento de Nossa Senhora do Carmo da cidade de Olinda; por isto quem dever ao mesmo convento, compareça a qualquer hora do dia.—Frei Luiz da Pureza Machado, vigario-prior.

—Precisa-se alugar um criado, que de fiador a sua conduta: a tratar na rua do Crespo n. 13, primeiro andar, das 9 a's 3 da tarde.

— Evadio-se a preta Luiza, crioula, da casa em que achava-se servindo, para pagar com seus serviços o dinheiro adiantado para sua alforria; protesta-se contra quem a tiver acoutada, não so pela detenção de sua pessoa como pelos valores que ella carregou furtados da casa, do que tudo ja estão inteiradas as autoridades policiaes. O melhor signal para ser conhecida he que tem o braço direito e parte da mão inchada de erysipela, costuma a embriagar-se, e foi neste estado que se evadio, depois de ter lutado com uma pessoa da casa: quem della souber e participar na distilação da praia de Santa Rita, ou ao Sr. subdelegado de S. José, será bem recompensado.

Loteria do Rio de Janeiro.

Hoje esperamos por um dos vapores do sul, as listas da loteria 2ª do asylo de Santa Leopoldina. Ainda existem alguns bilhetes em a loja n. 40, da praça da Independencia: os premios serão immediatamente pagos, (logo que nos achemos de posse das mesmas listas), de conformidade com os nossos annuncios, na rua do Collegio primeiro andar n. 21, das 10 a's 3 da tarde

— Precisa-se de uma ama que saiba bem cozinhar: na rua do Queimado n. 38, em frente do becco da Congregação.

— Precisa-se de uma ama forra ou captiva, que saiba engommar, para familia pequena: quem quizer dirija-se a rua das Cruzes n. 2, sobrado, primeiro andar.

— A pessoa que annunciou para cozinhar e servir bem uma casa, e he official de sapateiro, dirija-se atraz da matriz da Boa-Vista n. 16.

— Bernardino José de Carvalho, encarregado da liquidação da casa de Francisco Alves da Cunha & Companhia, tendo de retirar-se para a Europa no primeiro paquete inglez, roga a todos os senhores que se julguem com direito a haver alguma quantia que a mesma casa lhe deva, a apresentarem suas contas, pois que, depois de sua retirada por nada se responde.

— Foi pegado um burro no dia 14 deste mez, as 10 horas da noite: quem for seu dono procure na casa do Sr. José Paulino de Almeida Catanho, na Estrada Nova, que dando todos os signaes se entregara'.

— Precisa-se de um preto idoso, forro ou captivo, para fazer o serviço de uma casa e comprar: atraz da matriz da Boa-Vista n. 16.

— Precisa-se alugar uma escrava que seja boa para o serviço de uma casa de familia, e promette-se que não sabe a rua: quem tiver dirija-se a rua Nova n. 61.

Loteria da provincia.

5ª parte da 6ª loteria da matriz da Boa-Vista.

Rubricados pelo abaixo assignado, foram vendidas as seguintes sortes:

818	4:000$	meio bilhete.
915	2:000$	1 dito.
898	900$	meio bilhete
1745	200$	meio bilhete.
557	100$	bilhete.
3506	100$	bilhete.
3523	100$	bilhete.
2467	100$	2 meios.
935	50$	2 ditos.
649	50$	2 ditos.
2214	50$	2 ditos.
1012	50$	bilhete.

P. J. Layme.

— Antonio Pereira Bispo, subdito portuguez, retira-se para o Rio de Janeiro, levando em sua companhia um seu escravo.

— A pessoa que annunciou ter um preto sapateiro e cozinheiro para alugar, appareça atraz da matriz da Boa-Vista n. 33, primeiro andar, para tratar do ajuste.

— Precisa-se de uma ama que tenha bastante leite para criar um menino: quem estiver nestas circumstancias dirija-se ao pateo de S. José n. 15.

Hospital Todos os Santos da veneravel ordem terceira de S. Francisco do Recife.

Achando-se vagos os lugares de enfermeiro e enfermeira do mesmo hospital, por deliberação da mesa administradora da dita ordem, são convidados os irmãos que estiverem nas circumstancias do final do art. 158 dos estatutos, a apresentarem o seu requerimento ao irmão ministro, assim como precisa-se para o sobredito hospital de um servente. O final do artigo a que se refere o annuncio ácima he: «serão preferidos para estes empregos um homem e uma mulher, que além de casados ou aparentados no primeiro grão, possuam as eminentes virtudes que caracterisam os verdadeiros christãos, para que dignamente comprem com os sacrados deveres que reclama a humanidade soffredora».

ORDEM TERCEIRA DE S. FRNCISCO.

Por deliberação da mesa regedora, em sessão de 14, são convidados todos os irmãos em geral para comparecerem no dia 23 do corrente, pelas 2 horas da tarde, na igreja da ordem, paramentados com seus habitos, para encorporados, acompanhar a procissão de Corpus Christi, a convite de S. Exc. Rvma.

ILLUSTRAÇAÕ LUSO-BRASILEIRA E PANORAMA

Os senhores assignantes dos jornaes litterarios mencionados, queiram mandar buscar os numeros ultimamente chegados á livraria de José Nogueira de Souza, rua do Crespo defronte do arco de Santo Antonio.

— Tem-se contratado comprar a casa terrea n. 3 do becco do Ferreiro na Boa-Vista: se alguem se julgar com direito a impedir esta compra, annuncie por este Diario, ou dirija-se a rua do Rosario da Boa-Vista n. 41.

— Precisa-se de uma pessoa que saiba cozinhar o ordinario de uma casa de familia: na rua do Hospicio n. 9.

— Precisa-se de um rapazinho ou menino que se queira prestar a fazer alguns serviços compativeis com as suas forças: na rua do Hospicio n. 9.

— Na rua do Rangel defronte de n. 5, precisa-se de um menino de 13 a 14 annos, que tenha pratica de taberna.

Aluga-se

4 casas na Torre, caiadas e pintadas, para se passar a festa, por commodo preço: na rua da Cadeia de Santo Antonio n. 17.

— Precisa-se de uma ama para cozinhar e comprar para duas pessoas: na rua Direita n. 95.

—Precisa-se fallar ao Sr. Joaquim José Marques, que morou em Santo Amaro: na livraria ns. 6 e 8, da praça da Independencia.

—Roga-se ao Sr. Felix Alves de Oliveira, morador em Paratibe, o favor de ir ou mandar ao Monteiro, em casa de Pedro Coelho Pinto, a negocio de seu interesse.

—Precisa-se alugar uma escrava para o serviço de uma casa de pouca familia: na rua do Cabuga', loja de quatro portas n. 1—B.

— Henry Forster Hetch retira-se para os Estados Unidos.

— Precisa-se de boas costureiras: na rua Nova n. 52.

— O capitão Wilson retira-se com sua familia para fóra do Imperio.

— F. M. Duprad, subdito france, zvai a Europa.

— A casa terrea da rua Imperial, pertencente ao fallecido José Joaquim de Lima, está sujeita ao pagamento de dividas que o mesmo ficou devendo, e para que ninguem allegue ignorancia, se faz o presente annuncio.—Um credor.

— O abaixo assignado retira-se para seu engenho, e deixa nesta praça o Sr. Sebastião Paes de Souza encarregado para tratar dos negocios de sua casa, a quem pode dirigir-se toda e qualquer pessoa que tiver e tratar negocios com o mesmo nesta cidade. Recife 15 de novembro de 1856.

João Pereira de Araujo Cardoso.

— Roga-se a pessoa que achou duas lettras da quantia de 171$292 cada uma, aceitas por Francisco José da Silva a favor de Domingos de Castro Maia, o favor de mandar entregar na rua da Praia n. 31, que lhe ficara' assás obrigado; e previne-se ao aceitante que não pague a quem lhe apresentar.

— Precisa-se de uma ama forra ou captiva, que saiba cozinhar, para casa de pouca familia: na rua do Brum n. 14.

ENTULHO.

Quem precisar de entulho de caliça, e de terra misturada com caliça, mande buscar na rua das Cruzes da freguezia do Santo Antonio junto a typographia.

— Quem tiver contas com a barca americana «Mary Melvelle», capitão Wilson, queira apresenta-las no prazo de 3 dias para serem pagas, no escriptorio de Henry Forster & Companhia, rua do Trapiche n. 8.

— Precisa-se de um preto que saiba servir a mesa e que faça o mais serviço em uma casa estrangeira: a tratar na rua do Trapiche n. 15.

— Precisa-se alugar uma ama para cozinhar em uma casa de pouca familia, mas que seja fiel e bem comportada: na rua da Cadeia Velha n. 15.

— Alugam-se o segundo e terceiro andares do sobrado n. 18 da rua da Cadeia do Recife, pelo tempo de 6 mezes: quem pretender dirija-se ao escriptorio n. 12 na mesma rua, ou no mesmo sobrado, que achara' com quem tratar.

— A quem convier se declara que ha audiencia do juizo de paz do 1.º districto desta freguezia de Santo Antonio do Recife no dia 18 do mez corrente (terça-feira) as horas e lugar do costume.

— Offerece-se um caixeiro com pratica para taberna: quem precisar dirija-se a Apipucos, taberna junto ao açougue.

DEPOSITO DE LIVROS E BOTICAS HOMEOPATICAS,
DO
CONSULTORIO
DO
DR. P. A. LOBO MOSCOSO.

O Dr. P. A. Lobo Moscoso, tendo de fazer uma viagem deixa a sua botica sôb a direcção de pessoa habilitada e de inteira probidade, e um deposito na loja de livros do Sr. Manoel Nogueira de Souza na rua do Crespo, sobrado novo do Sr. Magalhães Bastos.

PREÇOS FIXOS.

Botica de 12 tubos grandes.		. . .	10$000
Dita de 24	»	» . . .	15$000
Dita de 36	»	» . . .	20$000
Dita de 48	»	» . . .	25$000
Dita de 60	»	» . . .	30$000
Manual de medicina homeopathica do Dr. Jahr com o diccionario dos termos de medicina . . .			20$000
Medicina domestica do Dr. Henry. . . .			10$000
Tratamento do cholera morbus . . .			2$000
Repertorio do Dr. Mello Moraes. . . .			6$000

PEDRAS PRECIOSAS.

—

Adereços de brilhantes, diamantes e perolas, pulceiras, alfinetes, brincos e rozetas, botões e anneis de differentes gostos e de diversas pedras de valor.

—

Compram, vendem ou trocam prata, ouro, brilhantes, diamantes e perolas, e outras quaesquer joias de valor, a dinheiro ou por obras.

MOREIRA & DUARTE.

LOJA DE OURIVES

Rua do Cabuga' n. 7.

Recebem por todos os vapores da Europa as obras do mais moderno gosto, tanto de França como

OURO E PRATA.

—

Adereços completos de ouro, meiosditos, pulceiras, alfinetes, brincos e rozelas, cordões, trancelins, medalhas, correntes e enfeites para relogio, e outros muitos objectos de ouro.

—

Apparelhos completos, de prata, para chá, bandejas, salvas, castiçaes, colheres de sopa e de chá, e muitos outros objectos de prata.

de Lisboa, as quaes se vendem por preço commodo como costumam.

Grande e asseiado collegio em Lisboa,

para meninas, internas e externas, cuja educação, prendas e mais vantagens, se poderão avaliar, em presença dos estatutos, que se acham na rua do Crespo loja n. 16, ou na esquina que volta para a rua da Cadeia.

ALVIÇARAS. RAPAZEADA !

Boa nova tenho a dar;
Este sol que vos abraza
Vai-se em gelo transformar.
La' do Pólo, onde os Lapões
Vivem na toca enfurnados,
Chegou nectar que refresca
Vossos labios dessecados.

E o Soares, que jurou guerra
Ao fogo, ao sol, ao calor,
Com gelo, ananaz e outras
Mitigara' vosso ardor.
Junto ao becco do Rosario
Ide, pois, e encontrareis
Ser verdade o que vos conto;
Bom cobre la' deixareis.

PREVIDENCIA,

Companhia de seguro contra a mortalidade dos escravos estabelecida no RIO DE JANEIRO.

CAPITAL 2,000:000$000.

Agencia filial de Pernambuco n. 13 rua do Crespo.

Pagar-se-ha sobre a avaliação de 1:000$000 (e mais ou menos em proporção de outro valor) inclusive o sello da apolice etc.

Das idades.

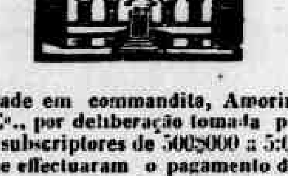
De 12 ate entrar aos 40 annos 36$100 por anno.

As condições impressas poderão ser procuradas no escriptorio da companhia.

Dar-se-ha consultas gratis aos escravos seguros das 9 para 10 horas da manhãa, no escriptorio da companhia.

— Ensina-se a pilotagem theorica-pratica, o curso mathematico e francez, contas para o commercio: a tratar na rua do Nogueira n. 7.

Fabrica de fiar e tecer algodão.



A sociedade em commandita, Amorim, Faria, Guerra & Ca., por deliberação tomada por 101 dos seus socios, subscriptores de 500$000 a 5:000$000 de reis, dos que effectuaram o pagamento da primeira prestação, tem resolvido mandar a Europa o seu socio Duprat, pelo vapor «Thamar», esperado do Rio de Janeiro de 18 a 20 do corrente, para ir procurar os riscos, planos e informações definitivas, e no regresso deste, dar começo a edificação da fabrica e suas dependencias.

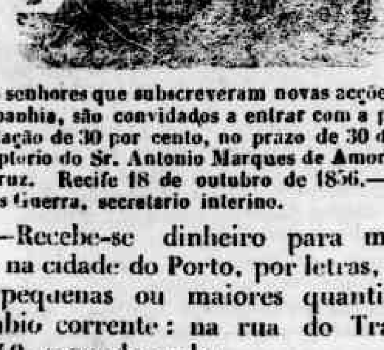
Em virtude do art. 39 dos estatutos, a sociedade deliberou que continuaria a admittir novas subscripções, no escriptorio da sociedade, provisoriamente em casa do Sr. Manoel Alves Guerra, rua do Trapiche n. 14, 1.º andar, em termos a augmentar-se o capital social, afim de que, a fabrica possa ser feita desde sua fundação, com maiores proporções, e consequentemente facilitar maiores lucros; devendo as novas assignaturas, serem realisadas com as prestações ja' effectuadas pelos primeiros socios.

A primeira prestação realisada até hoje, tem sido de 5 por cento do capital subscripto.

Pernambuco 12 de novembro de 1856.

Amorim, Faria, Guerra & C.

Companhia Pernambucana.



Os senhores que subscreveram novas acções desta companhia, são convidados a entrar com a primeira prestação de 30 por cento, no prazo de 30 dias: no escriptorio do Sr. Antonio Marques de Amorim, rua da Cruz. Recife 18 de outubro de 1856.—Manoel Alves Guerra, secretario interino.

—Recebe-se dinheiro para mandar dar na cidade do Porto, por letras, sejam de pequenas ou maiores quantias, ao cambio corrente: na rua do Trapiche n. 40, segundo andar.

—Recebe-se dinheiro para mandar dar no Rio de Janeiro, por lettras a pequeno prazo: na rua do Trapiche n. 40, segundo andar.

— Precisa-se de um bom criado e paga-se bem agradando o serviço e comportamento: a tratar no campo do Hospicio junto ao quartel casa do desembargador Mendes da Cunha.

O Dr. Caetano Xavier Pereira de Brito (medico), faz sciente aos seus amigos e ao respeitavel publico, que regressando de sua viagem, continua a residir no aterro da Boa-Vista n. 45, no segundo e terceiro andar, aonde sempre o encontrarão prompto aos mysteres de sua profissão.

— Aluga-se a loja da casa da rua da Aurora n. 54, onde foi officina do fallecido marcineiro Henrique: quem pretender dirija-se ao Sr. João Pinto de Lemos Junior, no seu escriptorio, ou casa de sua morada, na rua da Aurora.

— Precisa-se de boas costureiras: na rua Nova n. 52.

—Precisa-se de uma lavadeira que seja boa, não demore a roupa no rio e dê fiador a sua conduta: na praça da Independencia livraria ns. 6 e 8.

— Precisa-se de uma ama que seja fiel, que cozinhe e engomme com toda perfeição, para uma familia estrangeira de duas pesseas, paga-se bem; na rua do Trapiche n. 40, primeiro andar.

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES,

ESTABELECIDA NO RIO DE JANEIRO.

CAPITAL 16,000:000$000.

A companhia tem sua agencia no escriptorio de viuva Amorim & Filho, rua da Cruz n. 45, onde aceita todas as propostas de seguros de riscos e fortuna do mar.

Sobre o casco, quilha e pertences de navios de qualquer lotação na navegação de longo curso, de cabotagem, ou fluvial, ou na pesca, em viagem ou prestes a viajar, em carga ou descarga, amarrados ou ancorados, em concerto ou no estaleiro, quer por tempo certo, quer por viagem simples, ou a premio ligado.

Sobre mercadorias desde o momento de seu embarque até o de sua descarga e deposito.

Sobre os lucros esperados de mercadorias encaminhadas para qualquer mercado.

Sobre o casco e quilha de embarcações miudas empregadas em descarga e trafico dos portos.

Sobre o capital e premios de dinheiro a risco.

Sobre o premio dos seguros e premio dos premios.

Sobre acções de terceiro por damnos causados por abalroamentos fortuitos.

Sobre os fretes.

A companhia recebe tambem propostas de seguro de riscos de incendio e damnos causados para preveni-lo ou extingui-lo de raio ou fogo celeste, e inundações.

SOBRE OS SEGUINTES OBJECTOS.

Predios urbanos ou ruraes, igrejas e quaesquer estabelecimentos, com exclusão de depositos, fabricas e laboratorios de polvora, e materias incendiarias ou inflammaveis, theatros e casas de espectaculos.

Mercadorias em qualquer parte que estejam, mobilias e utensilios de fabricas de quaesquer estabelecimentos industriaes, quer sejam feitas por seus proprietarios, quer pelos uso-fructuarios, locatarios, sublocatarios ou credores hypothecarios.

Finalmente aceita propostas sobre re-seguros, quer dos seguradores, quer dos segurados, nos casos em que a estes póde competir o re-seguro.

A companhia garante a prompta indemnisação da importancia de quaesquer sinistros, e a modicidade dos premios: igualmente um abatimento ás pessoas que na roda do anno fizerem uma avultada somma de seguros.

SEGURIDADE.

Companhia de seguros maritimos, estabelecida no Rio de Janeiro.

Capital mil contos de reis.

Offerece ao commercio vantagens que nenhuma outra companhia tem feito até agora. Aceitam-se propostas de seguro no escriptorio de Isaac, Curio & Companhia, agentes da companhia, rua da Cruz n. 49.

SEGURO CONTRA FOGO.

Companhia Alliance.

Estabelecida em Londres, em março de 1824.

Capital cinco milhões de libras esterlinas.

Saunders Brothers & C., tem a honra de informar aos Srs. negociantes, proprietarios de casas, e a quem mais convier que estão plenamente autorisados pela dita companhia para effectuar seguros sobre edificios de tijolo e pedra, cobertos de têlha e igualmente sobre os objectos que contiverem os mesmos edificios quer consista em mobilia ou em fazendas de qualquer qualidade.

Cozinheiro.

Precisa-se alugar um cozinheiro, escravo, que seja asseiado e não bebado, fiel, etc.: na rua da Cadeia de Santo Antonio, segundo andar da casa amarella.

J. JANE, DENTISTA,

continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

RUA NOVA n. 22.

L. Delouche acaba de receber um bello sortimento de relogios suissos de todas as qualidades, tanto de ouro como de prata, ditos galvanisados e foleados; assim como ha tambem meios chronometros e relogios francezes, com caixas, todos afiançados.

— Precisa-se de uma mulher idosa e de bons costumes para uma casa de pouca familia, assim como de um homem cozinheiro: a tratar em casa do desembargador Mendes da Cunha, junto ao quartel do Hospicio.

— Precisa-se alugar seis pretos para armazem de assucar: quem tiver e quizer alugar, dirija-se a rua de Apollo, armazem n. 40, que encontrará com quem tratar.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, de volta de sua viagem à Europa, está morando na rua Nova n. 41, primeiro andar, onde pode ser procurado a qualquer hora.

Almanak da provincia.

Estando se confeccionando o almanak da provincia, roga-se a todas as pessoas que costumam nelle ser incluidas, e que o não estiverem, ou houver algum erro, queiram mandar levar a livraria numero 6 e 8 da Praça da Independencia, a emenda, assim como pede-se aos senhores de engenhos, se dignem mandar igualmente as transferencias a mesma livraria.

— Quem tiver necessidade de transporte ou ajuste de carretos de objectos de qualquer qualidade dentro desta cidade, pode dirigir-se a rua da Senzala Velha n. 70, segundo andar, ou rua de Apollo n. 12, que encontrará pessoas habilitadas para fazer com toda a segurança e responsabilidade esta especie de serviço, assim em carros como em braços de gente.

— Desappareceu do sitio de Cruz de Almas um cachorro de raça escocez: quem o tiver achado queira levar na Cruz de Almas, sobrado amarello, ou na rua do Trapiche n. 8, que será generosamente gratificado.

Armazem de Burle Souza & C.ª, rua da Cruz 48.

He chegado a este armazem, pelo navio «Olinda» o excellente rapé francez, que costuma receber, e por commodidade dos amantes da boa pitada, acha-se do mesmo rapé em casa dos Srs. João Cardozo Ayres, rua da Cadeia, e Moreira & Duarte, rua do Cabugá: o preço he rasoavel.

Companhia de Beberibe

Por ordem do Sr. director, são convidados os Srs. accionistas da Companhia de Beberibe, para se reunirem em assembléa geral, no dia 18, ao meio-dia, afim de decretarem o pagamento do 17º dividendo, e approvarem o orçamento das despezas do corrente semestre. Escriptorio da Companhia de Beberibe, 15 de novembro de 1856.—O secretario, L. da C. Portocarreiro.

Aferição.

O abaixo assignado, arrematante das aferições do municipio do Recife, scientifica a quem convier, que tem estabelecido o seu escriptorio no pateo do Terço n. 16, aonde dara' expediente das 8 da manhãa as 3 da tarde.—José Custodio Peixoto Soares.

— Precisa-se de uma ama que tenha bom leite: na rua da Guia n. 40, primeiro andar.

JOIAS.

Os abaixo assignados, com loja de ourives na rua do Cabugá n. 11, confronte ao pateo da matriz e rua Nova, fazem publico, que estão recebendo continuadamente as mais novas obras de ouro, tanto para senhora como para homens e meninos: os preços continuam razoaveis, e passam-se contas com responsabilidade, especificando a qualidade do ouro de 14 ou 18 quilates, ficando assim sujeitos os mesmos por qualquer duvida.—Seraphim & Irmão.

— O abaixo assignado avisa aos proprietarios das casas foreiras das ruas de Santa Cecilia, Nogueira, Açouguinhos, S. José, Santa Rita e praia da mesma, que venham ou mandem pagar os fóros vencidos, assim como se devem entender com o mesmo abaixo assignado para obterem a licença para traspassos nas occasiões em que lhes seja preciso faze-los: na rua dos Pires n. 33.—Manoel Gomes Veigas.

BILHETES DE LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.

Acham-se expostos a venda junto ao arco de Santo Antonio, os novos bilhetes da 2ª loteria do Asylo de Santa Leopoldina, extrahida de 5 a 8 do presente, as listas vem pelo primeiro vapor que sahir depois daquella data, e chegará aqui ate 17 do corrente. Os bilhetes são pagos de conformidade com os annuncios ja feitos, e por isto só se vendem a dinheiro a vista, por causa de se acharem muitos bilhetes vendidos ha tempos, e os Srs. que mereceram a confiança tomando-os a credito não tem correspondido assim com o que trataram, com cuja morosidade directamente influem a haver duvidas e para evitar questões, espero que quanto antes venham satisfazer seus debitos a Jose Euzebio Alves da Silva.

— Hypotheca-se ou vende-se uma casa terrea, construida a moderna, em boa localidade nesta praça: a fallar com Joaquim dos Reis Gomes, nos Coelhos, ou na rua da Gloria n. 32.

— Precisa-se alugar uma preta que cozinhe e engomme para o serviço interno de uma casa de pequena familia; paga-se bem: na rua Imperial, casa n. 191.

— Precisa-se de um bom cozinheiro para uma casa estrangeira; a tratar na rua do Trapiche n. 8, primeiro andar.

— O abaixo assignado comprou aos Srs. credores de Manoel João Francisco Duarte a loja da rua Nova n. 10, e as dividas da mesma; por isso roga-se aos Srs. devedores mandem pagar seus debitos no prazo de 8 dias, do contrario serão entregues as contas ao procurador para promover a cobrança. Recife 15 de novembro de 1856.

João Ignacio Soares de Avellar.

— Precisa-se de uma ama para o serviço de uma casa de pouca familia; na rua de Apollo n. 1 B, armazem de assucar.

— Precisa-se de uma ama que tenha bom e bastante leite: no pateo da Santa Cruz n. 2, sobrado de um andar, ou na rua do Queimado n. 41.

Compras.

— Compra-se uma casa terrea que seja em boa rua: na rua da Cadeia Velha n. 13, se dira' quem pretende.

— Compram-se apolices da divida provincial, na rua das Flores n. 37 1.º andar.

— Compram-se garrafas vasias a 8$000 o cento: na rua da Senzala Velha n. 110, no deposito de bebidas espirituosas.

— Compra se effectivamente, latão bronze e cobre velho: no deposito da fundição da Aurora, na rua do Brum, logo na entrada n. 28, e na mesma fundição, em Santo Amaro.

— Compram-se «Diarios» para embulho, a 100 rs. a libra: na padaria do pateo da Santa Cruz n. 55, junto ao sobrado.

— Compra-se uma planta de capim, que dê para sustento de dous animaes, e tambem se fara' negocio com o terreno por compra ou aluguel, não excedendo o lugar de meia legua de distancia do Recife: a tratar na rua do Pocinho, em casa do capitão Franca.

— Compra-se uma carteira de uma só face com o competente mocho ou sem elle: na praça da Independencia n. 4.

— Compra-se uma preta de 16 a 22 annos, de bonita figura e que tenha habilidades, sem molestia nem vicio algum, e que se venda por alguma outra circumstancia: na rua da Cruz n. 35. Na mesma casa aluga-se uma preta velha, captiva, que saiba cozinhar o diario de uma casa de pouca familia e vender na rua, a tarde.

Vendas.

CERA DE CARNAUBA, ABELHA E SEBO.

Na rua da Cadeia do Recife, loja n. 50, ha para vender cera de carnauba nova e boa, dita de abelha, e sebo em rama superior.

CHALES DE TOQUIM DA INDIA.

Na rua da Cadeia do Recife, loja n. 50, defronte da rua da Madre de Deos, ha para vender um chales de toquim de peso da India, branco, todo bordado, o mais rico que póde haver neste genero.

NOVIDADE.

Bicos e rendas de puro linho, proprios para toalhas e saias de senhoras, finissimas flores de pennas e obras de ouro de 20 quilates, e bom gosto: vendem-se na rua do Collegio n. 20, segundo andar.

— Vende-se uma casa terrea, sita na travessa dos Quarteis, por preço commodo: a tratar na rua da Lingueta n. 3, das 7 as 10 horas da manhãa, e de 1 as 6 da tarde.

— Vende-se um braço de balança de Romão, grande, ja usado, com cabos e conxas de madeira: na padaria do pateo de Santa Cruz, n. 55, junto ao sobrado.

— Vende-se um cabriolet novo e moderno: na rua dos Pires n. 28.

VINHO DO PORTO.

Vende-se muito superior vinho do Porto em barris de 8.º, vindo no ultimo navio daquella procedencia: entre elle ha uma marca de uma qualidade genuina, sendo da colheita de 1834; a vista da muito fina qualidade e do preço razoavel o comprador anima-se: na rua de Apollo n. 10, armazem de assucar.

Cemento.

Vende-se cemento novo em barricas e meias barricas, e a retalho, por preço muito em conta: na rua da Cadeia de Santo Antonio n. 17, para acabar.

— Vendem-se mergulhos de parreira muscatel muito bons, e alguns pés de flores, por preço muito em conta: na rua do Hospicio junto a taberna se dira' quem vende; assim como quem precisa de uma pessoa para cozinhar e engommar.

— Vende-se um mulatinho com 3 annos de idade: a tratar na Ponte Velha da Boa-Vista n. 33, taberna.

— Vende-se uma loja de couros e calçados na rua Direita n. 55, com poucos fundos, a dinheiro: trata-se com o dono na mesma, das 10 horas ate o meio dia.

Farinha da terra

Vendem-se saccas com farinha nova e torrada: na rua da Cadeia do Recife n. 23, loja.

— Vendem-se borzeguins a imitação dos francezes, de todas as cores, e outras obras de bom gosto; precisa-se de officiaes de sapateiro para taxiar e coser, e tambem aprendizes para ensinar ou mesmo aperfeiçoar, e conforme o contrato que se fizer os aprendizes farão qualquer obra perfeita em pouco tempo: na rua dos Quarteis n. 14 6 a

— Vende-se um cavallo mellado, novo, com muito bons andares e bonito: quem pretender dirija-se a cocheira de José Lopes Guimarães, na rua da Florentina.

Na loja das seis portas

Em frente do Livramento

Pescocinhos do mais fino pello branco e de côr para as senhoras porem ao pescoço a' sahida dos bailes e theatro para não constiparem, preço cinco mil rs., lenços de retroz matisados a dez tustões, romeiras pretas bordadas de côr a dous mil rs., lenços de seda de cor para pescoço e mão de senhoras a dez tustões, camisas de cambraia bordadas a dous mil rs., manguitos a dez tustões, collarinhos de recortes a dez tustões, e de massa a pataca cada um, saias brancas bordadas a dous mil rs., luvas de seda pretas a dez tustões: da-se amostras de tudo, levando penhor que equivala o que se quer ver.

— Vende-se ou permuta-se por qualquer propriedade nesta praça ou fóra della, distancia de cerca de duas legoas, não sendo em Beberibe; e tambem se arrenda por preço muito razoavel, sendo a brasileiro, um sitio em Beberibe, tem uma casa regular com 6 quartos e sala, toda envidraçada, estribaria com 50 palmos de comprido e 30 de largura, tem fructeiras e capim, e baixa grande para plantar o que quizer, e para ter vaccas de leite em abundancia, lenha e agua para gasto de casa e para fazer cercado, e outras muitas commodidades, e para não ser mais extenso particularmente se dira' ao pretendente; tem 4 bois mansos e 3 carroças, este negocio se fara' com quem quizer: na rua do Vigario n. 19, terceiro andar.

— Vendem-se 6 escravas de idade de 28 a 30 annos, com algumas habilidades: na rua Direita n. 3.

Pranchões de pinho.

Vendem-se na fabrica de velas da rua do Brum, mais em conta do que em outra qualquer parte.

— Vende-se a taberna sita no becco Largo do Recife n. 6: a tratar na mesma.

— Vendem-se saccas com milho e ditas com farinha; na rua das Flores n. 21, taberna confronte ao porto das canoas.

— Na travessa da Madre de Deos, no segundo andar do sobrado n. 16, ha para vender-se uma escrava moça de 20 annos, pouco mais ou menos, e tem bonita figura.

Capachos grandes.

São chegados a loja de miudezas, na rua da Cadeia do Recife n. 45, optimos capachos em fórma de tapete, proprios para sofás em casas terreas, os quaes se vendem por preços commodos.

— Vendem-se 12 cadeiras modernas, de amarello, com assento de palhinha, por preço commodo: na rua dos Pires junto a caixa d'agua.

— Sal superior de Cadiz: vende-se em casa de Schramm Whately & Companhia.

Vendem-se para liquidação as fazendas abaixo mencionadas, existentes na loja n. 10 da rua Nova: chapeos de castor branco, ditos pretos francezes, ditas para senhora e meninas, ditos para baptisado de crianças, toucas para os mesmos e senhoras, enfeites para cabeça, flores finas, pennas, manteletes, capotinhos, romeiras, manguitos, leques, chales de retroz bordados, lencinhos de dito, luvas de seda e pellica, bicos de blonde, ditos de linho, fitas de seda e velludo, damasco encarnado, azul e amarello, setim de cores, macas e saccos para viagem; e outras muitas fazendas que seria enfadonho mencionar, e que se vendem por metade do seu valor.

Ricos chales

Chegaram a loja de Santos Coelho, rua do Queimado n. 19,

lindissimos chales de touquim, sendo matizados e de uma só côr; ditos de casemira verdadeiros com lindas palmas, sendo uma matizada e outra de uma só côr; a elles antes que se acabem, pois são poucos.

—Vende-se muito barato um cavallo pedrez bastante grande, gordo sem achaques, proprio para carro e mesmo para sella, por andar baixo: quem o quizer comprar pode-se dirigir-se a rua da Cruz, no armazem n. 27, que se lhe mandara' mostrar.

Na loja das seis portas

Em frente do Livramento

Indispensaveis camisas para homem com peitos de esguião francezas a dez tustões, peças de cambraia lisa com oito varas e meia para vestido de dous e tres babados a tres mil rs., córtes de cassa chita com sete varas a quatro patacas e meia, filó preto de chuvisquinhos para camisas a quatro patacas a vara, chales de merino de todas as cores a quatro mil e quinhentos, chales de cassa adamascados para ir ao banho a sello, chales escuros para casa nas manhãas frias a duas patacas, tudo se vende barato a dinheiro avista para acabar antes do balanço.

VINAGRE EM BARRIS.

Superior a marca PRR e Falcão & Socios, acha-se a' venda no armazem do Valença, rua de Apollo n. 13.

— Vende-se uma escrava moça de nação, cozinha, engomma e lava, tudo com perfeição: na rua Direita, taberna n. 72.

PARA ACABAR.

Na rua Nova, loja franceza n. 8, confronte a Camboa do Carmo,

vendem-se chapeos de seda para senhora, da ultima moda e qualidade, com um leve toque de mofo, pelo baratissimo preço de 10$ cada um.

Na loja das seis portas.

Em frente do Livramento.

A doze vintens o covado de alpaca franceza para vestido de senhoras, largura quatro palmos, chaly de flores, fazenda de gosto a duas patacas o covado, chitas escuras que não desbotam a meia pataca o covado, e de cores a seis vintens, riscados francezes a meia pataca, e largos a dous tustões, cassas pintadas a meia pataca o covado, riscado trançado para roupa de escravos a seis vintens o covado, cassas escocezas a doze vintens o covado, e todas as mais fazendas por preços que convidam a enroupar para a festa. A loja esta aberta das seis da manhãa as nove da noite.

CABRIOLET.

Vende-se um optimo cabriolet; para ver na cocheira do Sr. major Silveira, na rua da Cadeia de Santo Antonio; e para tratar na rua do Queimado, loja de miudezas da Boa Fama n. 33.

Aviso aos barbeiros.

Na rua da Cruz n. 51, sala de barbeiro, de Antonio Barboza de Barros, vendem-se bichas de Hamburgo, pelo diminuto preço de 20$000 o cento, as mais modernas do mercado; assim como se alugam mais barato do que em outra parte, e se vende a retalho.

Colxetes francezes.

Vendem-se cartões com 24 pares de colxetes francezes a 60 rs. cada um, meias cruas para homem a 140 o par, e duzias a 1$600 rs.: no aterro da Boa-Vista n. 78.

*V*aquetas para carro:

Vende-se muito superior vaquetas para cobrir carro, por commodo preço: no aterro da Boa-Vista n. 78.

— Vende-se um bom cabriolet, descoberto, com arreios de metal principe e todo massiço: na rua Nova, cocheira por baixo da camara municipal.

As Bragas.

No deposito de pão da rua da Cadeia de Santo Antonio n. 6, vendem-se as já bem conhecidas bolachas d'ovos a moda de Braga a 500 rs., e chá da India o mais superior a 2$500 a libra.

—Vende-se um bonito cavallo rodado e bom andador: a tratar na rua do Queimado, com o Sr. Manoel José Leite.

Superior cal de Lisboa.

Vende-se superior cal de Lisboa: no armazem de Novaes & C., rua da Madre de Deos n. 12, por preço commodo.

Velas de carnaúba.

Vende-se a 12$000 a arroba de velas de carnauba do Aracaty na rua do Queimado loja de ferragens n. 69.

Relogios

obertos e descobertos, pequenos e grandes, de ouro e prata, patente inglez, para homem e senhora, de um dos melhores fabricantes de Liverpool, vindos pelo ultimo paquete inglez: em casa de Southall Mellor & Companhia, rua do Torres n. 38.

Relogios de patente

inglezes de ouro, de sabonete e de vidro: vendem-se a preço razoavel, em casa de Augusto C. de Abreu, na rua da Cadeia do Recife, armazem n. 36.

— Na rua do Trapiche n. 14, escriptorio de Manoel Alves Guerra, vende-se por commodo preço o seguinte: — superior vinho do Porto em barris de oitavo, chapeos de feltro, e sabão amarello fabricado no Rio de Janeiro.

UM VESTIDO POR 2$000.

Novo e completo sortimento de cortes de vestido de chita de differentes padrões, cores fixas, pelo diminuto preço de 2$ cada corte: na loja de 4 portas, na rua do Queimado n. 10.

DEPOSITO DA FABRICA
Industria Pernambucana,
RUA DO CRESPO N. 9.

A fabrica de sabão e velas de carnauba, estabelecida na rua do Brum, tem estabelecido um deposito na rua do Crespo n. 9, para ahi unicamente dar extracção aos seus productos, proporcionando assim a maior commodidade aos consumidores. As velas manufacturadas nesta fabrica, offerecem as vantagens seguintes: são feitas com a carnauba simples purificada pelo meio do vapor, são inodoras e bellas na apparencia, queimam com igualdade e não esborram, e não fazem murrão e dão mais luz e mais clara do que as velas stearinas ou de qualquer composição, e que se vendem no mercado. Fabricam-se de 6, de 7 e de 10 em libra, vendendo-se em caixas que contem 192, 224 ou 320 velas cada uma pelo preço de 15$.

O sabão he branco, as materias primas de que he fabricado são simples e inofensivas, o cheiro que deixa na roupa he agradavel; rivalisa com o melhor sabão hespanhol e he superior ao sabão americano, que se vende no mercado a 240 rs. a libra.

Vende-se igualmente em caixas de arroba e a preço de 160 rs. cada libra.

Os incredulos comprando reconhecerão por experiencia a veracidade do que se annuncia.

— Em casa de Henr. Brunn & Companhia, na rua da Cruz n. 10, vende-se cognac em caixinhas de duzia.

— Vende-se um sabiá bonito e muito cantador: no pateo da Santa Cruz n. 2, sobrado de um andar.

Pekim.

Esta rica fazenda de 6 palmos de largura he inteiramente nova em Pernambuco; fabricada no celeste imperio, de cuja capital tira o nome, he de uns padrões lindissimos e ainda não vistos até agora: vende-se pelo baratissimo preço de 2$600 o covado: na rua do Queimado n. 7, loja da estrella.

AGENCIA

Da fundição Low-Moor, rua da Senzala-Nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor e taixas de ferro batido e coado de todos os tamanhos para dito.

LABYRINTHOS.

Vendem-se lenços e toalhas de labyrintho, assentado em fina cambraia de linho: na rua da Cruz n. 31, primeiro andar.

CAL E POTASSA

Vende-se potassa da Russia e americana, chegada nestes dias e de superior qualidade; cal de Lisboa da mais nova que ha no mercado: nos seus depositos na rua de Apollo n. 1 A, e 2 B.

Cal de Lisboa e potassa.

Na rua do Trapiche armazens ns. 9 e 11, vende-se superior potassa da Russia e americana, cal virgem de Lisboa, da mais nova que ha no mercado

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa de capim: na fundição de D. W. Bowman, na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

— Em casa de Saunders Brothers & C., praça do Corpo Santo n. 11, ha para vender o seguinte:
Ferro inglez.
Pixe da Suecia.
Alcatrão de carvão.
Lonas de linho.
Esponjas.
Drogas.
Algodão lizo para saccas.
Dito entrançado igual ao da Bahia.
E um completo sortimento de fazendas proprias para este mercado: tudo por preço commodo.

Farinha de mandioca.

Vende-se superior farinha de Santa Catharina, em saccas que tem um alqueire (medida velha) por preço commodo: no armazem de Novaes & C., na rua da Madre de Deos n. 12.

A 3$500

Vende-se cal de Lisboa ultimamente chegada, assim como potassa da Russia verdadeira: na praça do Corpo Santo n. 11.

TAIXAS PARA ENGENHO.

Na fundição de ferro de D. W. Bowmann na rua do Brum, passando o chafariz, continúa haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 3 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidão: embarcam-se ou carregam-se em acrro sem despeza ao comprador.

— Vende-se superior linha de algodão branca e de cores, em novello, para costura: em casa de Southall Mellor & Companhia, rua do Torres n. 38.

Vinho do *P*orto

Vende-se vinho do Porto das mais acreditadas marcas, em caixas de uma e duas duzias, e em barris de quarto, quinto, oitavo e decimo, por preços commodos: na rua da Madre de Deos, loja n. 31.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se vinho do Porto de superior qualidade da bem conhecida marca GW em pipas, barris e caixas de uma e duas duzias de garrafas.

— A verdadeira gracha ingleza n. 97, em barricas de 15 duzias de potes: em casa de James Crabtree & C., rua da Cruz n. 42.

— Vendem-se saccas com farinha, de alqueire, medida velha a 5$000: na rua do Vigario, taberna de João Simão.

CEBOLAS.

Continua-se a vender cebolas soltas a 500, 640 e 800 rs. o cento, e de molho a 900 a 1$200: na travessa da Madre de Deos n. 18; e assim como batatas de Lisboa a 2$400 a arroba, sendo de uma arroba para cima.

RICOS ESTOJOS PARA COSTURA.

Vendem-se muito bonitas caixinhas com repartimentos proprias para costura a 2$500, 3$ e 3$500: na rua do Queimado loja de miudezas da boa fama n. 33.

REMEDIO INCOMPARAVEL.

UNGUENTO HOLLOWAY.

Milhares de individuos de todas as nações podem testemunhar as virtudes deste remedio incomparavel, e provar em caso necessario, que, pelo uso que delle fizeram, tem seu corpo e membros inteiramente sãos, depois de haver empregado inutilmente outros tratamentos. Cada pessoa poder-se-ha convencer dessas curas maravilhosas pela leitura dos periodicos que lh'as relatam todos os dias ha muitos annos; e a maior parte delas são tão sorprendentes que admiram os medicos mais celebres. Quantas pessoas recobraram com este soberano remedio o uso de seus braços e pernas, depois de ter permanecido longo tempo nos hospitaes, onde deviam soffrer a amputação! Dellas ha muitas, que havendo deixado esses asylos de padecimento, para se não submetterem a essa operação dolorosa, foram curadas completamente, mediante o uso desse precioso remedio. Algumas das taes pessoas, na efusão de seu reconhecimento, declararam estes resultados beneficos diante do lord corregedor, e outros magistrados, afim de mais autenticarem sua affirmativa.

Ninguem desesperaria do estado de sua saude se tivesse bastante confiança para ensaiar este remedio constantemente, seguindo algum tempo o tratamento que necessitasse a natureza do mal, cujo resultado seria provar incontestavelmente: Que tudo cura!

O unguento he util, mas particularmente nos seguintes casos.

Alporcas.	Inflammação da matriz.
Caimbras.	Lepra.
Callos.	Males das pernas.
Canceres.	— dos peitos.
Cortaduras.	— de olhos.
Dores de cabeça.	Mordeduras de reptis.
— das costas.	Picadura de mosquitos.
— dos membros.	Pulmões.
Enfermidades da cutis em geral.	Queimadelas.
Enfermidades do anus	Sarna.
Erupções escorbuticas	Supurações putridas.
Fistulas no abdomen.	Tinha, em qualquer parte que seja.
Frialdade ou falta de calor nas extremidades.	Tremor de nervos.
Frieiras.	Ulceras na bocca.
Gengivas escaldadas.	— do figado.
Inchações.	— das articulações.
Inflammação do figado — da bexiga.	Veias torcidas ou nodadas nas pernas.

Vende-se este unguento no estabelecimento geral de Londres n. 244, «Strand,» e na loja de todos os boticarios, droguistas e outras pessoas encarregadas de sua venda em toda a America do Sul, Havana e Hespanha.

Vende-se a 800 rs. cada boccetinha, contem uma instrucção em portuguez para explicar o modo de fazer uso deste unguento.

O deposito geral he em casa do Sr. Soum, pharmaceutico, na rua da Cruz n. 22, em Pernambuco.

LEQUES FINOS.

Vendem-se leques muito finos com ricas pinturas, espelho e plumas a 2$, 3$500 e 4$: na rua do Queimado loja de miudezas da boa fama n. 33.

VENDEM-SE CAPACHOS

pintados, compridos e redondos a 700 e 800 rs; na rua do Queimado loja da boa fama n. 33.

Navalhas a contento.

Continua-se a vender a 8$000 o par (preço fixo) e já bem conhecidas navalhas de barba, feitas pelo habil fabricante que ha sido premiado em diversas exposições: vendem-se com a condição de não agradando poder o comprador devolve-las até 30 dias depois da compra, restituindo-se a importancia: em casa de Augusto C. de Abreu, na rua da Cadeia do Recife n. 36.

Vinho do Porto, superior chamiço.

Em caixas de 2 duzias e em barris de oitavo, recentemente chegado pelo brigue «Trovador»; vende-se unicamente no armazem de Barroca & Castro, na rua da Cadeia do Recife n. 4.

—Vendem-se dous pianos fortes de jacarandá construcção vertical e com todos o melhoramentos mais modernos, tendo vindo no ultimo navio de Hamburgo: na rua da Cadeia, armazem n. 8.

POTASSA E CAL VIRGEM.

No antigo e já bem conhecido deposito da rua da Cadeia do Recife, escriptorio n. 12, ha para vender muito superior potassa da Russia, dita do Rio de Janeiro e cal virgem de Lisboa em pedra, tudo a preços muito favoraveis, com os quaes ficarão os compradores satisfeitos.

MECHANISMO PARA ENGENHO.

NA FUNDIÇÃO DE FERRO DO ENGENHEIRO DAVID W. BOWMAN, NA RUA DO BRUM, PASSANDO O CHAFARIZ,

ha sempre um grande sortimento dos seguintes objectos de mechanismos proprios para engenhos, a saber: moendas e meias moendas da mais moderna construcção; taixas de ferro fundido e batido, de superior qualidade e de todos os tamanhos; rodas dentadas para agua ou animaes, de todas as proporções; crivos e boccas de fornalhas e registros de boeiro, aguilhões, bronzes, parafusos e cavilhões, moinhos de mandioca, etc. etc

NA MESMA FUNDIÇA'O.

se executam todas as encommendas com a superioridade já conhecida e com a devida presteza e commodidade em preço.

Chaly de flores

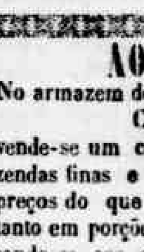
SOLTAS E LISTRAS A 800 RS. O COVADO.

Na rua do Queimado n. 21 A vende-se chaly de flores soltas e listras, padrões modernos; dão-se as amostras com penhor.

Setins de quadros

LARGOS E MIUDINHOS A 1$200 O COVADO.

Na rua do Queimado n. 21 A vende-se sedinhas de quadros miudos e largos a 1$200 o covado, cortes de cassa miudinhas de pinta a 2$800, murcelina a 360 o covado, dita matizada a 500 o covado, chitas francezas a 260 o covado.



Vendem-se sellins com pertences, patente inglez e da melhor qualidade que tem vindo a este mercado: no armazem de Adamson Howie & C., rua do Trapiche n. 42.

AO PUBLICO.

No armazem de fazendas baratas, rua do Collegio n. 2,

vende-se um completo sortimento de fazendas finas e grossas, por mais barato preços do que em outra qualquer parte, tanto em porções como a retalho, affiançando-se aos compradores um só preço para todos: este estabelecimento abrio-se de combinação com a maior parte das casas commerciaes inglezas, francezas, allemãos e suissas, para vender fazendas mais em conta do que se tem vendido, e por isto offerecem elle maiores vantagens do que outro qualquer; o proprietario deste importante estabelecimento convida á todos os seus patricios, e ao publico em geral, para que venham (a bem dos seus interesses) comprar fazendas baratas: no armazem da rua do Collegio n. 2, de—Antonio Luiz dos Santos & Rolim.

—N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4, vendem:
Lonas da Russia.
Idem inglezas.
Brinzão.
Brins da Russia.
Vinho de Madeira.
Algodão para saccos de assucar.

VENDE-SE

Graxa de patente, prova d'agua, para arreios de carro.

Vinho do Rheno de qualidades especiaes—Johannisberg e Marcobrunner.

No armazem de C. J. Astley & C.

Algodãozinho da Bahia

para saccos de assucar: vende-se em casa de N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4.

HE MUITO BARATO.

Chales de merino de lindas cores com ricas palmas bordadas a matiz pelo diminuto preço de 8$; na rua do Queimado n. 22 na loja da Boa Fé, defronte da loja da Boa Fama.

— Rua Nova n. 18 loja de M. A. Cajú & C. continua sempre a ter um grande sortimento de obras feitas de alfaiate, tanto superior, como mais inferior, camisas francezas, brancas e de cores, gravatas, colarinhos, chapéos francezes, ditos de sol, de seda e panninho, suspensorios de borracha, meias para senhoras, homens, meninos, fazendas para fazer-se qualquer obra de encommenda com a maior presteza e bom desempenho, em fim qualquer pessoa que vier a esta loja, tirará um facto completo e por preço mais commodo do que em outra qualquer parte.

RUA DA CRUZ N. 51.

Antonio Barbosa de Barros faz sciente ao publico que mudou a sua sala de barbear da casa n. 62 da rua da Cruz para a de n. 51 da mesma rua; na mesma sala se acham as mais modernas bichas de Hamburgo, que se vendem aos centos e a retalho, e alugam-se, tudo mais barato do que em outra parte.

Xarope do Bosque verdadeiro

RUA LARGA DO ROSARIO N. 36.

Continúa a vender-se este xarope (do qual são agentes no Rio de Janeiro os Srs. Yales & Companhia, rua do Hospicio n. 40), na botica do abaixo assignado, que garante ser verdadeiro.

Bartholomeo Francisco de Souza.

VINHO DO PORTO GENUINO.

Vende-se optimo vinho do Porto em barris de quarto e oitavo, por preço razoavel: na rua da Cadeia do Recife n. 13, escriptorio de Baltar & Oliveira.

A ttenção!

Na rua do Trapiche n. 54, ha superior rapé Princeza do Brasil, chegado recentemente do Rio de Janeiro, em qualidade pouco differe do de Lisboa, ao passo que custa apenas 1$400 a libra; a elle antes que acabe, pois a remessa he pequena.

Rapé de Lisboa.

PELO VAPOR D. PEDRO II:
na rua do Queimado n. 55.

Brilhantine

A 10$000 O CORTE.

Com este titulo chegou pelo ultimo navio francez lindos cortes de seda escoceza de lindos gostos: na rua do Queimado n. 21 A.

Escravos fugidos.

— No dia 8 do corrente mez de novembro fugio o escravo Geraldo, pertencente a herança do fallecido Norberto Joaquim José Guedes, o qual he preto mas fula, tem no rosto muitas marcas de bexigas, he de estatura regular, e tem duas cicatrizes ainda dos causticos, que se lhe applicaram quando soffreu o cholera no tempo da epidemia, sendo uma no peito e outra na nuca; levou camisa de algodão, e calça de algodão com riscas encarnadas, mas talvez tenha mudado de roupa, porque elle he crioulo e bastante esperto: pede-se aos senhores encarregados da policia, e pessoas que se encarregam de apprehender escravos fugidos, para apprehenderem o supra referido e o levarem ou mandarem entregar na casa da rua de Apollo n. 2 A, no bairro do Recife, e ahi mesmo receberão a justa indemnisação.

— No principio de outubro do corrente anno desappareceu do poder de seu senhor o Dr. Manoel Dantas Correia de Goes, morador na Serra do Teixeira, um mulatinho de nome Remigio, de idade de 11 annos, pouco mais ou menos, acaboclado, cabellos cacheados, com marcas de bexigas na cara, dous dentes da frente quebrados, tem uma pequena cicatriz na fonte esquerda, na idade de 6 annos tinha muitas marcas de chicote nas costas, que ainda hoje se conhecem applicando a vista, desconfia-se que foi seduzido e furtado para ser vendido, e protesta-se contra todos os que tem concorrido para esse fim: quem o apprehender, sendo nesta cidade do Recife, leve-o ao largo da Assembléa, prensa n. 10, de José Ribeiro de Brito, e sendo no interior, à casa de seu senhor, que n'um ou outro lugar serão bem recompensados.

— Fugio do engenho Alegrete, freguezia de Agua Preta, o escravo Izidoro, crioulo, de idade de 24 annos, altura regular, secco do corpo porém robusto, sem barba, cor um tanto fula, e tem um defeito no dedo indicador da mão direita, he rendido de uma verilha, muito ladino e civilisado, alegre, toca viola, inculca-se forro e que sabe ler, procurou nesta cidade o Sr. tenente-coronel João Pinto de Lemos Junior para o comprar, e hontem depois de ter sido entregue pelo dito Sr. a Antonio Leite P. Basto, desappareceu em occasião que foi buscar uma roupa em casa do referido senhor: roga-se a qualquer autoridade policial e capitães de campo apprehensão e levem ao referido engenho ao Sr. coronel Zeferino da C. Basto, ou nesta cidade a Antonio Leite Pereira Basto, na rua da Cadeia n. 17, que serão bem recompensados.

— Esta' absente ha muitos dias de casa o moleque Antonio, bem conhecido porque costumava andar vendendo, como porque tem estado alugado em varias casas, elle tem a orelha furada com uma argola do feitio de uma meia lua, e o chamam Niquinho, tem sido visto no Recife pela rua da Aurora, e anda sempre em companhia de um preto que tem falta de um braço, e diz que não está fugido, mas sim ganhando semana: na travessa da Trempe n. 9.

— No dia 18 do corrente pelas oito horas da manhãa fugio um negro por nome Antonio, o qual he de nação com os signaes seguintes: côr fula, pouca barba, puxa do quarto direito, os pés apalhetados, e no pé do lado direito tem algumas costuras imitando calor de figado, levou calça azul de riscado, camisa azul, chapéo de palha: este negro tem um irmão que he cortador de carne nos açougues da freguezia de Santo Antonio, sendo este o seductor daquelle, segundo que se tem sabido; foi escravo do Sr. academico Antonio Rogerio Freire de Carvalho, morador atraz da matriz da Boa-Vista, tendo vindo com o mesmo academico de Agua-Preta, talvez tomasse esta estrada; portanto pede-se a todas autoridades onde o mesmo for encontrado, e os capitães de campo hajam de aprehender, ou leva-lo ao seu legitimo senhor abaixo assignado na rua larga do Rosario n. 48, que generosamente paga a quem o trouxer.—Bernardo de Cerqueira Castro Monteiro.

— Continua a estar fugido o escravo Antonio de nação Cassange, de idade de 35 annos pouco mais ou menos, altura regular, cangueiro no andar, cor preta, rosto redondo, sem barba, costas limpas, cheio do corpo, e conversa pouco; foi escravo dos herdeiros do finado Caetano Gonçalves da Cunha; ha quasi certeza de andar para as partes do sul desta provincia, se alguem acoitar o dito escravo fique certo de que o dono ha de proceder com todo o rigor das leis contra o acoitador, e a quem o capturar promette-se pagar com generosidade, sendo conduzido a rua da Guia n. 64 segundo andar nesta praça, ou no engenho Crusahy, ou Agua-Fria da freguezia de S. Lourenço da Matta.

— Fugio hontem as 7 horas da noite um escravo mulato, de nome Thomaz, alto, reforçado do corpo, com marcas de bexigas, pernas grossas e nellas marcas de cicatrizes nas canellas, falla com muita mancidão; levou camisa de panno azul grosso guarnecida de ourello branco nas hombreiras e punhos, aberta na frente em fórma de palitó: este escravo he natural da Parahiba, e foi escravo do Sr. Carlos Coelho que o houve por herança de seu sogro José Joaquim de Souza daquella cidade, e foi comprado pelo abaixo assignado ao Sr. Hilario de Athayde Vasconcellos Junior, morador no engenho Tapuá, freguezia do Pilar da dita provincia: quem o pegar leve-o a rua da Concordia a Pedro Antonio Teixeira Guimarães, que sera' generosamente gratificado. Recife 1. de outubro de 1856.

Pedro Antonio Teixeira Guimarães.

PERN.: TYP DE M. F. DE FARIA 1856

ILEGÍVEL